REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL.

TOMO XIX. — 3.° TRIMESTRE DE 1856. — N.° 23.

ICONOGRAPHIA BRAZILEIRA.

Quando em 1852 recolhia os materiaes para um trabalho de que me havia encarregado o Instituto Historico, concebí a idéa de bosquejar uma obrinha com este titulo, para servir de complemento ao Plutarco Brazileiro. O titulo do meu opusculo indicava uma collecção de imagens, ás quaes juntaria algumas noticias biographicas.

A minha tentativa levava em mira um pensamento nacional, qual o de fazer com estes exemplos fructificar no animo da mocidade outros de maior valia; porém este trabalho foi interrompido por graves enfermidades, que me impossibilitaram a execução de obras sérias e aturadas; e pelas novas obrigações a que fui chamado pelo governo imperial, afim de realisar a reforma dos estudos na Academia das Bellas Artes.

Durante os annos de 54 e 55, não me foi possivel tocar nos meus papeis, e nem tão pouco juntar um só verso a uma obrinha que me suavisa a vida nas horas em que n'ella trabalho, porque n'essas horas me illudo, e creio que ainda sou artista.

Para que se não percam pois aquelles apontamentos, authenticados por documentos, e pelas origens fieis d'onde os colhi, começarei a publica-los pouco a pouco, afim de que sirvam um dia áquelle que desejar fazer mais este serviço á nossa patria.

O espirito da actualidade começa a reagir contra a escola do indifferentismo, contra o esquecimento dos mortos, contra as praticas

da ingratidão, que são a base da imprevidencia e decomposição social. O Instituto Historico e a Santa Casa da Misericordia tem altamente protestado, e dado exemplos de solemne reconhecimento com o intuito de combater este criminoso egoismo.

O filho que não derrama uma lagrima, ou não lança uma flôr sobre a sepultura de seu pai, ensina a seus proprios filhos a ingratidão ; assim como a geração que não commemora os serviços de seus antepassados, prepara-se para receber o mesmo esquecimento que a deslustra : a humanidade é uma cadêa de idéas, cujos elos estão na memoria successiva do homem. A maioria dos velhos, que abençoam a sua época e maldizem a mocidade, deveria ser castigada na praça publica, porque a mocidade é sempre o espelho das idéas e praticas de seus pais.

As gerações que levam o mercado ao throno do legislador e á cadeira do juiz, as que convertem os altares em hasta, preparam para si uma velhice medonha, pelos crimes que absolvem e pelos fructos da impunidade, o maior de todos os flagellos sociaes.

Para contrabalançar as más tendencias, e guiar o espirito da mocidade, as grandes nações, que são aquellas que tem severos e proveitosos pensadores, estabelecem premios para os vivos, e um culto especial para os mortos; estabelecem pantheões diversos, afim de que estes fallem ás vistas do povo, e ao coração do homem intelligente. Estes pantheões não são somente de pedra e cal, não são unicamente compostos de mausoleos, cenotaphios, ou outros jazigos monumentaes, onde se ostentam o marmore e o bronze, são tambem compostos de livros especiaes, cujas narrações edificam, como a palavra solemne da historia.

O nosso governo que faz hoje tão grandes e justos sacrificios pecuniarios para a facil locomoção do individuo, e permutação dos generos commerciaes, deveria acompanhar este pensamento com os outros meios auxiliares para um mais rapido commercio das idéas nacionaes, as quaes se tornam mais fecundas e proficuas quando são elaboradas no proprio solo. Bons livros, bons mestres. A facilidade que temos em adquirir livros estrangeiros nos desvia de um estudo

sério das cousas da patria: a maior parte dos nossos jovens conhecem mais as riquezas naturaes e as tradições alheias do que as proprias; conhecem mais os individuos estranhos do que os nacionaes.

Quando os nossos legisladores decretarem um pantheão, não digo um edificio sumptuoso, mas um lugar sagrado e decente, onde se recolham os restos mortaes dos nossos benemeritos, onde o paisano repouse a par do general, e que n'esse lugar, em dia marcado, va o Imperador derramar flôres sobre essas sepulturas singelas, o Brazileiro verá que o ouro não é a unica recompensa da terra, e que acima d'elle está a pobreza de um José Bonifacio de Andrada, a de um visconde de Cayrú, de um São Leopoldo, de um padre Caldas, de um franciscano, ou de um musico como José Mauricio. A mocidade, a generosa e heroica mocidade seguirá o rumo da estrella do céo da patria, e não confundirá jamais esse astro com a moeda brilhante que salta das machinas de cunhar, na casa da moeda. Quando o ouro é um deus, o homem é uma fera.

O contacto da geração viva com a dos mortos faria desapparecer esta secção criminosa entre os herdeiros e os testadores de tantos bens; faria desapparecer este desamor que mostramos para com os nossos antepassados, para com nossos pais intellectuaes, que foram os creadores d'esta ordem social, que marchará a maior perfeição, se a auxiliarmos com os incentivos experimentados, por serem os mais naturaes e os mais proprios do coração humano.

A inveja virá sem duvida oppôr-se a estas idéas generosas, pretextando difficuldades no processo da escolha dos varões dignos de uma tão justa apotheose, porém nada ha de mais simples: o tempo, o grande mestre das cousas humanas, consummará a obra se o juizo contemporaneo fluctuar, ou for injusto.

O homem que inscreveu todo o ser social no circulo da familia, cumpriu o dever que lhe impõem a ordem; os seus restos mortaes não pertencem á patria, como os d'aquelle que se votou á grande missão civilisadora, ou o que fez abnegação de si por amor do proximo. Aos architectos da civilisação deve sómente pertencer esta recompensa.

A estatua equestre do fundador do imperio vai ser o primeiro exemplo do reconhecimento publico, a primeira pagina solemne que a cidade e provincia do Rio de Janeiro offerecem para a edificação do futuro, e testemunho de gratidão nacional. Que differença entre os actos da tentativa immediata á independencia com os de hoje, apezar de haver tido o governo de então uma directa influencia na subscripção?! Os odios da parcialidade e os resentimentos do egoismo já desappareceram; o que havia de puramente humano n'aquelle principe, os seus erros e desvios juvenis forão escurecidos pelo brilhante clarão dos factos capitaes da sua vida, pelas acções que revelaram a grandeza de sua alma, entre as quaes sómente bastam: como legislador e philosopho, a constituição que nos outorgou, e que permanece ha um terço de seculo; como principe, o desapego a duas corôas; e como homem, o cerco do Porto, a rehabilitação de sua filha no throno de Portugal; e aquella carta que dirigiu a Antonio Carlos, na qual se declarava contra a restauração, porque, dizia elle, « sou o primeiro subdito do Senhor D. Pedro II, meu muito « amado e querido filho! »

Ha nada de mais grande que este proceder? Onde está um maior exemplo do coração humano, e de um coração que nasceu herdeiro de uma corôa, cujos diademas se firmavam nas quatro partes do mundo?!

Ao ler aquelle authographo memoravel, um indizivel enthusiasmo se apoderou de todo o meu ser: o soldado do Mindelo subiu mais alto que todos esses soberanos que commemora a historia, e que desceram do throno como elle, mas que o tempo revelou seu arrependimento. Si Deus Nosso Senhor me der vida e saude, hei de depositar aos pés da sua estatua uns versos do intimo do coração.

O vento que lava a estatua do heróe na praça publica, leva em si aos confins do imperio um fluido regenerador, um principio vital mais amplo, mais uuiversal do que aquelle que respiramos no ar do interior de um edificio, como o da santa casa, ou do hospicio de Pedro II, onde em breve se collocará em marmore o resumo historico do provedor José Clemente Pereira.

As estatuas individualisam as grandes virtudes, e os escriptos as generalisam e perpetuam. Si a estatua é um producto da adulação ou do fanatismo politico, e si é acompanhada de escriptos artificiosos, a historia geral, o nexo dos acontecimentos, os documentos incontestaveis, e o bom senso da posteridade, vem julgar o caso, demónstrar a verdade, e castigar os excessos da impudencia ou vertigem do coração humano, e fazer desapparecer um exemplo da maior das corrupções.

Pelo contrario, a destruição de todos os bustos de Cicero não extinguiu a sua memoria na posteridade de duas civilisações. Os altares elevados a certos imperadores não os santificaram: a apotheose, ou a canonisação, soffrem processos humanitarios, que o tempo contraría ou sancciona, mórmente hoje, que o livre arbitrio faz o apanagio dos homens. O raio que pulverisa o simulacro do homem, resvala quando o seu pedestal está baseado sobre a justiça eterna, sobre idéas uteis; porque as idéas são immortaes, e nunca perecem com a materia que as revela a seu modo.

Quando o historiador ou o biographo tem um respeito religioso á verdade, os seus escriptos fecundam.

Platão so tolerava a mentira excepcionalmente na bocca do magistrado e do medico, como meio de arrancar a verdade do réo, e de fortificar o animo do doente. Se os homens não mentissem, as leis seriam mui simples, e a ordem social outra.

Conhecida a biographia de todos os homens salientes de uma época, seja qual fôr a sua acção civilisadora, está conhecida a historia d'aquelles tempos; porque nos seus actos, nas suas idéas, nos seus resultados, está o movimento geral, as peripecias do drama animado da sociedade, onde cada um d'estes individuos foi actor e compositor.

Ao despontar de uma grande phase, de uma vida reorganisadora, encontram-se vultos grandiosos, sentinellas que guardam as sagradas avenidas do futuro, e servem de ostensores aos que o tempo vai incorporando na marcha dos acontecimentos. Na independencia houve o ostensor augusto, a sentinella coroada, cuja missão não foi ainda

avaliada pelos espiritos estacionarios que ficaram em **1831**, e para os quaes não ha possibilidade de um horizonte racional.

Seria bem digna da protecção do governo uma obra popular em que viessem os retratos e a vida de todos os homens uteis ao Brazil, porque n'essa republica da morte encontraria a mocidade incentivos e esperanças para todas as vocações. O soldado, o marinheiro, o padre e o medico, se harmonisariam perfeitamente com o magistrado, o cultivador, o artifice, o estadista, o poeta, o philosopho, o geographo, o naturalista, o emprezario, o banqueiro util, o artista, o empregado publico, o orador, e todas as outras alavancas da machina social; não esquecendo a mulher, para chama-la a um mais amplo desenvolvimento do seu amor e dedicação.

O Brazil ja tem tido homens que significam cousas, e que forão ardentes e incansaveis operarios da nossa constituição social. Com o intuito de engrandecer o material de uma obra que considero de grande utilidade, ja dei alguma cousa para a Revista do Instituto, e para outras publicações, e com o mesmo constante desejo irei d'ora avante coordenando os apontamentos que tenho, afim de que se não percam. A futuros escriptores está reservada esta bella e tão proveitosa tarefa, e é a elles a quem consagro estas mal traçadas notas, que talvez lhes servirão quando escreverem a historia como deve ser, e não como a comprehendeu a maior parte dos nossos chronistas.

APONTAMENTOS

SOBRE A VIDA E OBRAS DO PADRE

JOSÉ MAURICIO NUNES GARCIA.

I.

O grande artista de que nos vamos occupar foi um homem singular na arte de Gui d'Arezzo; foi uma organisação especial, que ultrapassou a épocha em que viveu, e dominou por largos annos e

campo que invadiu com o poderio do seu engenho, com a sua fecundidade, e com a revolução que causou nos animos que conquistára.

Antes da sua apparição, houve nesta cidade um outro musico não menos notavel pelo seu espirito ascetico, e pelas composições sagradas que escreveu, as quaes ainda se cantam, e fazem a admiração de todos os artistas e amadores que apreciam a musica do santuario; mas este musico, o padre Manuel da Silva Rosa, compositor da celebre musica da Paixão de Jesus Christo, que se canta na capella imperial e no convento de S. Francisco, nada influiu na educação de José Mauricio. Famulo do bispo Fr. Antonio do Desterro, viveu sempre retirado, e não me consta que fizesse alguem comparticipante do seu admiravel talento (*).

Nasceu José Mauricio n'esta illustre cidade do Rio de Janeiro a 22 de Setembro de 1767, filho legitimo de Apollinario Nunes Garcia e Victoria Maria da Cruz. Sabemos pela sentença de habilitação de *genere*, passada em seu favor a 27 de Junho de 1791 pelo padre Manoel dos Santos e Souza, secretario da camara episcopal, e assignada pelo Dr. Francisco Gomes Villas-Boas, deão da Sé, vigario geral e provisor do bispado, que José Mauricio fôra baptisado na antiga cathedral, hoje igreja do Rozario; e que seu pai era natural da ilha do Governador, freguezia de Nossa Senhora d'Ajuda, e sua mãi baptisada na capella de S. Gonçalo do Monte, filial da matriz de Nossa Senhora do Rozario, freguezia da Caxoeira, do bispado de Mariana; pelo lado paterno descendia de uma familia estabelecida em Irajá, e pelo materno de uma crioula de Guiné.

Na idade de seis annos teve a desgraça de perder seu pai, porém achou nas virtudes e no trabalho de sua mãi e de uma tia, que o amava extremosamente, todos os recursos, amparo e direcção da sua primeira educação.

Desde a mais tenra infancia manifestou uma inteira vocação pela musica. Tinha uma bellissima voz, cantava admiravelmente, improvisava melodias, e tocava viola e cravo sem jamais ter apren-

(*) Era natural do Rio de Janeiro, e morreu a 15 de Maio de 1793.

dido. Muitas vezes assombrou os homens profissionaes, não so com os seus improvisos, e reflexões, como tambem pela prodigiosa memoria que tinha em reproduzir fielmente tudo quanto ouvia executar.

Mandado para a escola de Salvador José, ahi se houve com tam rapida intelligencia, que em poucos mezes excedeu a todos os seus collegas, e foi considerado por aquelle musico o primeiro e o melhor de seus discipulos, e o unico de por si só poder continuar os estudos de uma arte, que requer, além dos dons naturaes, uma pratica não interrompida.

N'aquella alma de artista, n'aquella força da natureza, não existia sómente a predisposição para comprehender altamente os bellos segredos da harmonia e melodia, havia mais que isso; havia uma poderosa dualidade como a que assignala todo o homem superior.

De seu motu proprio foi assentar-se nos bancos da aula do padre Elias, mestre regio de latim, e ahi adquiriu com igual facilidade aquella chave d'ouro que abre os thesouros da antiguidade classica, da philosophia, da historia, da eloquencia profana, e da sagrada com que mais tarde se adornou. Os seus progressos em latinidade foram tão extraordinarios n'aquelles tempos, que no fim de tres annos seu proprio mestre o declarou em estado de o poder substituir. Igual triumpho obteve na aula do Dr. Goulão com quem aprendeu philosophia racional e moral, e por quem foi proposto para substituto da cadeira regia, ao que José Mauricio se excusou, por não cortar os seus estudos artisticos, e a cultura de uma arte que já o punha a abrigo das maiores privações, e com ella ajudava a viver mais fartamente sua mãi e sua tia. Apezar d'esta recusa, José Mauricio leccionou alguns tempos depois, contando no numero de seus discipulos o conego Luiz Gonçalves dos Santos, autor de umas memorias bem conhecidas, e de alguns escriptos a favor da unidade do dogma e disciplina da igreja catholica romana, pelos annos de 28 a 30.

N'aquellas éras, a segurança individual, o esteio das familias pobres, e o amor materno, só achavam um asylo seguro e inviolavel na igreja, e por isso, e pelo espirito religioso da épocha, as familias

tinham necessidade de que um filho ao menos as amparasse das violencias tenebrosas do santo officio, das vinganças e fanatismo de seus terriveis familiares, da prepotencia dos maioraes da terra, e das crueldades do recrutamento. O padre era a ancora de salvação da casa, o homem predilecto, o filho mais querido, o laço da harmonia, o que nobilitava a familia, e a tornava privilegiada e comparticipante de todos os prazeres publicos de então, que se limitavam nas festas da igreja, e nas que a familia celebrava de harmonia com as do culto. N'aquella época de fanatismo e poderio monacal, as vestes religiosas tinham o prestigio e o privilegio de serem respeitadas desde a sala do vice-rei até a mais pobre habitação: o habito substituia a idade, o nascimento, a riqueza e o saber.

As vestes ecclesiasticas que tão bem exornavam as qualidades do espirito e coração de José Mauricio, o habilitavam para dignamente entrar no seio e confiança das familias mais gradas do paiz, cujo chefes lhe confiavam suas filhas, com quem passava horas inteiras no ensino e exercicios da musica.

N'esta vida de estudo e ensino, adquiriu elle essa prodigiosa execução que conservou sempre; e igualmente a amizade de todos os que o chamavam, entre as quaes a do abastado negociante Thomaz Gonçalves, que lhe fez patrimonio, e o pôz em estado de receber as ordens de diacono, e cantar missa solemne no anno de 1792; e de obter licença para pregar no de 1798, antes mesmo de haver estudado rhetorica com o Dr. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, o que succedeu de 1802 a 1804, como claramente se expressa o mesmo mestre, quando d'elle diz e attesta « *que frequentou a sua* « *aula por espaço de dous annos, e que n'ella fez rapidos pro-* « *gressos, que raras vezes se encontram.* »

Ao muito illustre e virtuoso bispo do Rio de Janeiro, D. José Caetano da Silva Coutinho, ouvi muitas vezes elogiar o padre José Mauricio, não como artista, mas como um sacerdote dos mais illustrados da sua diocese, e a quem sobejavam talentos fora da musica. Elle foi do numero d'aquellas palestras litterarias que esse grande bispo fazia em seu palacio, das quaes eram membros effectivos o pa-

dre Caldas, o marquez de Maricá e outros escolhidos, os quaes cessaram na época da independencia, por haver sido malintencionadamente espiado o seu palacio por ordem do governo (*).

Ouçamos a respeito do merito litterario de José Mauricio ao nosso Januario da Cunha Barbosa, juiz competente, e seu amigo; ouçamos o que disse no *Diario Fluminense* de 7 de Maio de 1830:

« José Mauricio juntava a todos estes estudos (os necessarios para « o presbyterato), vastos e profundos conhecimentos de geographia e « de historia tanto profana como sagrada, e das linguas franceza, e « italiana, não sendo hospede na ingleza e grega, que tambem es- « tudara, mas não com tanto afinco ».

Ao entrar nos trinta annos de idade, por morte do reverendo João Lopes Ferreira, mestre de capella da antiga Cathedral e Sé, foi elle nomeado, como se vê do termo lavrado pelo beneficiado João Gonçalves da Silva Campos a 2 de Junho de 1798, com o ordenado de seiscentos mil réis annuaes. Organista e compositor, augmentou o coro da cathedral com um grande numero de discipulos escolhidos, e o brilho do culto com novas e variadas composições.

Com o ensino publico gratuito, e tambem com o particular, d'onde tirava a maior parte da sua subsistencia, com as suas obras, espalhou o gosto da musica na futura capital, e o enraizou de tal

(*) Como sou devedor de grandes favores a este veneravel prelado, que me hospedou no seu palacio com bondade paternal, não desejo nunca que se supponha alguma coisa, a este respeito, por ter sido elle filho de Portugal, e acontecer isto no tempo da independencia.

O general Nobrega pediu ao Sr. D. José Caetano uma licença franca para que sua familia pudesse ir ao convento da Ajuda, e lá passar dias com uma freira sua parenta. A abbadeça d'aquelles tempos tinha pedido ao Sr. bispo o favor de negar taes licenças, porque perturbavam-lhe a ordem da casa.

O Sr. D. José, não querendo dar o motivo por que negava esta licença, para não compromettet a abbadeça, concitou as iras do general, e este foi dizer a José Bonifacio, que sabia de boa fonte, que o bispo fazia club contra a independencia. Immediatamente foi espiado o seu palacio, e o Sr. bispo sabedor d'isto mandou fechar as portas ás oito horas da noite, ordem que elle conservou severamente até á sua morte em 1833.

Queixando-me eu da injustiça que houve para com aquelle santo prelado, ao fallecido conselheiro José Joaquim da Rocha, este contou-me a origem do facto por lh'a haver narrado o proprio Nobrega; o qual ajuntara, que o fizera por caçoada, e para priva-lo de suas visitas á noite. José Bonifacio, assim como o Sr. D. José, morreram inimizados, e talvez sem saberem da origem de semelhante denuncia.

maneira, que á cidade do Rio de Janeiro se póde hoje chamar a cidade dos pianos.

Nos dez annos que serviu este novo emprego, foi que o grande artista começou a revelar-se altamente, e a dilatar-se no horizonte de suas creações; mas tão pobre ainda era, que não podia possuir um cravo, pois que ensinava os preceitos e a pratica da harmonia com uma viola de cordas metallicas na sua escola da rua das Marrecas.

II.

Em 1808, á chegada da familia real, estava então elle na força da idade e do talento. O principe regente, grande conhecedor da musica e de todas as praticas do culto, o admirou tanto, que sem a menor reluctancia nomeou-o, por decreto de 26 de Novembro do mesmo anno, inspector da musica da real capella, com o mesmo ordenado de seiscentos mil réis! E n'este decreto vem mencionada a aula de musica e o ensino gratuito que exercêra José Mauricio!!! D'esta aula sahiram a maior parte dos cantores e instrumentistas que fizeram a orchestra da capella real, e alguns compositores, entre os quaes muito se distinguiram Francisco Manoel da Silva, Francisco da Luz, e Candido Ignacio da Silva; entre os instrumentistas, que ainda vivem, o padre Manoel Alves, Francisco da Motta, e alguns poucos valetudinarios. Logo que em 1813 chegou de Lisboa o famoso Marcos Portugal, e com elle um bom numero de vozes e instrumentos, as funcções ecclesiasticas subiram ao ponto das da patriarchal de Lisboa, que eram copiadas fielmente das de S. Pedro em Roma, no que era possivel em um templo onde não pontificava o papa rodeado do sagrado collegio.

N'essas festas tam repetidas e prolongadas, nas continuas vigilias, ordenadas pela exigencia real, n'essas horas do trabalho do engenho, horas creadoras, porém fataes á vida, se foi pouco a pouco estragando aquella constituição robusta.

Obrigado a compor, a ensaiar e a residir, ja em 1816 soffria, como elle mesmo o diz n'um requerimento ao bispo, em que pede licença para dizer missa em casa.

Para se avaliar o poderio e a força do talento de José Mauricio, basta dizer que el-rei o chamava o novo Marcos, antes que este celebre compositor tivesse chegado ao Brazil; e, que a despeito da sua côr mixtiça, era tolerado na côrte, n'essa côrte onde o auto de nascimento formava o maior merecimento do homem, dava direito a todas as sympathias, e onde o ser Brazileiro, e mormente mulato, bastavam para alienar de si todos os favores, e mesmo muitos direitos.

O Senhor D. João VI era o unico que de coração nunca distinguiu no homem incidentes ou accidentes: pai e principe havia nascido acima de todos os preconceitos da inveja, ou da moral de uma nação em decadencia, cujo egoismo e incapacidade se encastellavam no privilegio do acaso de ter nascido em Portugal.

Fóra da atmosphera da presença de el-rei, José Mauricio soffreu muitas vezes dos musicos portuguezes invectivas bem dignas da estupidez altanada; porém sua alma nunca se dobrou a uma represalia.

Em uma d'essas grandes festividades, sentiu-se el-rei tam arrebatado de enthusiasmo, que, acabada a festa, mandou chamar ao paço o padre José Mauricio, e em plena côrte, tirando da farda do visconde de Villa Nova da Rainha o habito de Christo, collocou-o com a sua propria mão no peito do seu musico, dizendo-lhe ao mesmo tempo as cousas as mais lisongeiras. Este facto memoravel para a gloria do artista, e para a do seu rei, aconteceu no anno de 1810 pouco antes de Fevereiro; porque professou em 17 de Março, tendo por padrinhos a Fr. Francisco José Rufino de Souza, o mesmo visconde de Villa Nova da Rainha, então barão, e Fr. José Marcelino Gonçalves, seu discipulo e filho do seu antigo protector Thomaz Gonçalves.

Foi este acto de el-rei a salvação de José Mauricio.

Pouco tempo depois, mandou-lhe dar uma ração de criado particular, a qual foi convertida em uma mensalidade de 32$000 rs. a requerimento do musico, á vista dos embaraços que soffria na Uchária dos empregados do paço.

El-rei, convencido dos incommodos de José Mauricio, provenientes da vida sedentaria, ordenou que se lhe mandasse dar um

cavallo todos os dias. A ordem executou-se, pois que todas as tardes vinha um moço com o cavallo, mas este era de tal natureza que o mestre, e nem o proprio moço ousavam ensaia-lo por um minuto. Parece que o estribeiro menor d'aquelles tempos julgava iguaes talentos o de mestre de capella e o de mestre de equitação.

Na fragata que nos trouxe a archiduqueza, primeira Imperatriz do Brazil, veio uma banda de musica digna de acompanhar e suavisar a longa viagem d'aquella saudosa princeza. José Mauricio até então não havia visto essa precisão mechanica, essa igualdade de execução que é um dos privilegios dos compatriotas de Mozart e Beethoven, e nem tam pouco conhecia os novos instrumentos que ella trouxe. Tam enamorado ficou de ouvir aquella banda musical, que para ella improvisou doze divertimentos, que são doze peças admiraveis de inspiração. Durante os ensaios d'estas obras, o povo ia ouvi-los no largo de S. Jorge, defronte da casa de José Mauricio.

Algum tempo depois, e por ordem de el-rei, escreveu para o real Theatro de São João uma opera, intitulada — *Le due Gemelle*, cujas partituras se perderam, uma no incendio do mesmo theatro e a outra o original, nos papeis de Marcos Portugal, que foram vendidos a peso aos fogueteiros e taverneiros; pois que em uma nota escripta pelo proprio punho de José Mauricio feita no inventario da musica do real thesouro em 1821, se acha o seguinte:

« *Le due Gemelle, drama em musica por José Mauricio: com instrumental e partes cantantes: a partitura se acha em casa do Sr. Marcos Portugal.* »

Algumas pessoas dizem que esta opera nunca fôra á scena, porém outras affirmam que o fôra, mas que a monita secreta a separava do theatro, afim de que somente Marcos Portugal ficasse em campo. Que este grande compositor era ciumento temos mais de um facto, e muito salientes foram os que elle preparou para annullar Neucomm, e o joven Francisco Manoel da Silva, a quem o principe real, o Senhor D. Pedro I, havia promettido mandar á Italia (*).

(*) O Sr. Francisco Manoel da Silva, director actual do Conservatorio de Musica, depois de haver estudado com José Mauricio, passou a receber lições

Com o regresso d'el-rei, as festas da capella foram modificadas, como se vê da provisão episcopal de 17 de Maio de 1822, onde o bispo declara: « ja não ser possivel celebrarem-se os officios divinos com o mesmo rigor de forma e residencia, e solemnidade de cantorias, que fôra da sua primitiva instituição. » Os ministros da igreja se haviam retirado, e com elles alguns artistas, ficando entretanto os principaes, porque o principe regente tambem era musico, e havia ja composto alguma cousa, comquanto não fosse tam intimamente apaixonado pelo cantochão, ceremonias e outras disciplinas proprias de uma cathedral altamente luxuosa.

III.

A musa de José Mauricio não revelou-se na independencia, porque, como dizia elle, o principe queria fazer tudo.

Se à nova face dos acontecimentos politicos juntarmos trinta e tres annos de trabalho assiduo, e a privação de uma parte dos seus vencimentos á natural melancolia de um homem cansado, e que so havia existido para a sua arte e o serviço do seu rei, não estranharemos o grande abatimento em que cahiu. Nos ultimos tempos da sua vida so viveu para a arte, porque a ella consagrou todas as horas que não soffria cruelmente. E' d'essa época a famosa missa de Santa Cecilia, cuja partitura está no archivo do Instituto Historico, e a qual não se pode executar hoje por falta de vozes.

Ouçamos ainda o conego Januario: « José Mauricio começou a soffrer enfermidades, que muito se aggravaram pelo trabalho a que se dava no desempenho das suas obrigações, perdendo muitas vezes noites inteiras em longas composições que o Sr. D. João VI queria

de Neukomm. Moço ainda, compoz um *Te-Deum*, e o offereceu ao principe real, e S. A. ficou tam contente da offerta, que prometteu mandar o joven compositor para a Italia. O Sr. Francisco Manoel fazia parte da musica da real camara, e como tal estava subjeito a Marcos Portugal, que era o mestre; e este para desvia-lo do gosto e do tempo de compor, passou-o de violoncello, que era, para violino, ameaçando de o pôr na rua se não estudasse assiduamente. Para quem tem pratica das cousas da vida, e da arte, o caso está bem claro.

ver concluidas com a maior presteza; a sua vida se foi gradualmente enfraquecendo, até que em um ataque mais forte, e quasi repentino, teve o seu termo. »

El-rei acostumado aos milagres da musa do nosso artista, ja não media o tempo, so marcava o termo; e todos nós podemos avaliar as horas de agonia por que passou aquella celebridade, vendo o tempo correr, e perigar a sua reputação si acaso a inspiração falhasse, ou se um d'esses somnos artisticos a que estão sujeitos todos os homens inspirados lhe viesse roubar o tempo preciso e entrega-lo á implacavel injustiça dos seus collegas, promptos á escuta, postados á mira para anniquila-lo. E para elle os perigos duplicavam, porque estava so, e nem ao menos tinha o privilegio do nascimento, que o escudaria com todas as prevenções favoraveis. Por toda a parte se ouvia murmurar um desfavor após um facto brilhante. Estes echos da parcialidade precisavam de ser cobertos e abafados com novas harmonias, com amplas e severas composições, e com hymnos que entoassem o triumpho do proprio artista.

Oh! é muito ingrata a sorte do homem a quem suffocam, e que procura a vida; é por extremo dolorosa a situação do artista que tem consciencia de si mesmo, que conhece o seu valor, o clarão do seu lume, e a quem rodeam de trevas, que elle vence, mas que se não extinguem. Si não tivera el-rei por seu lado, mil vezes estalaria de dôr: o que eu tenho soffrido d'aquella gente, dizia elle, so Deos sabe.

Ha soberanos que são seguidos nas suas jornadas por seus monteiros, pelos seus cães, e pelos seus cavallos; outros pelos seus actores e histriões; muitos pelos seus soldados, e alguns pelos seus bufos e parasytas: o senhor D. João VI era acompanhado pelos seus padres e pelos seus musicos. O espirito e praticas ecclesiasticas estavam sempre com elle. N'um corredor estreito de São Christovam celebravam-se ceremoniosas festas, com musicas novas, e com as predicas de um São Carlos, de um Sampaio, e de um Monte-Alverne. Na fazenda de Santa-Cruz, onde havia mais espaço, se executaram magnificas composições, escriptas lá mesmo, quasi sempre improvisadas pelos seus mestres de capella. N'uma d'essas jornadas, escreveu

José Mauricio a sua famosa missa da degolação de São João Baptista, e outras obras de que elle mesmo se esqueceu. Foi esta missa a que poz termo a todas as invectivas dos musicos da real camara, porque esta obra a grande instrumental foi toda escripta no espaço de vinte dias, havendo Marcos Portugal gastado um mez em compor as matinas, a orgão e duas vozes.

Para se avaliar a presteza e fecundidade d'este mestre, basta enumerar as obras que escreveu até o anno de 1811, cuja lista extrahi de um borrão do inventario das musicas existentes na capella real, feito pelo proprio punho de José Mauricio: sobem acima de 200 as peças mencionadas. Espero com o tempo merecer de alguem a quem ultimamente me dirigi o poder completar este catalogo, assim como o das obras de Marcos Portugal, em muito perfeito estado até certo tempo, porque possuo o autographo.

Ha uma molestia d'alma que colloca o homem n'um mundo de torturas, ou n'um continuo naufragio quando a sua origem provém de uma estulta vaidade: esta molestia é a inveja. Os invejosos pulam ao céo de contentes quando acham uma palavra para abater o merito alheio, para torna-lo ao menos duvidoso na consciencia dos inexperientes. Não tem gosto; era a ponta do punhal com que feriam José Mauricio; não tem gosto, nunca sahiu d'aqui, não viu nada, não foi á Italia, não aprendeu, não teve mestre, não frequentou os conservatorios! tal era a ladainha estudada e unisona de homens que nunca passaram do papel que representa o tubo de um orgão, e a quem a natureza havia negado o dom de combinar algumas notas e compor uns dez compassos. O tufão da morte os arrojou no mais perfeito esquecimento, e si algum existe hoje, so é conhecido por si mesmo.

Depois da retirada de el-rei e consummada a independencia, foi que Marcos Portugal conheceu o bello e nobre caracter de José Mauricio, e tanto o admirou, que morreu seu grande defensor e amigo.

Os acontecimentos politicos mudaram a situação dos Brazileiros, e retrahiram as expansões e os actos ostensivos da maior parte dos

homens que até então se julgavam os senhores da terra, e como tal superiores em todas as faculdades humanas, apezar de que o medico da rainha, o Dr. Manoel Luiz, repetisse sempre: que em Portugal nasciam os musculos da nação portugueza, e no Brazil os nervos.

José Mauricio viveu sempre na intimidade dos grandes mestres. Fazia gosto ouvi-lo analysar uma partitura como um rhetorico analysa uma oração. Senhor de uma prodigiosa memoria, possuia a mais vasta erudição musical que é possivel; nada lhe escapava: imitação, ou furto, elle indicava, e logo a obra e o logar preciso.

Por aquella gratidão artistica, e espirito de justiça aos seus favoritos mestres da Allemanha e Italia, o vimos uma vez affligir-se e queixar-se da versatilidade dos seus companheiros d'arte, que escureciam os velhos mestres para darem a Joaquim Rossini o sceptro da arte musical. Levado de indignação, começou a desfiar as Operas do cysne de Pesaro, a despir essas creações melodicas, essas bellezas harmonicas, e á mostrar a sua origem, a fonte pura d'onde emanavam mais ou menos disfarçadas; mas ao chegar a um ponto, e era na opera de Mathilde, parou, e sorrindo-se exclamou: não, isto é novo, isto é sublime; é um homem immenso, é um genio que ha de ir longe: ja escreveu a aria da calumnia, e mais dous pedaços concertantes que admiro! E Joaquim Rossini ainda não tinha dado ao mundo o Moysés, ainda não tinha mimoseado o seu seculo com o Guilherme Tell, e o Stabat Mater.

Era maior a sua probidade artistica do que aquella irritação; o seu enthusiasmo para com Mozart, Haydn e Beethoven era justissimo, porque n'esta triada estava toda a gloria da arte germanica, e aquella escola severa que plantou nos asperos climas do norte uma arte scientifica, bella, e proprietaria de infinitos primores.

O celebre Neukomm, discipulo de Haydn, que veio para esta côrte como lente de musica quando veio a colonia artistica dirigida por Lebreton para fundar a Academia das Bellas Artes, e que foi victima da parcialidade que invectivava José Mauricio, me disse, em Paris, a proposito do mestre brazileiro, que elle era o primeiro improvisador do mundo. Lamentou a sorte do artista no Brazil,

louvou o seu caracter, e apreciou as agonias do autor da famosa missa de Requiem; e a proposito narrou-me o seguinte facto, que no meu regresso á patria foi confirmado pelo cantor Fasciotti, que o testemunhara igualmente.

« Em uma d'aquellas reuniões que se faziam em casa do marquez de Santo-Amaro, fizemos prova de algumas musicas que me chegaram da Europa. Todas as vezes que se tratava de cantar, cedia o piano ao padre-mestre, porque melhor do que elle nunca vi acompanhar. Entre varias phantasias, Fasciotti cantou uma barcarola que foi freneticamente applaudida e repetida. José Mauricio, que estava no piano, como que para descansar, começou a variar sobre o motivo, e com os nossos applausos a crescer e multiplicar-se em formosas novidades. Suspensos, e interrompendo a nossa admiração com ovações continuas, ali ficamos até que o toque da alvorada nos viesse surprehender. Ah! os Brazileiros nunca souberam o valor do homem que tinham, valor tanto mais precioso pois que era todo fructo dos seus proprios recursos! E como o saberiam? Eu, o discipulo favorito de Haydn, o que completou por ordem sua as obras que deixara incompletas, escrevi no Rio de Janeiro uma missa, que foi entregue á censura de uma commissão composta d'aquelle pobre Mazziotti e do irmão de Marcos Portugal, missa que nunca se executou, porque não era d'elles.

« Alguns tempos depois, entrando eu na capella real por acaso, ouvi tocar no orgão umas harmonias que me não eram estranhas; pouco a pouco, fui reconhecendo pedaços da minha desgraçada missa; subi ao coro, e dou com José Mauricio, tendo á vista a minha partitura, e a transpo-la de improviso para o seu orgão. Approximei-me d'elle, e fiquei algum tempo a admirar a fidelidade e valentia de execução d'aquelle grande mestre: nada lhe escapava do essencial..... não pude resistir, abracei-o quando ia acabar, e choramos ambos sem nada dizer. »

Neukomm foi o compositor d'aquelle concerto monstruoso, composto de tres mil artistas, que se executou na inauguração da estatua de Guttonberg! Neukomm veio para o Brazil em companhia de

João Baptista Debret, de Nicolau Taunay e de Grandjean de Montigny, na qualidade de mestre de contraponto. Nunca ensinou: apenas deu algumas lições particulares a Francisco Manoel da Silva, e talvez que estas lições fossem a causa de ser este joven perseguido artistica e machiavelicamente por Marcos Portugal logo que lhe apresentou o primeiro *Tedeum* de sua feitura.

Havia o nosso artista improvisado tanto e sem descanso, que uma vez entrando pelo coro da então ja capella imperial, parou na porta, e perguntou a um de seus discipulos, como que extasiado: De quem é esta bella musica?!

É sua, padre-mestre, pois não se lembra?

Minha? responde José Mauricio! — Sim, senhor, sua. — Está-me parecendo agora; mas quando escrevi-a eu, que me não lembra?

No tempo do rei velho, lhe voltou o discipulo.

José Mauricio calou-se, abateu a cabeça, limpou as lagrimas e disse entre soluços:

« Ah! n'aquelles tempos, quando me assentava á mesa tinha nos meus olhos el-rei, e nos ouvidos uma orchestra immensa e prodigiosa. Muitas noites não pude dormir, porque essa orchestra me acompanhava, e era tal o seu effeito que passava as noites em claro; e infelizmente nunca pude escrever aquillo que claramente ouvia. Hoje, so ouço o cantar dos grilos, os meus gemidos, ou o ganir dos cães que me incommodam e me entristecem. »

A musa, a formosa e seductora filha do céo, é como a belleza corporal, que se transforma em asco na velhice, mormente quando a miseria a vem perseguir. O homem de engenho, que viveu no idealismo, se não tem uma patria agradecida, é a imagem do mais terrivel desengano quando a idade lhe extingue o lume do céo, e lhe quebra as forças: é a formosura admirada, a rainha dos prazeres transformada na mulher que expira no catre do hospital.

Em 1830, o Brazil tinha ainda o seu principe, mas n'elle ja não havia o seu defensor perpetuo, o astro do Ypiranga; porque a calumnia e os máus conselhos o haviam precipitado no extremo

d'aquella grande resolução, e d'aquelles actos que pertencem hoje ao dominio da historia, e á admiração dos homens. A arte e os seus ministros n'estas épocas de transição vivem a vida dos proscriptos, sobretudo nos povos onde o principe é a força motriz da machina social.

Na manhãa do dia 18 de Abril de 1830, cantando o hymno de Nossa Senhora, expirou José Mauricio, na casa n.° 18 da rua do Nuncio.

Chamado por seu filho, o dr. José Mauricio Nunes Garcia, actual lente de anatomia na escola medica d'esta côrte, e então meu companheiro de estudos, fiz tirar-lhe uma mascara em gesso das suas feições, a qual me acompanhou á Europa, e se acha hoje depositada no Museu Nacional com as mascaras de Dante, Tasso, José Bonifacio, Antonio Carlos e Januario Arvellos.

Quando o conego Luiz Gonçalves veio para vestir o cadaver, ja o achou prompto, porque a esse acto piedoso se prestara seu filho. Ainda me lembra, como se estivera presente, de o ver no leito da morte com as vestes de que usava no interior de sua casa, que eram umas calças e jaqueta de seda rouxa; ainda estou vendo a sua mesa, onde se achava o tratado de contraponto e harmonia que havia terminado poucos dias antes de morrer; e sobre uma folha de papel um circulo movediço no qual estavam marcados todos os tons, e que movido em qualquer sentido que fosse, apresentava em roda um systema completo de harmonia. Este tratado e este engenhoso invento desappareceram da mesa no mesmo dia.

A irmandade de Santa Cecilia, que lhe fez o enterro e funeral, desejou guardar os seus ossos, porém seu filho cumpriu a vontade paterna, depositando-os na ordem de São Pedro. Hoje se acham na igreja do Sacramento, por uma provisão de monsenhor Narciso.

Foi José Mauricio um homem de estatura mais que ordinaria; tinha uma physionomia nobre, um olhar penetrante, e luminoso quando regia a orchestra, ou fallava da arte; as dimensões e saliencias osseas do seu todo, mostravam que havia sido de uma forte

constituição. Tinha nos labios, na fórma do nariz, e na saliencia dos pomolos os caracteres da raça mixta.

O dr. Dannessy, phrenologista e discipulo fanatico de Gall, possue uma cópia da mascara acima referida no seu gabinete em Paris, mas nas suas indagações enganou-se redondamente, o que bem prova a respeito do cerebro e suas protuberancias externas, que as mais das vezes o miolo é quem decide e não a casca. Estes enganos do mesmo doutor se repetiram em outras vezes na legação brazileira, depois de haver apalpado um grande numero de cabeças brazileiras.

A arte do sanctuario, depois da morte d'este grande musico, ficou sem guia. Pedro Teixeira, homem de talento mas pobre, a prostituiu ao ponto de transformar o canto sagrado em operas italianas, e o libreto nos hymnos da igreja. Este mau gosto propagou-se até a indecencia de ha poucos mezes applaudir-se na igreja as arias do Provisorio como na sua platéa. A Academia das Bellas Artes, á vista de tanta profanação, elevou o seu protesto á presença do governo imperial, e d'elle espera providencias salutares.

A época em que vivemos é uma época de reconstrucção; a voz do artista ja encontra um echo nas summidades sociaes, e a arte um desvelado e espontaneo protector no principe philosopho que preside e protege as sessões e os trabalhos do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

VALENTIM DA FONSECA E SILVA.

Segundo as noticias mais fieis, pertence á provincia de Minas a gloria de ter dado ao Brazil este admiravel mestre da arte toreutica, de quem temos em varias igrejas da capital um testemunho de sua pericia. Seria difficil ha quinze annos fazer o elogio d'este artista, sem desafiar os animos d'aquelles que seguiram a escola chamada classica, aquella que foi propagada por Winkelmann e Raphael Mengs, exemplificada por David, Pompeu Battoni, Percier e Fontaine, e exagerada por Camuccini, Valadier e Benvenuti. As cren-

ças tambem se renovam no mundo artistico para justificarem o circulo vicioso de Vico: o barroquismo, condemnado ha 15 annos como um delirio do espirito humano, está hoje outra vez em voga; mas não é somente a moda, a deusa soberana dos espiritos voluveis, que concorre para estas mudanças artisticas nos nossos tempos, mas sim aquelle espirito de mobilidade da sociedade moderna, que faz hoje em cinco annos o que em outras eras se fazia n'um seculo!

Os nossos melhores templos foram começados quando a arte borrominica triumphava na metropole da America portugueza, motivo este por que vêmos abundar aqui semelhante estylo. Os productos da arte torentica na actualidade são inferiores aos d'aquelles tempos: os nossos entalhadores, á excepção de dous, não tem cabeça nem mão: e se o Sr. Padua não restaurar esta arte, muito terão que soffrer os nossos templos em conclusão n'um paiz singularmente rotineiro em certas cousas, e no qual se não comprehende a forma e ornato das igrejas senão como o passado. As formosas, chicaiolas e as pinturas a fresco tem muito ainda que esperar, apezar de sua superioridade em belleza e asseio, e de sua grande economia.

Até hoje tem sido mallogradas todas as tentativas que fiz para saber ao certo o dia e lugar do nascimento do mestre Valentim, assim como o da sua morte, bem que me désse ao penivel e fastidioso trabalho de andar por essas igrejas a mendigar favores, e a ler e reler os assentos dos obitos. Tudo o que aqui relato a respeito d'este artista, devo-o em parte á bondade do Sr. Simeão José de Nazareth, discipulo de Valentim, e author da obra de talha da nova igreja de S. José.

Valentim era filho de um fidalgote portuguez, contractador de diamantes, e de uma crioula natural do Brazil.

Pela sua vivacidade e intelligencia, pelo natural amor, seu pai o levou para Portugal, onde o mandou educar; mas este amor durou poucos annos, porque os parentes trataram de o reenviar para o Brazil conjunctamente com sua mãi, logo que seu pai fallecêra. Os nossos antigos faziam-no educado em Lisboa, o que me parece impossivel, porque Valentim, segundo o affirma o Sr. Simeão, e os que o conheceram de perto, conservou até morrer o sotaque minhoto;

o não é possivel a um Brazileiro apanhar este vicio de pronuncia em Lisboa, onde se não troca o b. por v., e nem se falla á gallega. Que este artista fôra de tenra idade, e voltara ainda joven, é facto constante, assim como de que fôra aqui que aprendêra a arte toreutica com o entalhador que fez as primeiras obras da ordem terceira do Carmo, as quaes foram concluidas em parte por Valentim, e ultimamente, no mesmo estylo, pelo Sr. Padua.

Possuiu este mestre, alem de sua grande facilidade na invenção, grande amor ao trabalho. A elle corriam todos os artistas do Rio de Janeiro, mormente os ourives e lavrantes para obterem desenhos e moldes de banquetas, ciriaes, lampadas, custodias, frontaes, salvas, reliquarios, e tudo o que demandava luxo e gosto. Talvez fosse Valentim uma das causas poderosas que motivaram aquella barbara carta regia de 30 de Agosto de 1766, que mandou fechar todas as lojas de ourives, sequestrar todos os instrumentos da arte, recrutar todos os officiaes solteiros, prohibir o officio no Rio de Janeiro, e castigar os delinquentes com as penas dos moedeiros falsos! porquanto é sabido, e foi sempre constante, que semelhante carta regia fôra lançada em favor de alguns ourives de Portugal a quem os nossos tiravam o ganho, o que é claro á vista da perfeição das obras de prata e ouro d'aquelles tempos, e das lampadas e mais objectos que se veem em São Bento, Carmo, e Sancta-Rita, modeladas e inventadas por Valentim.

A este engenhoso artista pediu o celebre João Manço, conhecido pelo chimico, o modelo dos dous apparelhos de porcelana que fizera com o kaulin da ilha do Governador, os quaes foram admirados em Lisboa, mormente o que se não quebrava, por ser de metal coberto de esmalte. D'este João Manço ha um camapheo no gabinete de medalhas do museu, e o sr. commendador José de Oliveira Barbosa possue outros do mesmo autor.

O vice-rei Luiz de Vasconcellos deu sempre ao mestre Valentim todas as provas ostensivas de uma grande estima, porém o nosso artista queixava-se de que s. ex.ª era mais prodigo de palavras do que de ouro, o que pouco lhe convinha, pois se não nutria com

carinhos vindos de quem podia, e lhe não poupara as horas de descanso. Estas queixas deviam ser sinceras, porque o nosso modesto e religiosissimo artista tinha o bom gosto de se ligar estreitamente com estrangeiras, o que lhe não custava pouco, porque Valentim não tinha um exterior amavel, nem maneiras seductoras.

A igreja da Cruz, que passou sempre por ser obra de Valentim, talvez porque a concluisse nos trabalhos exteriores, e fizesse toda a obra de talha do interior, é feitura do brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, como o verifiquei pela leitura das actas e correspondencia da Irmandade, mormente na carta de ordens de 13 de Outubro de 1765, na qual se faz a encommenda de toda a obra de marmore, para Lisboa, e onde se falla ahi nos desenhos feitos pelo sobredito Faria, não só do templo, como das peças encommendadas. Aquelles bellissimos capiteis, misulas, fechos de arcos, florões das quartelas e outros objectos custaram pouco mais de 60$000 réis, o que não sería de admirar, a não ser sua perfeita execução. Hoje ja se não trabalha em Lisboa assim, nem tão pouco ha aqui engenheiros que desenhem uma igreja como a da Cruz, o que bem prova a nova igreja da freguezia da Gloria, e suas tristes vicissitudes, assim como a de Nictheroy.

Tambem affirmavam os antigos de que o risco da Candelaria pertencera a Valentim, o que não é exacto; o mestre Marcelino, canteiro, e autor da obra, ouviu muito a Valentim, mas não seguiu os seus conselhos em tudo, porque este mestre se queixava de que a tenacidade de Marcelino era a causa de ficar aquelle templo defeituoso; e Valentim se não enganou: o seu interior é uma desharmonia com o exterior.

Quando Luiz de Vasconcellos mandou abater o monte das mangueiras, que era um espigão do morro de Santa Theresa, para abrir a rua actual, empregou toda a terra que d'ali sahiu para aterrar um grande pantano que havia junto á Lapa, e sobre esse terreno artificial fez o actual passeio publico.

Para realisar o bemfazejo pensamento do vice-rei, foram chamados os dous homens mais engenhosos da época: o mestre Valentim, e o

celebre Xavier das Conchas, assim alcunhado pelos formosos trabalhos que fazia, dos quaes ainda existem muitos em varias casas antigas, entre ellas a do Sr. Francisco Alves Machado, da villa da Estrella, onde ha um bellissimo trabalho d'este artista.

Valentim deu o risco e os modelos de toda a obra architectonica, e Xavier se occupou em ornar os dous pavilhões do antigo terraço, ora substituidos por dous pesados torreões octogonos, sem forma e sem belleza. Em 1816, poucos mezes depois da morte da Sr.ª D. Maria I, ainda se viam esses pavilhões, pois que d'elles tenho lembrança: o tecto do da esquerda era todo ornado de pennas de passaros, e o do da direita de conchas, formando meandros e arabescos variegados. Valentim modelou aquelle grupo de jacarés; e porque falhasse a primeira fundição, foi elle em pessoa executar a segunda, que deu o resultado que admiramos hoje. E' tambem d'elle o menino que vôa e sustenta um kagado, que vomita agua em um barril de granito, assim como o eram varias estatuas que desappareceram.

Na época da minoridade tiraram as armas do vice-rei, e collocaram as do imperio; mas no governo da maioridade julgou-se, pelas razões que dei em um artigo de jornal, que se deviam restaurar as antigas.

Este menino de que fallei, e que tem aquella popular dívisa: *sou util ainda brincando*, tinha desapparecido, e qual não foi o nosso assombro quando o governo mandou annunciar: que quem quizesse fazer outro igual e mais barato, que se apresentasse na administração das obras publicas!

Havia antigamente um chafariz bem no meio do largo do Paço, o qual foi substituido por o actual, que é obra de Valentim, segundo o affirmam os antigos. O mesmo mestre fez prova de actividade e intelligencia na reedificação do recolhimento do Parto, incendiado em 23 de Agosto de 1789, e seis mezes depois prompto e acabado. Este facto está escripto em dous paineis a oleo na sachristia da igreja, nos quaes se vêem os retratos do vice-rei e do mestre Valentim. E' preciosa, como documento historico, esta obra de Leandro Joaquim, e muito mais o será para os vindouros, pois ali se vêm os trajes da

época com a maior fidelidade. Estes dous paineis serão um dia o que são hoje as pinturas de Giotto, Masaccio, e outros mestres que precederam a renascença. . . . .

Os discipulos de Valentim que mais se distinguiram na arte toreutica foram Francisco de Paula Borges, José Carlos Pinto, e o Sr. Simeão, que ainda vive em Catumby.

Os artistas modernos dão muito apreço ás obras de Valentim e o consideram como um mestre de primeira ordem no estylo borrominico: os trabalhos que nos deixou no Carmo, os da igreja da Cruz, e sobretudo os da capella mór da igreja de S. Francisco de Paula, não desmentem semelhante estima. O tecto da igreja da Cruz é um primor d'arte pela harmonia que reina entre os claros e meias tintas, e pela perfeição de todas as regras da eurythmia.

A arte toreutica está em decadencia, e não poderá ser restaurada; por que o Sr. Padua, unico que merece o nome de artista, não poderá dominar o espirito mercantil da época, e nem infundir o gosto do bello em homens como são os que formam a maioria das mezas das nossas confrarias religiosas; os exemplos que está dando actualmente na igreja do Sacramento, não hão de fructificar convenientemente; porque estamos em uma época onde cada homem pensa saber mais da profissão alheia do que da propria; e as provas ahi estão na maneira por que foi julgado o poema do Sr. Magalhães, a confederação dos Tamoyos, e o famoso artista Tamberlick.

Nos tempos antigos a vara do criterio não passava das mãos dos juizes para as dos beleguins; não havia esta especie de anarchia intellectual provinda de uma fatuidade singular, nem esta arrogancia, que faz de cada individuo o centro de um mundo excepcional, e uma especie de papa, infallivel em todos os seus juizos e arestos. A nossa mocidade, concebendo o bello de uma maneira absoluta, e sui generis, não poderá voltar ás vias da razão pratica senão depois de longas provas, por que d'estas resultará então o conhecimento do que é bello humanamente, e o que pode relativamente fazer o homem no mundo das artes.

Valentim não foi um semideus, e nem-um d'esses homens nota-

veis como os poucos que aponta a historia, mas foi um grande artista, um homem extraordinario para o Brazil d'aquelle tempo e para o de hoje, e o seu nome deve ser venerado.

FRANCISCO PEDRO DO AMARAL.

Na época em que se manifestou a vocação artistica d'este laborioso fluminense, tinham desapparecido Valentim, Leandro Joaquim e Raymundo. José Leandro, pelas virtudes naturaes, era o artista de maior vulto, porque era o melhor retratista da época. Com José Leandro começou a estudar o desenho Francisco Pedro.

Logo que Manoel Dias de Oliveira Brasiliense veio para o Rio de Janeiro como professor regio de desenho, Francisco Pedro foi para a sua aula, onde esteve sete annos, e estudou o modelo vivo.

Apezar de sua constante applicação, nunca chegou ás alturas da pintura historica, fosse por causa do methodo de ensino do seu novo mestre, ou porque suas disposições naturaes o afastassem d'este genero de pintar; o certo é, que da escola de Manoel Dias não sahiu um unico figurista que tal nome mereça.

Com a vinda da colonia artistica franceza, e com os exemplos que esta déra nas festas reaes do casamento do principe real com a archiduqueza d'Austria primeira imperatriz do Brazil, Francisco Pedro abandonou a sua antiga escola e seguiu as doutrinas dos novos mestres. Comecemos pois o itinerario do seu desenvolvimento.

A situação dos artistas d'aquelles tempos é quasi a mesma dos da época actual; os que não tinhão vocação para o retrato, procuravam na decoração dos edificios o seu modo de vida.

O primeiro trabalho d'este artista, que fez a admiração geral foi uma miscellanea, que se conserva no Museu Nacional, offerecida ao ministro Thomaz Antonio, afim de que este o nomeasse substituto da cadeira de desenho, o que não teve lugar por causa da projectada vinda dos artistas francezes, que deviam vir fundar uma Academia de Bellas

Artes, á qual foi addido Francisco Pedro, mas sem vencimento algum.

Para obter os meios de subsistencia, Francisco Pedro foi trabalhar debaixo da direcção de Manoel da Costa, pintor portuguez e scenographo do real theatro de S. João.

Como era muito intelligente, laborioso, e modesto, esteve alguns annos com Manoel da Costa, cujo caracter era bem difficil de supportar-se, mórmente em certas horas do dia.

Costumava este mestre dormir um largo espaço para completar a digestão, e isto o fazia na propria sala de pintura, por cima do tecto do theatro. Um dia em que havia pouco que fazer, e que o mestre, pelo que havia jantado e bebido, promettia um largo somno, veio o demonio tentar a Francisco Pedro, e obriga-lo a esconder as chinellas do mestre, e a pintar no seu lugar outras iguaes; e, para mais augmentar a tentação diabolica, desensofrido, começa a fazer grande barulho na sala de pintura. Manoel da Costa acorda sobresaltado, senta-se, quer calçar-se, mas em vão; seus pés passavam e repassavam no ar, roçavam pelo chão, e nunca enfiavam as chinellas; abaixa-se, e reconhecendo o ardil do seu modesto discipulo, corre para elle com um serrafo, que a não ser a ligeireza de Francisco Pedro, ali ficaria morto.

Pouco tempo depois, trabalhou no mesmo theatro com um pintor e architecto italiano, chamado Argenzio, homem de talento, e do cujas composições vimos algumas cópias. E' d'este homem um grande plano para o melhoramento da cidade, o qual se acha na preciosa collecção do archivo militar.

Depois passou a trabalhar com José Leandro, e com Francisco Ignacio, que tambem fôra discipulo do Costa.

Encarregado pelo mordomo da casa imperial de diversos trabalhos, deixou o theatro e se occupou exclusivamente da decoração. Logo que chegou aqui a primeira imprensa lithographica com um suisso, chamado Steinmann, veio tambem uma pequena prensa para o fallecido imperador fazer ensaios particulares. Francisco Pedro, pela sua intelligencia e habilidade manual foi o ajudante do principe, e vic-

tima de sua fidelidade e respeito, porque o tornaram unico responsavel de duas caricaturas que em São Christovam se estamparam.

A officina era no torreão velho. N'um dia de grande gala, no gabinete do principe, estava Francisco Pedro desenhando uma caricatura a certos desembargadores; um marquez d'aquella época e familiar do principe, tendo entrado no quarto, e desejando ver o que se fazia, approximou-se do artista, e este cobriu immediatamente a pedra. O marquez pede-lhe para ver, e como não obtivesse, intenta em ar de graça faze-lo: trava-se uma lucta silenciosa entre o artista e o fidalgo; e nos movimentos que houveram, cahe uma cadeira, borra-se o desenho. O artista então fallou; e o principe que estava vizinho, veio subtilmente á porta e presenciou o resto do combate . . . .

. . . . o resto. . . . . . talvez se saiba quando apparecerem algumas memorias secretas d'aquelles tempos. A colera de S. Ex. voltou-se toda contra o artista, o que não deixou de causar-lhe graves embaraços, porque o perseguiu indignamente.

Chamado por Fr. Antonio da Arrabída, depois bispo de Anemuria, para decorar a bibliotheca publica, fez o nosso artista a obra que ainda se vê nas duas salas grandes, a qual em breve desapparecerá, porque lhe acontecerá o mesmo que aconteceu ás pinturas a fresco na secretaria do imperio, que foram caiadas e cobertas de papel pintado. E' muito provavel que venha um bom prior do Carmo de igual gosto ao de certo abbade, e mande senão borrar aquellas pinturas, ao menos retoca-las pelo primeiro caiador que encontrar á mão.

Depois da bibliotheca, passou Francisco Pedro a pintar a fresco todo o palacio da marqueza de Santos. N'esta obra desenvolveu elle um grande talento de compositor e poeta: hoje nada existe, porque este palacio foi de todo reconstruido modernamente, para attestar o regresso em que vão os nossos proprietarios abastados.

Existe ainda a casa de Placido, no largo do Rocio, pintada á tempera pelo nosso artista, e algumas outras de menor importancia.

A ultima obra que fez, e que se pode ainda admirar, é a pintura

dos antigos coches da casa imperial, renovados para o segundo casamento do fundador do imperio.

Adoentado, soffrendo do peito, fez um grande esforço para acabar a illuminação que se fez no largo do Rocio em 12 de Outubro de 1830, da qual retirou-se para o leito da morte, e falleceu no dia 10 de Novembro do mesmo anno. Foi sepultado com muitas honras ecclesiasticas nas catacumbas da igreja do Hospicio, e lamentado por seus mestres e amigos.

Francisco Pedro fundou em 1827 a sociedade de S. Lucas, composta de todos os pintores, e á sua morte tinha ella um fundo sufficiente para acudir a seus irmãos necessitados.

Era homem pardo, de estatura média, e de uma physionomia regular e intelligente. Morreu solteiro, e foi o exemplo dos filhos e irmãos, pois cuidou sempre de sua velha mãi e de uma irmã que tinha em companhia. Homem perseverante no estudo, teve a coragem de copiar todos os arabescos de Raphael, todas as composições de Percier, para abandonar pela escola classica a borrominica em que fôra educado por Manoel da Costa. Foi um dos discipulos mais estimados de Mr. Debret, e muito querido de seus collegas Simplicio Rodrigues de Sá, e José Rodrigues Moreira. Fez muitos paineis, dos quaes vimos ha pouco duas cópias, mas não sabemos dos originaes; nem onde estão outros como sejam scenographias, interiores de edificios ornados, e muitas paisagens e scenas contemporaneas, das quaes ainda temos uma grande impressão, principalmente de um painel que representava uma fogueira de S. João.

Em um paiz onde a pintura monumental não existe, pouco ha a enumerar, pois que os nossos artistas são obrigados a trabalhar em tudo. Francisco Pedro do Amaral foi dourador, estucador, architecto, scenographo, decorador, paisagista, foi tudo, mas tambem foi um homem de muito engenho, e um cidadão digno de toda a estima e consideração, e de ser recommendado á posteridade. Si as suas obras o não recommendassem, não abusaria agora da vossa bondade.

Porto-alegre.

BREVES REFLEXÕES SOBRE O SYSTEMA DE CATECHESE

SEGUIDO PELOS JESUITAS NO BRAZIL.

Vemos a religião sentada junto ao berço de todos os povos, sendo a theocracia a sua primeira fórma de governo. Foi o sentimento religioso, profundamente gravado em todos os corações, que civilisou o mundo: os primeiros legisladores foram sacerdotes. Manou, Zoroastro, Confucio e Minos fallaram em nome do céo, e fizeram crer que suas leis tinham o sello divino. Era este o unico modo de serem obedecidos; porque na infancia das sociedades o homem é eminentemente livre e so curva a sua altiva fronte perante aquelle cujo immenso poder vê estampado em cada pagina do grande livro da creação. Essa civilisação india, cujo véo mysterioso começa hoje a ser levantado, nasceu nos aditos dos templos: os brahmenes exercem n'esse paiz ha trinta seculos tam poderosa influencia que d'ella se não podem subtrahir os proprios reis. As *nomas*, ou colonias sacerdotaes, cobriram outr'ora o Egypto d'uma gigantesca rede, e prepararam a nação para o glorioso reinado de Sesostris: os incultos Pelasgos, que viviam sob o bello céo da Grecia deveram ceder o passo ás colonias egypcias e phenicias, que vinham installar seus deuses sobre o cimo d'Olympo: Lino, Orpheu e Amphion, que as legendas nos pintam como os primeiros civilisadores, deveram ser sacerdotes. Até Roma, que parece ter firmado o seu poder unicamente pelo gladio, soffreu a influencia sacerdotal; Numa Pompilio, seu segundo rei, modificou pela religião as barbaras leis de Romulo e adoçou dest'arte seus agrestes costumes. A historia da antiguidade nos apresenta por toda a parte a tutela dos povos primitivos confiada aos ministros dos seus diversos cultos.

O mundo achando-se summamente illustrado na época da apparição do christianismo parecia estar elle isento da missão de educar os povos: assim porém não aconteceu. O imperio romano succumbindo ao peso dos seus vicios e crimes, viu-se a Europa inundada d'uma alluvião de barbaros, cuja existencia não era sequer suspeitada pelos Cesares de Bysancio, que perdiam o tempo em estereis e pueris questões theologicas: cumpria chamar á vida social os terriveis soldados d'Attila e de Alarico, e foi esta a sublime missão dos ministros de Christo. Longa e penosa foi a educação d'esses barbaros impacientes com o jugo que se lhes queria impôr, e fazendo um horrendo amalgama das santas maximas do evangelho com as sanguinarias crenças de *Odin* e de *Irmensul*. A idade média é a luta entre a barbarie e a civilisação, e os papas deveram necessariamente exercer n'essa época a tutela dos povos constituidos em minoridade.

Não se pense que vou desenvolver a theoria do conde de Maistre e provar que a theocracia é a unica fórma legitima de governo: longe de mim semelhante pensamento, eu, que folgo de professar as idéas modernas e militar debaixo das bandeiras do progresso.

E' porém incontestavel que o poder temporal dos papas foi salutar n'essa era de transição a que chamamos idade média; era necessario que houvesse um tribunal para o qual appellassem os povos nos casos então mui communs de abuso da força, cumpria que os reis soubessem que existia ácima da sua a autoridade divina, e que mui pouco illustrados então para tomarem unicamente a lei do dever por norma das suas acções temessem ao menos os raios do Vaticano. Esses altivos barões feudaes, que atrás das ameias dos seus castellos zombavam do poder dos homens, tremiam, quaes humildes escolares, diante do obscuro monge portador d'uma bulla de excommunhão. A supremacia da igreja era um principio consagrado, e formava a base do direito publico europeu.

Esse estado anormal não podia ter longa duração. A civilisação augmentando progressivamente approximava o tempo da emancipação dos povos, que desejavam desonerar a seus tutores da difficil tarefa de administração da fazenda alheia. Os pontifices romanos porém,

aos quaes a longa posse do poder temporal induzira a crer que fazia elle tambem parte da herança, que lhes legára Christo, obstinaram-se em querer conserva-lo, á semelhança d'esses tutores que precisam ser compellidos judicialmente para entregar a seus pupillos, ja maiores, os bens que a estes pertencem. O litigio entre o povo que queria se emancipar e a theocracia que pretendia prolongar o seu dominio apresenta um dos mais curiosos quadros, que nos offereça a historia. Debalde quiz Roma abafar com os anathemas a voz poderosa da opinião publica; em vão condemnou á fogueira o concilio de Constança a João Huss e a Jeronymo de Praga, de suas cinzas nasceram Luthero e Calvino: a reforma apresentou-se ameaçadora; e metade da Europa afastou-se da communhão catholica.

Sou o primeiro a confessar que foi isto uma grande calamidade que profundamente contrista a quem lê a historia com reflexão, que vê fraccionar-se uma familia, ainda ha pouco tam estreitamente ligada pelos vinculos de sangue e de religião, que contempla os horrores do dia de S. Bartholomeu em França, e essa longa guerra de trinta annos, que cobriu de luto e de desolação a Allemanha. Creio porém que semelhantes scenas se poderiam ter evitado si a sêde de mando e de riquezas não tivesse dominado o coração dos homens, que deveriam dar ao mundo o exemplo de abnegação, pondo em pratica as lições do seu divino mestre. Si os pastores supremos da igreja se apressassem em dar por finda a tutela, que temporariamente exerciam, á vista da intelligencia do povo, seu pupillo, entrando no exercicio das suas funcções puramente espirituaes, no que poderiam continuar a prestar valiosissimos serviços, estou intimamente persuadido que o povo se lhes mostraria grato e não se teria revoltado contra seus mestres e bemfeitores. Infelizmente porém a theocracia é tenaz, e adopta por seu brazão a perigosa maxima de *antes quebrar do que torcer.* O governo sacerdotal, que, como vimos, é adaptado á primeira phase da existencia das sociedades, não pode continuar a subsistir logo que estas chegarem a maior desenvolvimento; sob pena de dar-se a mais horrivel confusão de poderes.

Estas toscas e ligeiras observações me servirão de prologo ao exame a que vou proceder da conducta dos jesuitas em relação aos primitivos habitadores do Brazil.

Todos sabem que a reacção catholica ao livre exame prégado pelo protestantismo presidiu a obra do solitario de Manresa; a companhia de Jesus nasceu da necessidade que tinha a igreja de oppôr-se ao grande demolidor saxonio. Até seu nome, novo nos annaes christãos, indicava que era destinada para a luta: verdadeiros gladiadores do evangelho, desciam á arena para defender os principios que por quinze seculos tinha venerado o mundo.

« Si applicarmos a successos ja tam distantes a linguagem, que hoje fallamos (diz o protestante Macaulay), havemos de considerar a Ignacio como chefe dos conservadores do seu tempo, e o campeão do *statu quo* papal contra as invasões do espirito innovador. A apparição de um novo Brenno contra a Roma dos papas necessitava de um Camillo para defende-la, e sendo o grito de guerra dos sitiantes a isenção do pensamento, a senha dos sitiados foi a submissão espiritual, cega e sem limites. Quem ia após o Allemão chegava áquella sagrada solidão, onde nenhum intermediario perturba as relações do homem com a divindade: o Hespanhol, pelo contrario, guiava seus sectarios para aquella innumeravel multidão cuja voz se ergue a compasso, e para quem as doutrinas das gerações extinctas são a regra immutavel das gerações futuras. Dirigiam ambos a guerra mais importante que tem revolvido o mundo depois da quéda do paganismo; e quer em capacidade, quer em valor, quer em desinteresse, ou no amor da verdade eram ambos dignos rivaes um do outro. E todavia que maravilhoso contraste! »

« Luthero foi procurar mulher no interior de um convento; durante o espaço de trinta annos jamais ousou Ignacio levantar os olhos para uma que fôsse d'estas creaturas. O reformador pôz toda a sua gloria em destruir as casas da ordem a que pertencêra; a do santo consistiu na fundação de uma nova ordem solidamente organisada. A vida do primeiro começou em uma cella e acabou nos palacios dos grandes da terra; a do segundo, iniciada nos combates

e absorvida em occupações terrenas terminou por longos annos de orações e contemplações estaticas. Coração cheio de simplicidade e lealdade germanica, Luthero so aspirou a uma perfeição compativel com os cuidados domesticos, com os deveres universaes e os prazeres innocentes da vida social; heróe na sua empreza porém homem, e *bem homem* na sua vida privada; era opprimido por uma vaga melancolia, d'ahi a pouco entregue aos intimos jubilos do coração, e cheio de reconhecimento pelos abundantes beneficios, que lhe dispensava o céo. Amante e amado, troca de continuos os mais sérios cuidados com a esposa, que escolhêra, e as praticas as mais suaves e innocentes com os filhos que ella lhe déra; busca e acha allivio para os pezares da vida em mil prazeres mundanos, nos encantos da musica, no aspecto simples da natureza, e em um sem numero de emoções sensuaes que sabia receber e gozar como poeta. Ignacio, não; vive so, estranho ao resto dos homens, cheio de jubilos, a que ninguem se associa; severo até em seu enthusiasmo; mudo na dòr, e indifferente a qualquer sympathia; sempre grave e austero; sempre isolado, e bem accessivel á ternura sempre esquivo e remontado d'ella como si fôra um crime; despotico, ambicioso e ao mesmo tempo isento de egoismo. »

O parallelo estabelecido pelo illustre historiador inglez entre Loyola e Luthero pareceu-me cheio de imparcialidade e proprio para nos dar perfeitamente a conhecer estes dous grandes homens do seculo XVI. E' tempo de despirmo-nos de falsos preconceitos; de ouvirmos e fallarmos a linguagem da verdade.

Ainda envolta nas faxas infantis comprehendeu a companhia de Jesus duas necessidades que cumpria attender: a discussão e a propaganda. Lejay e Leferre argumentam com os protestantes nas dietas de Worms, Spira e de Ratisbonna, Laynés e Salmeron apparecem no concilio de Trento como theologos da Santa Sé ao passo que Xavier parte para as Indias, Melchior Nunes penetra na China e André de Oviedo leva o catholicismo á Ethiopia e á Abyssinia.

O mundo de Colombo não podia deixar de attrahir as suas vistas: era uma terra virgem que cumpria evangelisar, e onde a igreja podia

reparar as perdas que acabava de experimentar na Europa. O Brazil, que a fortuna de Cabral déra á monarchia portugueza, recebeu a primeira colonia jesuitica apenas nove annos depois da approvação do seu instituto. O padre Manoel da Nobrega, discipulo do collegio de Coimbra, e que uma cruel decepção lançára nos braços da companhia, foi o chefe d'essa missão.

Não é do meu intento historiar aqui os heroicos trabalhos do apostolado d'esses benemeritos varões, tendo-os ja esboçado em outro lugar; quero unicamente demonstrar que os primeiros jesuitas, que aportaram ás nossas plagas estavam animados do verdadeiro espirito evangelico, e que a catechese dos indigenas, por elles emprehendida, foi summamente util e salutar.

A leitura do precioso volume das *cartas jesuiticas*, que pára em minhas mãos, como relator da commissão de revisão de manuscriptos, me fez penetrar em sua vida intima, assistir ás suas praticas familiares, sorprender suas idéas, que por certo não destinavam á publicidade, revelando-mos taes, quaes elles eram, sem nenhum rebuço, ou dissimulação: semelhantes a essas ruinas de *Herculanum* e *Pompeia*, que nos apresentam depois de tantos seculos, o quadro mais singelo e veridico da civilisação romana.

Peço venia para citar um trecho de uma carta do padre Nobrega, escripta da Bahia aos 5 de Julho de 1559, dez annos depois da sua chegada, onde se manifesta claramente o plano, que adoptava para a conversão dos aborigenes.

« ..... Depois da vinda de Mem de Sá governador, se fizeram tres igrejas em tres povoações de indios, e muitas mais se fizeram, si houvera padres e irmãos para n'ellas residirem: outras duas, ou tres juntas de indios estão esperando por padres para os doutrinarem; estas são visitadas por nós, quando podemos para se deterem a si até serem soccorridos. A primeira igreja, que se fez a uma legoa d'esta cidade, chama-se S. Paulo, a segunda á tres legoas S. João, e a outra Espirito Santo a sete legoas: e será razão de dizer em particular o que aconteceu a cada uma. Começando pela de S. Paulo que foi a primeira, direi a ordem, que teve e tem em proceder aqui a escola

de meninos, que são para isso cada dia uma so vez, porque tem o mar longe e vão pelas manhãs pescar para si e para seus pais, que se não mantem de outra cousa, e á tarde tem escola tres horas ou quatro; d'estes ahi cento e vinte por rol, mas continuos sempre ha de oitenta para riba. Estes sabem bem a doutrina, e cousas da fé, lêm e escrevem; ja cantam e ajudam alguns á missa. São ja todos baptisados, todas as meninas da mesma idade, e todos os innocentes e a lactantes. Depois da escola ha doutrina geral a toda a gente, e acaba-se com a *salve* cantada pelos meninos, e as *ave-marias*. De noite se tange o sino e os meninos tem cuidado em ensinarem a doutrina a seus pais e mãis, velhos e velhas, os quaes não podem tantas vezes ir á igreja, e é grande consolação ouvir por todas as casas louvar-se a N. S. e dar gloria ao nome de Jesus. Aos domingos e dias santos tem missa e prégação em sua lingua, e de continuo ha tanta gente, que não cabe na igreja posto que grande. Ali se toma conta dos que faltam, ou dos que se ausentam: elles fazem sua estação. O meirinho, que é um seu principal, préga sempre aos domingos e dias festivos pelas casas de madrugada, a seu modo: a obediencia que tem é muito para louvar a N. S.: porque não vão fóra sem pedir licença, porque lh'o temos assim mandado para sabermos para onde vão; si comer carne humana ou embebedar-se em alguma aldêa longe, e si algum se desmanda é preso e castigado pelo seu meirinho e o governador faz d'elles justiça, como de qualquer outro christão, e com maior liberdade; si algum adoece é obrigado a mandar-nos chamar, e é por nós curado e remediado assi no corpo como n'alma o melhor, que podemos: e assi poucos morrem, que não sejam baptisados em artigo de morte, quando elles mostram signaes de fé e de contrição: assi d'estes como dos innocentes regenerados com a agua do baptismo se salvam muitos, os feiticeiros são por nós perseguidos, e outras muitas abusões, que tinham se vão tirando. »

Por esta carta do primeiro provincial dos jesuitas no Brazil e por outras dos seus companheiros vê-se que o seu grande esmero e principal solicitude empregava-se na educação da juventude, poderosa alavanca de Archimedes com que esperavam mudar os barbaros

costumes dos povoadores das nossas florestas. A musica serviu-lhes de valioso auxiliar para ferir a sua imaginação : e por isso ensinavam aos meninos innumeraveis canticos em seus proprios dialectos que, além de servir-lhes de honesto passatempo, tinha ainda o merito de abrandar os corações dos guerreiros, que avezados ás scenas de carnagem, não se converteriam de outro modo. Conhecendo quanto as ceremonias religiosas impressionam os povos primitivos multiplicavam as festas, que si não tinham a pompa das cathedraes não lhes faltava ao menos todo o fervor da verdadeira devoção.

Na primeira phase da catechese, investidos das funcções de legitimos tutores, traçavam a linha de conducta, que deveriam seguir os seus pupillos, e desciam mesmo a certas minucias, que mais tarde deveriam ter abandonado seus successores por proprio interesse da sua missão. Assim, os vemos accumular os cargos de parochos com os de juizes e administradores; mas tal accumulação tornava-se então de indeclinavel necessidade: ninguem senão elles podia se entender com as hordas antropophagas, que com tantas fadigas e perigos chamavam ao gremio da vida civilisada.

Os primeiros colonos tornando-se suspeitos aos indigenas pelo seu desejo de reduzi-los á escravidão, e tendo faltado muitas vezes á fé dos contractos, eram os jesuitas os unicos intermediarios de que lançavam mão os governadores sempre que havia precisão de tratarem com os principaes das tribus. Temos uma prova da confiança que inspiravam os padres no facto seguinte referido pelo historiographo da companhia S. de Vasconcellos :

Quando os Tamoyos, instigados pelos mamelucos Ramalhos, ameaçavam fazer uma invasão em Piratininga Nobrega e Anchieta, novos Codros e Decios, se devotaram pela salvação das recentes colonias. A doçura do caracter de Anchieta e a pasmosa actividade de Nobrega, que lhe grangeou o epitheto de *Abaré Bebe (padre voador)* fizeram então mais em pról dos estabelecimentos portuguezes do que poderiam conseguir suas bombardas.

Permittiu Deos que os primeiros provinciaes da ordem que viveram entre nós, fossem todos de eminentes virtudes, e que se

dedicaram inteiramente pelo bom exito da catechese. Nobrega, Luiz da Gran, e sobre todos Anchieta deixaram grata recordação na nossa Historia. Semelhante cargo não podia ser cobiçado, porque nenhumas vantagens lhe estavam annexas. Era uma existencia de perennes sacrificios, de continuas peregrinações: vagando em frageis bateis de Pernambuco a S. Vicente, ou percorrendo os nossos sertões tendo por comitiva o jaguar e a onça como outr'ora os leões e os tigres acompanhavam os Pacomios e Antões nos desertos da Thebaida.

A eloquencia de um Bazilio e de um Chrysostomo seria improficua para os rudes filhos das nossas brenhas: era preciso convertê-los mais por obras do que palavras. O exemplo era a mais poderosa de todas as predicas, e foi com elle que os primeiros jesuitas operaram maravilhosas conversões. Convinha que a sua conducta estivesse tam acima da dos *pagés* quanto a nossa religião era superior ao grosseiro culto de *Tupan*.

Foi sobretudo a sublime virtude da caridade que mais profundamente impressionou aos barbaros e que lhes fez crer na origem divina da nossa crença. Era um espectaculo inteiramente novo para elles, e que não podia ter explicação na linguagem dos homens o verem esses padres chegarem ás suas *tabas* atravéz de mil perigos, sentarem-se na cabeceira dos moribundos, e recebendo muitas vezes a morte em troco da sua heroica abnegação.

Como Fluminense não posso deixar de testemunhar aqui a minha gratidão pelos relevantes serviços que os jesuitas d'essa época prestaram á edificação da muito leal *Sebastianopolis*, hoje séde do imperio de Santa Cruz e rainha d'America Meridional. Penso que ninguem me contestará que sem o auxilio dos indigenas, que Nobrega e Anchieta trouxeram de S. Vicente, não conseguiria Mem de Sá expulsar os Francezes, que se haviam estabelecido na nossa terra, e que pela sua alliança com os Tamoyos firmariam o seu dominio na denominada *França Antarctica*.

Das ja citadas *cartas jesuiticas* deprehende-se o zelo e o desinteresse com que *então* defendiam a causa da liberdade dos indigenas

contra a ambição dos colonos. Vendo estes o quanto lhes custava o entregarem-se aos trabalhos da lavoura, expostos aos raios de um sol tropical, inventaram as *bandeiras*, especie de *caçadas de indios*, que lhes forneciam escravos, a quem entregassem as mais penosas funcções da vida agricola. Tal foi a origem da escravidão dos nossos autocthones contra a qual levantaram a sua poderosa voz dos heroicos civilisadores do Brazil.

Seja-me licito discordar n'este ponto da respeitavel opinião do nosso prestimoso consocio, o Sr. F. A. de Varnhagen, que na secção XIII, tomo 1.º da sua interessante *Historia Geral do Brazil* emitte o seguinte juizo:

« As providencias de mal entendida philanthropia, decretadas depois pela piedade dos reis e sustentadas pela politica dos jesuitas, foram causa de que os indios começassem pouco a pouco a serem unicamente chamados á civilisação pelos demorados meios da catechese, e que ainda restem tantos nos sertões, devorando-se uns aos outros, vexando o paiz e degradando a humanidade. »

Em verdade sorprehende-me que uma pessoa tam illustrada como o Sr. Varnhagen denomine de *mal entendida philanthropia* a sincera defesa que faziam os primitivos jesuitas da liberdade dos indigenas, e que prefira o emprego de meios violentos aos da doçura e persuasão que rejeita por serem *demorados!!* Consequente com os seus principios chega até a desejar que se tivesse adoptado para com os selvagens a *servidão israelita*, esquecendo que seria isto o mais monstruoso de todos os anachronismos! Citarei as suas proprias expressões.

« Si o uso e as leis tivessem continuado a permittir que a cobiça dos colonos bem encaminhada arrebanhasse os selvagens do Brazil, sujeitando-os primeiro, ao menos por sete annos, como a servidão israelita, não se teria ido aquella exercitar além dos mares, buscando nos porões dos navios, e entre os ferros do mais atroz captiveiro, colonos de nações igualmente barbaras e mais supersticiosas, essencialmente intolerantes, inimigas de toda a liberdade, e como que ostentam a raia da separação com que se extremam dos indios e dos seus civilisadores. »

De sorte que, no juizo do nosso illustre consocio, em vez de refrear-se a cobiça dos colonos devêra esta ser *encaminhada a arrebanhar os selvagens do Brazil* para que se não lançasse no horrivel trafico de Africanos!. : .

Nossa terra estava pois fadada á escravidão, não restava senão a escolha entre a dos indigenas, ou a dos negros!! No meu muito humilde conceito podiamos ter escapado a esse cancro, que corróe as entranhas da nossa sociedade, os indigenas entrariam na vida civilisada pelos meios suasorios: tê-los-hiamos convertido em laboriosos cultivadores, excellentes marinheiros, bravos soldados e intelligentes artesões, n'uma palavra, em membros uteis de todas as classes, em que se divide a nação.

Para que tal resultado porém se conseguisse seria mister seguir o plano adoptado por Nobrega e seus primeiros successores; mas foi elle bem de pressa desprezado por aquelles mesmos, que estavam incumbidos de lhe darem execução. O instituto de Loyola, que semelhante á Minerva dos Gregos, tinha sahido armado da cabeça do seu fundador logo degenerou; Claudio Acquaviva foi o homem, que sophismando habilmente as *constituições* do santo Byscainho, imprimiu na direcção da companhia um espirito inteiramente opposto. Ignacio, Laynés, e Francisco de Borgia folgavam com a conversão de grande numero de pagãos, que pelos esforços dos seus subordinados entravam todos os dias para o gremio da igreja catholica; Acquaviva e os seus acolytos apraziam-se em contar a immensa multidão de vassallos, que lhes obedeciam em todas as partes do mundo; accumulando thesouros, que excediam a todos os calculos da mais insaciavel ambição.

Devemos suppôr, á vista da sua sublime abnegação, que os primeiros apostolos do Brazil não pretendiam monopolisar a direcção dos indigenas e tornar perpetua a sua tutela: creio mesmo que todos os seus esforços tendiam 'a inicia-los nos deveres da vida civilisada para que podessem ser regidos pelas leis geraes da monarchia, limitando-se 'as funcções do padre somente á cura d'almas. Da sua sinceridade parecia estar convencida a côrte, como se collige das

seguintes palavras de uma carta dirigida pela Sr.ª D. Catharina, rainha regente na minoridade do Sr. D. Sebastião, á camara da cidade de S. Salvador da Bahia.

«... Ainda que seja tanto da vossa obrigação favorecerdes e ajudardes aos padres da companhia de Jesus, que n'essas terras estam e andam na obra da conversão dos gentios d'ella assim pelas obras, em que se empregam, como pelas suas muitas virtudes, e pela consolação que essa cidade com tal companhia deve receber, todavia sendo essas partes tam remotas, pelo que por esse respeito pode haver nos moradores d'ella algum descuido, pareceu-me dever-vos escrever sobre isso, e encommendar, como encommendo muito, que queirais haver por muito encommendado aos ditos padres, e os favoreçais em tudo o que para conversão dos gentios e mais obras espirituaes for necessario, e que aos gentios que se fizerem christãos trateis bem: não os avexeis nem lhes tomeis suas terras; porque além d'isto ser razão e justiça receberei muito contentamento em assim o fazerdes, pelo exemplo que os outros gentios receberão. Agradecer-vos-hei muito terdes d'estas cousas muita lembrança, e em effectuardes como confio; porque do contrario não poderá deixar de me desprazer muito.»

E' summamente honroso para uma corporação receber do alto do throno tam lisonjeiro testemunho, como por essa e muitas outras occasiões, receberam os jesuitas: prova evidente da importancia dos seus serviços e da maneira verdadeiramente digna porque procediam. Oxalá que uma obra começada sob tam felizes auspicios não fôsse depois falseada, e que essa mesma liberdade dos indigenas de que se haviam constituido tam denodados paladinos não fôsse mais tarde o escopo a que attingiram todas as suas vistas interesseiras!

A olygarchia enthronisada no *Gesù* pedia ouro, e mais ouro e sempre ouro aos seus satrapas do Brazil; e ei-los que para cumprirem a *santa obediencia* de que tinham feito voto, procuravam tirar do trabalho dos miseraveis indios as riquezas, que tam sofregamente lhes eram reclamadas.

Por um sentimento de gratidão lhes fôra confiado o regimen das aldêas de que abusaram; chegando a obter do governo a prohibição

expressa de ninguem penetrar n'ellas sem sua licença, a pretexto de que os brancos iam corromper os costumes simples e ingenuos dos seus catechumenos. Até certo ponto era essa prohibição justa e fundada; porque todos sabem que no começo de qualquer ensino são summamente perniciosos os máos exemplos e os pessimos conselhos; mas semelhante disposição não podia, por sua mesma natureza, ter o caracter permanente, que elles lhe quizeram dar. Obstinando-se em conserva-la além do seu termo, tinham por fim subtrahirem-se ao exame e á censura das suas acções, e desenvolverem o seu systema de politica tenebrosa.

Si os novos Lycurgos haviam conseguido estabelecer nas florestas da America *a cidade de Deus*, como no-lo pinta Charlevoix fallando da *republica christãa* do Paraguay, por que razão não queriam que os seus dominios fossem visitados e que servissem os seus neophytos de exemplo e de edificação aos profanos? E' porque ahi exerciam o mais cruel dos despotismos, que existe na terra, a autocracia do pensamento. Em seu codigo penal não haviam crimes ou delictos, e sim peccados; o azorrague era o meio offerecido pelos *bemditos padres* aos seus *amados filhos* para fazerem penitencia e se reconciliarem com Deos!... Applicando em toda a sua latitude o principio da *obediencia passiva*, que para elles existia mais em theoria do que na pratica, conseguiram apagar o *Eu* d'alma do selvagem, reduzindo-o a um puro automato, á triste e lamentavel condição do *homem-machina!* E quando assim mutilavam a natureza humana invocavam o evangelho, o mais liberal de todos os codigos sagrados!...

Mudando sagazmente o nome ás cousas chamavam os escravos das suas fazendas de *administrados*, e faziam o commercio em larga escala com a denominação de *permuta*, illudindo dest'arte os canones da igreja, que o prohibem aos ecclesiasticos. Ninguem podia vantajosamente entrar com elles em concurrencia; porque dispunham de meios colossaes. Isentos de toda a especie de contribuição, altamente favorecidos pelo governo da metropole, enviavam os productos da sua lavoura para Lisboa em navios da companhia e ahi guardavam-

nos em grandes armazens, confiados a agentes seus. Para prova d'este meu asserto bastar-me-ha citar o mandamento do cardeal Saldanha de 15 de Maio de 1758 pelo qual ordenou a *suspensão do escandaloso commercio que estes regulares estavam publicamente fazendo em Portugal e seus dominios.* Ora, homens que assim procediam eram certamente falsos missionarios, que em vista dos seus interesses temporaes compromettiam a santa causa da catechese, a que outr'ora haviam tam bem servido seus benemeritos antecessores.

Um grande nome, que, si pertencia a Portugal pelo acaso do nascimento, era nosso compatriota pela educação que no Brazil recebêra e pelo amor que nutria pela nossa terra, como muito bem demonstrou o sabio arcebispo o Sr. D. Romualdo Antonio de Seixas, achou-se infelizmente involto n'essas miseraveis intrigas dos seus correligionarios, e soffreu, máu grado seu, a malefica influencia das idéas do seu tempo. Na luta empenhada entre os moradores e os jesuitas por causa da escravidão dos indigenas, que estes queriam monopolisar sob o apparente pretexto de lhes dar educação e de serem seus directores espirituaes, o padre Antonio Vieira mostrou um ardor, que contrastava com o seu desinteresse pessoal. Ninguem mais do que este illustre varão pôz em pratica a maxima da companhia que ordenava o individuo de anniquilar-se em proveito da ordem. Si alguma cousa aspirava n'este mundo era a gloria; mas queria que o seu Instituto fôsse rico e poderoso; e para isso não duvidou prestar o prestigio do seu nome para extorquir do governo portuguez essa série de medidas iniquas, que sanccionavam *os resgates* e *as entradas no sertão.*

« A côr e pretexto d'estas *entradas*, diz o nosso consocio o Sr. J. F. Lisboa no seu interessante *Jornal de Timon*, era libertar os indios prisioneiros, atados á corda, encerrados em um curral ou prisão similhante, e destinados á morte em terreiro para serem depois comidos em banquete festival pelos seus inimigos. A entrada ou tropa de resgate, chamada tambem da *redempção dos captivos*, talvez por antiphrase, não so tinha por fim libertar da morte o corpo do selvagem prisioneiro, e a sua alma da perdição eterna pela cate-

chese e conversão, por que depois passavam, como provêr de escravos os moradores. Ao ouvir os fautores d'essas leis fazia-se uma obra de piedade, e por ellas se conseguiam ao mesmo tempo muitos bens *temporaes e espirituaes.* »

Dispunham as leis que essas expedições fôssem sempre acompanhadas por alguns religiosos para evitar os abusos e as atrocidades a que a desenfreada cobiça podia levar os homens, que se entregavam a esse nefando trafico, *gente vilissima, sem alma nem consciencia,* como se exprime o proprio padre Antonio Vieira, que sem embargo não se oppunha a elle uma vez que os religiosos directores fossem os padres da companhia de Jesus. Os ministros do evangelho em contacto com os traficantes, longe de edifica-los com o seu exemplo chamando-os aos principios da verdadeira moral, corrompiam-se inteiramente, certificando de licitos quantos captiveiros se lhes propunham, e recebendo em recompensa algumas *peças*, cujo preço regulava de mil e cem a quatro mil réis!

O illustre corypheu dos jesuitas propunha a el-rei o Sr. D. João IV aos 4 de Abril de 1654 um novo plano de catechese consistente em estabelecer-se uma jurisdicção independente da dos governadores: a exclusão absoluta das outras ordens religiosas, e finalmente a organisação de um pequeno exercito, sujeito ás immediatas ordens do superior geral das missões. Essa heresia politica, esse monstruoso *status in statu*, era proposto e sustentado pelo genio mais sublime que Portugal contou no seculo XVII, pelo habil diplomata junto aos estados geraes da Hollanda e na côrte de Roma!!

Não pretendo justificar os excessos commettidos n'essa éra pelos colonos contra os jesuitas. Reprovo altamente a sua conducta relativamente a esses padres, as violencias praticadas para com elles no Pará, Maranhão, S. Paulo e até no Rio de Janeiro; mas penso que os espiritos não se teriam exacerbado a similhante ponto si os discipulos de Loyola não tivessem dado causa, e se defendessem com mais moderação. E' verdade que algumas vezes, como em S. Paulo e aqui no Rio de Janeiro, davam-se logo por vencidos e assignavam quantas condições d'elles se exigiam, mas todos sabiam que o seu

systema das *restricções mentaes* prestava-se maravilhosamente a essa tactica, e que era esse um meio efficaz de ganhar tempo emquanto conjuravam a tormenta que contra elles se armava.

Sem duvida que era reprovadissima a escravidão dos indigenas, que com tanto afan sustentavam os colonos; mas tambem é verdade que não reconheciam estes nos jesuitas seus adversarios, o desinteresse que apregoavam, vendo que as suas lavouras definhavam por falta de braços, ao passo que os *indios forros* trabalhavam nas *residencias* da companhia, onde seguia-se um regimen que só no nome differia da escravidão.

Soccorrer-me-hei do testemunho bastante competente do nosso incansavel e illustrado consocio, o Sr. J. Norberto de S. e S., que na sua luminosa e erudita *Memoria Historica e documentada das aldêas de indios da provincia do Rio de Janeiro* serve-se das seguintes palavras tratando d'esta materia:

« Resentidos os jesuitas do triumpho que alcançavam os colonos escravisadores de indios, afrouxaram na defensão de sua liberdade, arrefeceram n'aquelle zelo com que os catechisavam, e por fim de autores fizeram-se réos de identicos delictos! E quem diria que esses proprios successores dos Anchietas, dos Nobregas e Grans seguiriam o exemplo, que por tanto tempo mereceu a sua reprovação, dado pela avidez dos portuguezes? Desgraçadamente assim aconteceu! Aproveitando-se da cega obediencia, que tinham ganho sobre os indios, d'elles se serviam para os seus nefandos fins, e abraçando o meio por que os paulistas augmentavam a escravatura das suas fazendas, pela regra de que o parto seguiu o ventre, os casavam com suas escravas d'Africa. Longe de represarem animavam com o não castigo a altivez e a desenvoltura dos seus indios, mamelucos ou caribocas, segundo as degenerações por elles promovidas, que cahindo sobre as povoações vizinhas ás suas aldêas, desprezadas as ameaças dos portuguezes, assaltavam por vezes os seus estabelecimentos, destruindo suas lavouras, ou conduzindo para as suas palhoças o fructo dos suores de outrem pagando quasi sempre a resistencia que se lhes antepunha com o assassinio. »

Havendo tam horrivelmente sophismado a sua santa missão tornavam-se os jesuitas indignos de se collocarem á frente da catechese e civilisação dos indigenas; assim, quando o marquez de Pombal descarregou sobre elles a sua clava de Hercules ja estava a ordem inexoravelmente condemnada no espirito publico; e portanto a ordenança de 3 de Setembro de 1759 não experimentou a estranheza que causaria duzentos annos mais cedo.

O governo da metropole, abandonando inteiramente aos padres da companhia de Jesus a direcção das aldêas dos indios, constituiu-se responsavel pelo escandaloso abuso, que fizeram do seu santo instituto. Cumpria-lhe espreitar o momento favoravel para tornar effectiva a sua intervenção; e era este, segundo me parece, quando os indigenas ja iniciados nos principios da vida social, tivessem-se habituado a reconhecer o principio da autoridade.

O vicio radical de todos os systemas de catechese até hoje seguidos entre nós é o de não ter-se querido attender ás diversas phases, que ella apresenta. Emquanto o selvagem erra pelas florestas tam livre como o vento, que agita os leques das suas palmeiras, o unico poder capaz de attrahi-lo, fazendo-lhe comprehender as vantagens da vida civilisada, é o da religião. So o ministro de Deus pode ser ouvido pelos filhos primogenitos da natureza: so os seus preceitos podem ser obedecidos: o natural representante d'essa época é o padre Aspilcueta, o *Orpheu brazileo:* a musica o principal meio empregado. Deixando suas *tabas* grupam-se em torno da rustica capella, maravilhados dos esplendores do nosso culto, e dos ricos paramentos sacerdotaes, prestam attentos ouvidos ás palavras cheias de uncção, que sahem da bocca dos Nobregas e dos Anchietas. Vem depois a necessidade de plantar em sua intelligencia os primeiros rudimentos das letras e artes: é a missão dos Nunes e dos Corrêas. A theocracia está em seu pleno dominio, todas as funcções se acham reunidas no padre: exerce elle desde a magistratura até a medicina, porque *a tanto se estende o bojo da caridade*, na phrase de S. Ignacio de Loyola. Seria altamente impolitico que fôsse coarctado o seu ministerio, cumpre investi-lo da dictadura, semelhante á que é confiada aos pais, que pelo antigo

direito romano gozavam do *jus vitæ et necis* sobre seus filhos. Esse poder discricionario porém deve ser de curta duração; sendo substituido por outro mais regular, em que os direitos e deveres de todos estejam melhor descriminados. O padre entra então na esphera das suas funcções puramente espirituaes, que deixára por um instante para organisar a nascente sociedade. Sua missão é ainda sublime, augusto e santo o seu ministerio: é o conselheiro das familias: mestre da juventude, guia os destinos dos herdeiros do futuro; lava o infante nas aguas do baptismo e unge o moribundo com a doce esperança da immortalidade.

Ninguem melhor do que o jesuita comprehendeu a primeira parte d'este programma, nem mais sinceramente o executou; Gioberti na sua excellente obra — *Il Gesuita Moderno*, rende homenagem ao talento, quasi que original, que elles possuiam de *christianisar* os selvagens da America como os voluptuosos habitadores das margens do Ganges e do Indo. Nenhuma outra ordem póde ainda imita-los, porque nenhuma possuiu em tam alto grau o espirito de unidade e de solidariedade. *Todos por um e um por todos*; era a sua divisa. Escudados porém nos relevantes serviços dos seus patriarchas, souberam-se munir de privilegios de que se serviram, como de uma machina infernal, contra aquelles mesmos que lh'os haviam concedido.

Ao contemplar a pasmosa desapparição da raça indigena depois da quéda da companhia de Jesus, dir-se-ha que so estes regulares possuiam o fio de Ariadne para penetrar no labyrintho da catechese. A chave do enigma quanto a mim consiste em que os discipulos de S. Ignacio haviam estudado profundamente o caracter e os costumes dos indios; estudo este que seus successores desprezaram; ao que se deve accrescentar as absurdas medidas emanadas da côrte de Lisboa. A melhor d'ellas é o celebre *directorio* de 17 de Agosto de 1758, que todavia abunda em disposições contradictorias e absolutamente inexequiveis, deixando larga margem ao arbitrio dos directores das aldêas que foram a principal causa da sua completa anniquilação.

Pondo aqui termo a estas minhas toscas *Reflexões*, direi que seria

mui conveniente que fossem aproveitadas as tradições da catechese jesuitica, cujos vestigios com difficuldade se poderiam descobrir n'essas poucas aldêas, que ainda existem, como para attestarem o seu antigo esplendor, e que corrigindo os abusos que n'ella se haviam introduzido, adoptando mesmo algumas providencias reclamadas pelas actuaes circumstancias, se procurasse levantar esse lasaro do seu sepulchro. Creio mesmo, que si em vez de cuidar-se em supprimir as ordens religiosas, existentes no paiz, fossem ellas chamadas para o trabalho da catechese, ainda muito bons serviços poderiam prestar, e quiçá reconquistariam assim a grande popularidade de que outr'ora gozaram.

Rio, de Janeiro 25 de Julho de 1856.

Conego Dr. *Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.*

REFLEXÕES

SOBRE

AS PRIMEIRAS ÉPOCAS DA HISTORIA DO BRAZIL EM GERAL

E SOBRE

A INSTITUIÇÃO DAS CAPITANIAS EM PARTICULAR.

Memoria offerecida ao Instituto historico e geographico do Brazil pelo socio o Sr. doutor Caetano Alves de Souza Filgueiras, natural da Bahia.

Senhores do Instituto.

Bem ou mal eu venho com summo prazer cumprir a condição que até hoje vedava-me a subida honra de occupar uma cadeira no meio de vós.

Ligo-lhe tanto preço que não haveria sacrificio que não arrostasse para obtel-a; e maior prova do que affirmo não posso dar-vos sinão levando á vossa consideração as reflexões historicas, moraes e juridicas que me suscitou o estudo das cousas do Brazil desde a época de sua descoberta até a do estabelecimento de um govêrno geral na Bahia de Todos os Santos.

Foi grande a minha coragem: é grandissimo o meu arrojo. Eu,— novo e pouco lido,—arroguei-me o papel de historiador critico, e chego a não tremer de endereçar-vos, a vós doutos e conhecidos, o fructo dos meus activos, mas talvez impotentes esforços.

Não direi assim a respeito do assumpto, ou melhor: do proposito que tive em vista. Si ha n'isto orgulho ou vaidade quero-os ambos para poder dizer-vos que a idéa fundamental d'este trabalho é, além de proveitosa, extremamente aproveitavel.

Eu quiz ser o primeiro a escrever uma linha da historia juridica do paiz.

Sabeis que a historia das instituições legaes de uma nação, si não merece sobre todas preferencia, é pelo menos tam importante, tam fecunda de vantagens, tam rica de assumptos, tam digna de apreço, quanto o podem ser as da sua litteratura, das suas artes, da sua religião, dos seus costumes e a dos seus interesses materiaes de qualquer genero. Nas instituições legaes de um povo não se aprofunda so o seu passado; nem se adquire so a sciencia do desenvolvimento que em todas as suas phases teve o principio juridico; conhece-se e determina-se sobretudo o seu caracter, prevê-se e assigna-se o seu futuro.

Não ha nação civilisada que não possua uma revista historico-juridica, e que não proporcione aos estudiosos uma cadeira de historia do direito patrio e estrangeiro: tanto é notoria a necessidade de ambas; o Brazil, porém, o Brazil que não tem um passado envolto nas trévas mythologicas, que ve suas instituições destacarem-se do fundo do quadro da sua historia em dous grupos distinctos e analysaveis, é justamente aquella que nem pela idéa tem frustrado planos.

Temos duas faculdades de direito; dez cadeiras de analyse juridica em cada uma; porém a falta de uma cadeira de historia da jurisprudencia ainda hoje é uma immensa lacuna que as reformas no ensino superior deixaram subsistir.

Os nossos codigos são anatomisados como individuos, e não como membros de um mesmo corpo; e si um similhante estudo prejudica a mesma historia, perdendo no vago da indagação o principio de unidade que deve atravessar intacto as apparencias divergentes para cumulo do mal o escalpello é sempre estrangeiro, e quasi sempre *francez*.

Tenho para mim que estes inconvenientes não durarão por muito tempo. Uma universidade, organisando em vasta escala o ensino da jurisprudencia, removel-os-hia immediatamente, e a creação de uma universidade na capital do imperio é ja hoje uma das necessidades mais vitaes do Brazil.

Mas até la não convém cruzar os braços: cumpre pelo contrario não perder um tempo urgente e precioso.

Ao instituto historico do paiz parece-me reservada uma missão muito nobre e de palpavel utilidade.

Elle, que figura á frente das corporações scientificas de nossa patria como a suprema instancia do juizo historico, é por certò a mais azada para lançar a primeira pedra e erguer alicerces d'esse grandioso edificio que o govêrno e o magisterio deverão um dia completar.

Esta tarefa inclue-se naturalmente no seu programma; e si lhe devemos ja o grande desenvolvimento do estudo geographico em todo o imperio, a luz que hoje esclarece os fastos de nossa patria e a resurreição dos nomes e das obras gloriosas dos nossos patricios, e antepassados, devamos-lhe tambem o fio que nos deve levar certeiro atravéz do labyrintho da nossa legislação multicor.

Ora, si a idéa foi aventada por mim, devo confessar ao mesmo tempo que não devêra ser eu o primeiro a pretender realisal-a. Sobram-me bons desejos; mas procuro habilitações.

Trata-se nada menos do que de sentenciar o passado; e de sentencial-o de modo que a superioridade do presente se explique pela justeza do *veredictum* do juiz: não sou eu portanto filho do presente o juiz mais competente; mas si a idéa tem tanto merito, e si a execução tem tanta difficuldade, sirvam-me ambos para fazer-vos indulgentes para com este trabalho, que vos consagro por dever e por veneração.

Rio de Janeiro, 12 de Outubro de 1855.

Dr. *Caetano Alves de Souza Filgueiras.*

REFLEXÕES SOBRE AS PRIMEIRAS ÉPOCAS DA HISTORIA DO BRAZIL EM GERAL E SOBRE A INSTITUIÇÃO DAS CAPITANIAS EM PARTICULAR.

> Nada nos deve ser indifferente na longa historia de uma civilisação de que gozamos, e que devemos transmittir aos nossos descendentes depois de havel-a ampliado com o contingente das nossas explorações, e quem sabe se tambem com o exemplo instructivo dos nossos erros!
>
> (E. LABOULAYE.)

I

Homero (1) situando os Elysios para além das trevas cimmerias; Platão (2) revelando-nos a existencia de um continente longinquo, porém maior que a Asia, e a Africa reunidas; Evhémero (3), emfim, fallando-nos da sua Panchœa, tam feliz e grata aos immortaes que n'ella tinham a Phenix o ninho, e o Sol o templo... não provam outra cousa sinão que a crença de um Jardim das Hesperides não era

(1) Homero na Yliada e em um dos fragmentos fallando dos campos elysios os situa além do mar occidental. Chateaubriand em um artigo que li por acaso, porém muito depois de ter começado esta minha memoria, faz esta pergunta alludindo á opinião do poeta grego: *Homère plaçait l'Elysée dans la mer occidentale au delà des tenèbres cimmeriennes : était-ce la terre de Colomb?* Estou mais contente porque esta questão, embora vaga e nua parece auctorisar com um grande nome a interpretação que dei ás crenças da antiguidade.

(2) Timœo, cap. 4, confirmada por Marcilio Facino e Diodoro Sciculo liv. 6, cap. 7. *Ce devait*, diz o autor dos Martyres, ja citado, referindo-se á Atlantida, *ce devait étre un continent plus grand que l'Asie et l'Afrique réunies, le quel était situé dans l'Océan Occidental en face du détroit de Gades; position juste de l'Amérique.*

(3) *Qu'est ce que cette Panchœa d'Evheméré, niée par Strabon et Plutarque, décrite par Diodore et Pomponius Mela, grande île située dans l'Océan, île enchantée où le phénix bâtissait son nid sur l'autel du soleil?* (Chateaubriand, *de la découverte de l'Amérique.*)

um mytho da antiguidade, mas simplesmente uma previsão dos Gregos.

Parece que o povo mais philosophico e ao mesmo tempo mais artistico das éras passadas procurava a cúpola ou o zingamôcho d'esse edificio immenso que tinha a Deus por architecto. Na escala ascendente de sentimentos e de idéas que lhe despertavam a contemplação e o estudo do universo, tornava-se indispensavel uma crença que atasse natural e espontaneamente o finito ao infinito, o humano ao divino.

A civilisação, partindo da Arabia, havia deixado o Egypto, e depois a Phenicia para enthronisar-se em Athenas, e na sua marcha invariavel do Oriente para o Occidente ella não devia ficar estacionaria nas margens do Tibre, porque as columnas de Hercules ja não eram uma méta que determinasse o fim de um mar, porém sim uma balisa que assignalava o começo de um Oceano, e ensinava o caminho do futuro. Além pois, muito além d'esse immenso estendal de vagas devia demorar o zimborio do edificio, a terra dos prodigios, o *paiz desconhecido* (4), *a ilha occidental* (5), a Thule (6), ou mesmo esse grande continente para onde os Cartaginezes, quando expulsos de Africa, deviam transportar as tradições de sua antiga preponderancia (7). Os que pensavam d'este modo: Aristoteles, Solon, Platão, Homero, os Gregos emfim, não andavam mui desgarrados da ver-

(4) Da qual nos falla Aristoteles (De admiran. Liv. 8, de Cœlo liv. 2.º) Brito Freire (Guerra Brasilica, liv. 1, pag. 18. Chateaubriand *Découverte de l'Amérique*) que copiando as palavras do primeiro diz: *Une île si pleine de charmes que le sénat de Cartage defendit a ses marins d'en frequenter les parages sous peine de mort*, e Robertson em uma nota da sua: *History of America.*

(5) Alludo ao *Paiz desconhecido*, mencionado por Ptolomeu. Segundo elle *les extrémités de l'Asie se réunissent à une terre inconnue qui joigne l'Afrique par l'Occident.*

(6) A ultima Thule do act. 2.º da Medéa, e que Seneca descreve, acreditada pelos Gregos.

(7) Diodoro nos hace la historia de una isla considerable y lejana, adonde los Cartagineses estaban resueltos á transportar el solio de su imperio, si esperimentaban en Africa alguna desgracia. (El Internacional de Buenos-Ayres n.º 1, pag. 3.)

dade; porque ainda não viam na estrema do horizonte o valle da Judéa, e concluiam muito bem que a civilisação do mundo não devia acabar com a omnipotencia dos Cesares.

O mundo moral é um drama grandioso: a humanidade é o instrumento animado, intelligente e proprio que, ao impulso de Deus, conduz a acção ao desenlace. Não importa que os actores variem segundo os actos: mas emquanto o passado não exprimir sinão elementos do futuro a peripecia está longe.

A illustração do mundo antigo não era uma civilisação completa: era apenas um quadro do grande drama; e como o panno devia descer quando o protogonista do segundo expirasse no mesmo logar em que nascêra o do primeiro (8), com razão fariscava as sciencia dos Gregos um palco novo, vasto e magnifico para as scenas que so a posteridade tinha de contemplar.

Não era, com effeito, sobre acervos de ruinas ja carcomidas pela mão do tempo, não era sobre a sepultura de gerações julgadas que devia fructificar a semente plantada pela gentilidade e fecundada pelo christianismo.

Para a grande seára de uma civilisação nova, de liberdade, de luz e de progresso infinito, era mister mais do que o mundo conhecido; era mister um novo mundo, duas Americas!

II

Quando a civilisação na sua marcha para o occidente chegou a Portugal, os actores, os caracteres, a linguagem, os sentimentos e até os vestidos tinham mudado, mas o drama proseguia sempre, porque o impulso era o mesmo: Deus guiava por caminhos ora visiveis, ora invisiveis, a humanidade a um fim.

Não era mais sobre a terra que os povos cultos da época procuravam assentar os padrões de sua gloria e do seu apogêo. Era sobre

(8) Macedo na sua importantissima obra—*Eva e Ave*— prova com irrecusaveis documentos que Jesus Christo morreu crucificado no mesmo logar em que Deus creára Adão, o primeiro homem!

uma superficie liquida, movel, inconstante e indomavel que a ousadia do tempo pretendia traçar o distico de suas façanhas.

Ninguem cuidava em levantar um Parthenon; ninguem fallava de capiteis, de columnatas, de porticos, de templos, de arcos de triumpho ou de amphitheatros; ninguem sacrificava aos deuses impetrando-lhes a protecção ou aplacando-lhes a ira; mas em compensação todos tratavam á porfia de levantar um colosso de ouro, todos fallavam de naus, de galeões, de galés, de fustas, de patachos ou de urcas; todos oravam a Deus rogando-lhe que conduzisse a paz e a salvamento á foz do Tejo os seus ricos combois!

A troca, a transacção, o commercio occupava e preoccupava todos os espiritos e era a physionomia privativa d'aquelle seculo (9). A ambição despertada pela India, e aguilhoada por Veneza, deu azas ao genio aventureiro, e alienou por tal modo o entendimento do povo navegador, que, surdo ás previsões gregas, e ás conclusões da cosmographia, cego aos exemplos que lhe vinham da Scandinavia e da Dinamarca (10), trocava as glorias de uma viagem nova e de uma descoberta indisputavel pelos innumeros e previstos perigos de uma navegação longa, dispendiosa, deploravel, e pelas vantagens de uma riqueza cara e sanguinolentamente adquirida (11).

(9) As especulações mercantis formavam então o espirito dominante do seculo, e cada seculo tem seu espirito particular, que o distingue dos outros. As altas esperanças que dava o commercio da India attrahiam toda a attenção dos Portuguezes para o Oriente. (I. C. Quintella, *Annaes da Marinha Portugueza*, tom. I, pag. 398). Limito-me a citar este historiador porque é absolutamente insuspeito na materia.

(10) No tempo a que me refiro, ja eram sufficientemente claras as noções cosmographicas. Si não bastava o conhecimento da convexidade da superficie terrestre, e as probabilidades historicas, as viagens ou pelo menos a tradição das viagens dos intrepidos Norueguenses, dos presumidos descobridores da Groenlandia e Vinland, e especialmente de Biorn e Leif, filho de Eric Raúda, eram dados mais que rasoaveis para aventurar uma navegação para o Occidente! O certo porém, é que para marcar a gloria do genio, não houve naçãozinha que deixasse de disputar a Christovam Colombo a novidade dos descobrimentos! Sobre estas viagens podem ler-se Robertson *History of America*. Chateaubriand, *Découverte de l'Amérique*, Quintella, *Annaes da Marinha Portugueza, etc. etc.*

(11) Quantas lagrimas, quanto sangue, quantas desgraças, quantos sacrificios, quantos perigos, quantas despezas, quantos trabalhos não custou o commercio da India á Portugal e á Hespanha! Precisarei de invocar os manes de um Sepulveda, de um Nuno Velho, de um Simão da Cunha? Precisarei mesmo de

Embora de Amalfi, Flavio Gioia; como um ledor do futuro, fornecêra-lhe de ha muito o guia (12); embora a figura mais colossal d'aquelles tempos (13) proclamára, com a logica irresistivel que aos escolhidos communicam o genio e a sciencia; que uma superficie sempre convexa era o caminho mais seguro para uma nova terra; embora a historia, abrindo-lhe as paginas do passado, ensinava á pertinaz cobiça que a civilisação, isto é, os interesses legitimos do genero humano haviam sempre caminhado como a luz do oriente para o occidente... embora porque tudo isto era pouco para lutar contra o prurido das especulações mercantis, para lutar contra uma ambição que se embarcava em galeões mergulhados até ás mesas das enxarcias (14), com doze a quinze palmos d'agua no porão; que uma bomba ou um gamote imperfeitissimo apenas impedia de crescer, pôdres a largar as taboas do costado e entregues á indisciplina sobre um mar que os devorava sem cessar (15)! *Adeo oc-*

citar autoridades, Quintella, Andrade, frei Luiz de Souza, Couto, Goes, Rezende e tantos outros? Não; a historia fallará por mim, a historia que cita por irrecusaveis testemunhos — o cabo da Boa Esperanca, a costa de Moçambique, as terras do Inhaca e até as ilhas do Socotora! Todavia consultem-se as obras dos auctores lembrados.

(12) É sabido que foi Flavio Gioia, natural de Amalfi, quem em 1302, segundo a opinião mais exacta, inventou a agulha de marear, invenção preciosissima *prosértim his temporibus* (Cesare Cantu—*De la chronologia istorica*, 1 vol. Milano), Robertson *History of America*, 1 vol. pag. 19 e 20; Quintella nos seus *Annaes da marinha portugueza* á pag. 22 do tom. 1 assigna a esta invenção uma data posterior, pois a colloca sob o reinado de dom Affonso IV.

(13) Colombo, profundamente instruido nos conhecimentos cosmographicos de sua época, e por isso ja convencido da esphericidade da terra, concluiu com razão que si navegasse sempre para oeste devia acontecer-lhe de duas uma: primeira ou voltar pelo oriente ao mesmo ponto d'onde partira: segunda ou esbarrar em seu caminho com uma terra nova.

O genio parecia mostrar-lhe atravéz do prisma do Atlantico o gigante que havia de eternisar seu nome! Não sei por que fatalidade das cousas d'este mundo apenas a Colombia; pequena fracção de um continente em que se contam quasi todos os graus de latitude, recorda ás gerações de hoje o nome do descubridor da America!

(14) Vejam-se Quintella—*Annaes da marinha portugueza*, Couto, *Decadas*, Faria e Souza, *Asia portugueza*, a historia tragico-maritima, a relação dos naufragios, Goes, Castanheda e todos os que escreveram das viagens a India, desde a primeira até a ultima pagina. Leia-se porém com especialidade o claro, exacto e minucioso Quintella.

(15) Cumpre dar n'este logar explicações dos termos d'este periodo. Em linguagem maritima chamam-se enxareias ou inxarcias aos cabos grossos e fixos

cæcat animos fortuna, ubi vim suam ingruentem refringi non vult!

So o dedo visivel da Providencia podia demonstrar aos Portuguezes que Benesegue, Moçambique, Ormuz e Gôa não eram as balisas do caminho da opulencia, do progresso e do renome; que o Cipango de Marco Palo escondia-se por trás de um oceano e não por de trás de um cabo!

So a Providencia podia condôer-se d'aquella desordenada ambição de ouro, de especiarias e de conquistas, e conduzir um Portuguez ás praias do Brazil para dizer-lhe: « Quereis ouro, especiarias e conquistas... fartai-vos... mas fundae aqui uma civilisação e levantae uma cruz!...»

Assim foi: — a Providencia, — ou como se diz em linguagem do mar: a força maior, um temporal forçou o Portuguez Pedro Alvares Cabral a atravessar o Atlantico e a baptisar os Elysios de Homero, a Thule de Seneca, a Atlantida com o simples nome de — Terra da Vera Cruz (16)!

que seguram os mastros e mastarêos de ambos os lados do navio; as mesas (fallo das exteriores na memoria, o que é de primeira intuição são uns grossos pranchões que se applicam no costado do navio em fórma de prateleiras, em os quaes se fixam as bigotas ferradas para firmar as inxarcias.

Si este estado de trazer o mar pelas mesas ainda hoje (que a construcção naval está muito aperfeiçoada) impede o bom govêrno do navio, quanto mais n'aquelle tempo em que, além de lemes imperfeitos e defeituosissima construcção, andavam os navios sobrepujados por enormes castellos!

Quanto á bomba, insufficiente á sua missão, de extrahir do porão toda a agua que faz o navio, tornava-se quasi sempre inutil, porque era logo invadida pela pimenta da India que atulhava o porão. Não havendo um regulamento naval, e sendo ordinariamente o commandante estranho á nautica e á vida do mar, essa ignorancia contribuia para collocal-o na dependencia do piloto e da tripulação. Imagine-se, á vista do pouco que digo, como se navegava

Por mares nunca d'antes navegados!

Vid. Mauricio da Costa Campos, *Vocabulario maritimo* ou Marujo, palavras — mesas, enxarcias, bomba, bigota &c. Quintella *Annaes da marinha portugueza*, *Historia tragico maritima*, *Relação dos naufragios na carreira da India.*

(16) Ha diversidade de opiniões entre os escriptores acerca do motivo que arrojou Cabral ao Brazil. Uns descrevem-no corrido diante de uma tempestade, outros pintam-no fazendo-se muito a oeste para evitar as grandes calmarias de Guiné, e avistando terra quando menos a esperava. Dispensando-me de provar os fundamentos com que segui a primeira opinião, limito-me a dizer, para tranquillisar a minha consciencia de escriptor, que em uma ou outra versão se manifesta a razão do que affirmei; em uma ou outra houve força maior e descuberta inesperada.

III

Em uma época em que a importancia de uma nação se avaliava pelo numero das conquistas, é facil de presumir o effeito que produziu a chegada a Portugal do transporte (17) enviado por Cabral ao rei dom Manoel, com a relação dos successos de sua viagem inesperada! Portugal contava mais um titulo á inveja das nações.

Como si fôra para a confirmação do que ha pouco disse, da intervenção da Providencia, o viajante portuguez não encontrou alguma d'essas terriveis tribus de que abundava o Brazil, e que lhe teriam feito maldizer necessariamente o encontro, a elle que depois de penosissima viagem surgia em terra desconhecida e inhospita, a centenares de legoas distante da patria.

Encontrou com o abrigo de um *porto* que elle mesmo qualificou de — *seguro*, e foi recebido por selvagens que o acolheram com festas, presentes e ceremonias, que o instruiram dos recursos naturaes do paiz (d'onde mais tarde haviam de ser expulsos!) e que foram os primeiros a prosternarem-se diante do tosco symbolo de uma religião estranha!... (18)

Não o creiam outros: eu vejo e ví sempre em tudo isto o dedo de

(17) A esquadra com que Pedro Alvares Cabral partiu de Lisboa para a India compunha-se de doze navios, entre naus e embarcações menores, e um transporte de que era commandante Gaspar Lemos. Deteve-se Cabral em Porto-Seguro cinco ou seis dias, e por conselho dos commandantes expediu para Portugal o transporte, ja descarregado, dos mantimentos que trouxera, que repartiu pela esquadra; e escreveu a el-rei dom Manoel os acontecimentos de sua viagem e lhe mandou dous naturaes que quizeram ir &c. &c. Quintella *Ann. da Mar. Port.* tom. 1.º pags. 248 e 253.

(18) De todos os selvagens da raça *tupica* eram os *Tupinikins*, que receberam a Cabral, os mais trataveis, os mais fieis e os mais bravos. (Salvador Henrique de Albuquerque, *Resumo da historia do Brazil*, pag. 32.)
Os *Tupinikins* acolheram o almirante Cabral, e parece que foram mal recompensados de sua hospitalidade, porque algum tempo depois do estabelecimento dos primeiros Portuguezes, abandonaram a costa e se refugiaram nos mattos. (Niemeyer Bellegarde *Resumo da historia do Brazil*, pag. 28 e 29.) Cabral fazendo celebrar com a mesma piedade o sancto sacrificio da missa sobre uma ara que levantou entre aquelle inculto arvoredo, que lhe serviu de docel e de templo, aquelles barbaros estiveram presentes a todas as ceremonias catholicas admirados, mas reverentes e conformes com o exemplo dos fieis. (Rocha Pita, *America portugueza*, liv. 1.º pag. 6, n.º 6.)

Deus escrevendo com caracteres humanos sobre aquellas praias o futuro d'esta grande terra!

A Providencia descobrira a méta: o caminho era mais curto e a carreira mais facil para o occidente: a novidade agitava os guizos de seus prestigios deslumbradores: as narrações instigavam os desejos, acalentavam os sonhos e levantavam os castellos... mas porque o Brazil não substituia a India? Porque um rei conquistador e uma nação de cobiçosos insaciaveis e de ousados navegadores contentavam-se com um simples titulo e davam as costas a um cofre guardado por um mar?

O espirito mesmo da época responde a estas questões, e explica satisfactoriamente as causas do longo desprezo que mereceram *as cousas da terra de Sancta Cruz*, como se exprimem os classicos, desde a época do seu descubrimento até o reinado de dom João III, o verdadeiro povoador e cultor do Brazil.

Parece, com effeito, aos olhos do que folhêa a historia de então, irreconciliavel o espirito exclusivamente mercantil do tempo com o desprezo em que deixaram os Portuguezes por tam longo espaço os recursos não so provaveis, porém mesmo contados, de um paiz novo e que chamavam seu (19). Parece... mas si a irreconciliação se mette pelos olhos do observador historico, não lhe penetra até a intelligencia, que a propria historia elucida.

Eram sem duvida a dominação e o lucro as grandes collimações da quadra: a conquista e a especulação mercantil o caracter privativo d'aquelle seculo; mas por isso mesmo que toda a attenção da nação portugueza empregava-se na India, d'onde esperavam resultados sabidos por experiencia; e ganhos que so a imperfeição dos vehiculos e o atraso dos conhecimentos demoravam (obstaculos communs então a qualquer direcção da torrente commercial), ninguem se lembrava de aventurar capitaes, trabalho e vidas em um commercio não estreado, não acoroçoado pelo exemplo, e em uma palavra duvidoso, embora aconselhado por uma ou outra voz que escapava dos

(19) Andrada *Chronica de dom João III*, tom. 1.º liv. 4.º pag. 130; Quintella, *Annaes da marinha portugueza*, tom. 1, pag. 398.

naufragios da costa do Brazil. O plano inclinava-se para o oriente: a concurrencia e a rivalidade excitavam os emprehendedores; as fortunas que, apezar dos contratempos, se levantavam da noite para o dia deslumbravam os timoratos, e os parcos capitaes, esquivos á luz até aquelle dia, precipitavam-se dos cofres no vortice commum! Á India! Á India!... era a phrase cabalistica do frenesi geral!

Havia um homem que podia mudar a situação, ou pelo menos modifical-a muito.

Esse homem era o rei.

Dom Manoel dirigindo a sua marinha de guerra para onde a mercante não pensava em ir, estabelecendo focos de protecção ás mercadorias, aos combois e ás pessoas dos negociantes, e favorecendo officialmente não so a catechese dos indigenas como a emigração dos Europeus, podia dar vida áquelle corpo morto. A idéa baixada do throno e apanhada pela nobreza accenderia a emulação e arrastraria os assoldadados; a garantia promettida pelos pontos ou governos militares convidaria os capitaes a ir procurar um interesse que passára de conjecturavel a certo. O tempo se encarregaria de erguer o edificio sobre os alicerces mergulhados pelo rei.

Esse homem, portanto, podia mudar a situação; mas por uma razão muito facil de dizer si havia cousa que não lhe passava pela mente era isso. O rei pensava como seu povo. Diga si minto o grande Francisco de Andrada, o chronista mór. « Como então a principal occupação d'el-rei dom Manoel e do seu conselho se empregava nas cousas da India por serem de grandissima importancia, tratou-se pouco das do Brazil, havendo-as por menos importantes, porque os proveitos d'ellas se esperavam mais da grangearia da terra, que do commercio da gente por ser barbara, inconstante e pobre (20). »

Como conquistador dom Manoel dormia o somno da indifferença á sombra de um titulo que arrancára ás mãos do acaso, e que ninguem até ali achava gôsto em disputar-lh'o.

O Brazil, pois, por estas circumstancias especiaes estava ao abrigo

(20) Idem.

das duas paixões que dominavam n'aquelles annos os poderosos filhos da Lusitania. Do rei e da terra devia um historiador escrever algum dia: « Quando morreu dom Manoel o Brazil estava so em partes reconhecido e em nem uma povoado (21). »

IV

A Providencia imprime sempre um sêllo grandioso nas cousas destinadas a um grande fim. Quem o não via na terra descoberta e apenas reconhecida? Quem não adivinharia ao aportar ao Brazil que a mão omnipotente escrevêra na base do Pão de Assucar: « Tu és a planta de um gigante!?... » Era pois mister que os olhos portuguezes estivessem por demais deslumbrados com os esplendores do sol ao nascer para que não vissem que ao descambar no horizonte elle illuminava com seus ultimos raios uma terra « por toda a parte fresquissima de arvoredos, abundante de mantimentos, talhada de muitos rios de aguas excellentes, e alguns d'elles navegaveis polla terra dentro muito numero de legoas; uma terra cujas serras criam esmeraldas, amatistas, crystaes e ouro; cujo mato é rico de muitas fructas e hervas medicinaes, como são cannafistula, salsaparrilha, tabaco e almecega; cujo mar, sobre grande abundancia de bons pescados, lança por todas as praias muito ambar, e cujo clima (como que para completar esta harmonia da natureza), é todo de ares benignos e salutiferos! (22) »

Mas o que estava predestinado havia de cumprir-se: o mundo não pára, e a civilisação é o Judeu Errante da historia bem como o Israelita é o Assuerus da legenda.

Ás vezes o finito não comprehende ou obstina-se contra os designios do infinito; n'esses momentos os homens como que retrogradam ou pelo menos descrevem uma parabola na senda que lhes foi prescripta. As revoluções, e em geral todas as aberrações da vida normal dos povos, tem sido julgadas em ultima instancia pela razão

(21) Quintella, *Annaes da marinha portugueza*, tom. 1.º, pag. 398.

(22) Frei Luiz de Souza, *Annaes de dom Joao III*, liv. 1, pag. 29.

e pela sciencia como grandes provas d'aquella verdade. Mas é justamente o oraculo da razão e da sciencia que proclama outra verdade mais importante. A razão nas crenças do povo tradul-o n'estas palavras: — Deus escreve direito por linhas tortas. A sciencia nas convicções dos doutos exprime-se assim: Em que podem os desvarios da humanidade influir sobre as previsões immutaveis do Omnipotente?

Por ventura não são estas aberrações que explicam mesmo a logica irresistivel dos factos e mostram a lei providencial actuando uniforme e fatidica debaixo de tam disparatadas apparencias?

Assim é: e assim aconteceu. A cubiça de dominio e de fortuna, deslocando os interesses, allongava os olhos de todos para a India e condemnava o Brazil á mais completa obscuridade. Dir-se-hia que os dominadores do tempo queriam frustrar os designios da Providencia chamando seu, e sepultando no abandono tudo o que ella derramára sobre aquellas ricas superficies, como para dizer-lhes: Aperfeiçoai! E como a cubiça de dominio dormia, porque ninguem a despertava, e a cubiça de fortuna ria-se incredula, porque ninguem lhe trocava a duvida em evidencia, eram indispensaveis á povoação e civilisação do Brazil tres condições.

1.ª Que uma fronte mais vasta, mais emprehendedora e mais sobranceira aos preconceitos e paixões dominantes da época viesse cingir a coroa de Affonso Henriques.

2.ª Que a cubiça estrangeira viesse demonstrar a patria que não bastavam para a posse e gôzo de um paiz descoberto um padrão erguido na praia e um nome atirado ás brisas do mar.

3.ª Que a fortuna estranha, facil embora illegalmente adquirida, fizesse aos Portuguezes arrependerem-se da funesta indifferença em que tinham perdido para mais de vinte annos de avultados lucros (23).

(23) Digo para mais de vinte annos porque o Brazil foi descoberto em 1500. Dom Manoel pereceu em 1521 e so em 1525, segundo o melhor computo (Frei Luiz de Souza, *Annaes de dom João III* pag. 178), veio do Brazil a primeira esquadra mandada por dom João III, de que era commandante Christovam Jacques, o descobridor da Bahia.

Dom João III realisou a primeira; a França encarregou-se da segunda; os Hespanhóes e os Hollandezes proporcionaram a terceira.

V

Em quanto Portugal *desprezava as cousas do Brazil havendo-as por pouco importantes*, a França adoptava uma opinião bem differente, e pelo contrario entendia que, ainda mesmo com sacrificio, convinha tentar arrebatal-as a tam negligente dono. Os Francezes acreditavam nas esperançosas narrações dos ousados aventureiros, e como não tinham diante dos olhos uma Goa que os cegasse, viam bem que a posse de um extenso paiz nos mares do Occidente era uma brilhante e utilissima acquisição, um magnifico florão para o diadema de sua patria. A attenção dos Portuguezes exclusivamente empregada na India, a indifferença ou pouco apreço que o ja cansado dom Manoel votava ao Brazil, e o desamparo em que esta rica possessão se achava até então atearam-lhes a ousadia e decidiram-nos a levar á execução os planos de engrandecimento futuro.

Sim.... quando dom João III subiu ao throno, o que teve logar em 1521, ja os navios francezes cruzavam as costas do Brazil.

Dom João III não era dom Manoel: era a fronte vasta e emprehendedôra que justamente cumpria dirigir o sceptro n'aquelle momento; e de mais bastava que se realisasse a primeira condição para que se podessem colher logo os esperados fructos.

As nações são em muitas cousas similhantes aos homens. Tem muitas vezes as mesmas paixões, o mesmo caracter, os mesmos erros. São victimas do orgulho: dilaceram-se de inveja, e a sua historia guarda e registra não poucas paginas de segredos bem mesquinhos.

Si possuimos um objecto, não d'esses indispensaveis a existencia, mas d'aquelles cuja obtenção nos causou o mais vivo prazer, damos-lhe diminuto aprêço e deixamol-o esquecido até que a cubiça d'outrem, aguilhoando a nossa, fál-a enxergar vantagens onde so conhecia esterilidade, e é tam duradora e profunda a impressão do estimulo que chegamos a perguntarmo-nos a nós mesmos: Como é

que acalentamos por tanto tempo um conceito tam infundado e funesto?

N'estes casos o egoismo da nação desperta como o do homem mais *humano*, e isto principalmente porque um sentimento de orgulho offendido ou de pundonor menoscabado vem misturar-se á perda de uma posse que a fraqueza ou o deleixo, ambos altamente reprehensiveis, não souberam sustentar.

O brio de nação, o orgulho de conquistador, o interesse de egoista e o direito de primeiro possuidor chamaram, portanto, ao mesmo tempo Portugal ás armas e á defesa. D'ahi duas consequencias inevitaveis: uma immediata e outra mediata: o enviamento de uma esquadra ao Brazil afim de expurgal-a dos usurpadores: — e a povoação, exploração e civilisação da *terra* até esse dia *so reconhecida em partes, e condemnada ao abandono!*

Uma e outra tiveram em pouco tempo effeito, e eis aqui a maneira por que d'elles fallam frei Luiz de Souza e monsenhor Pizzarro:

« No anno de 1525 despachou el-rei dom João III a primeira esquadra que foi em seu tempo ao Brazil: capitão-mór Christovam Jacques. Foy correr aquella costa e alimpal-a de corsarios (24). »

« As carreiras de corsarios francezes na época das descobertas do Brazil contribuiram poderosamente para cuidar-se das cousas d'esta terra, porque os Portuguezes sentiam redobrar-lhes a cubiça com a idéa de que os Francezes podiam assenhorear-se facilmente do novo mundo (25). »

VI

Como era de rigorosa necessidade, as esquadras succederam-se. O mal não estava extirpado: o remedio por consequencia devia prolongar-se. Em breve a experiencia, por de mais custosa, mostrou no espaço de cinco a seis annos que um tal systema de defesa e guarda era tam dispendioso, quanto insufficiente. A construcção naval ainda

(24) Frei Luiz de Souza, *Annaes de dom Joao III* liv. 1, pag. 178.

(25) Monsenhor Pizzarro, *Memorias historicas do Rio de Janeiro*, tom. 1.º

muito atrasada não podia fornecer ao rei embarcações proprias para o cruzeiro do Brazil. Abundavam, além de todos os precalsos de uma navegação longa e vagarosa, todos os perigos inherentes a costas orladas de baixios, cruzadas de correntes e frequentadas de temporaes e ventanias repentinas.

As cartas geographicas do tempo de nada serviam: roteiros do Brazil não os havia propriamente ditos; haviam alguns que não passavam da descripção linear dos infortunios por que tinha passado cada inexperto explorador. Os estabelecimentos levantados á pressa para mera defensão contra os assaltos do gentio do paiz eram tam ephemeros que não sobreviviam ás circumstancias que tinham recommendado a sua construcção (26).

De maneira que as esquadras de Portugal destinadas a sustentar os brios da metropole, depois de terem luctado com o mar, com os ventos, com os cachopos, com as correntes, com a insubordinação, e sobretudo com a grossa artilheria das naus de França, vinham luctar na colonia com a falta de todos os recursos necessarios á reparação dos vasos e á mantença das tripolações, quando as settas indigenas no meio d'aquellas difficuldades, não voavam a trazer-lhes uma solução que terminava todas, mas que não remediava nem uma.

Não era d'este modo que se podia manter um titulo ao respeito dos inimigos. O paiz era vasto: a costa vastissima em razão das pontas, golfos, cabos, bahias, angras &c., que a recortavam por toda a parte. Havia urgente necessidade de estabelecer uma grande linha de defeza e ao mesmo tempo de protecção: havia urgente necessidade de fortificar a terra para que os esforços dos guardas do mar não fossem illudidos.

Eram estas as verdades que a experiencia de cinco a seis annos

(26) A opinião commum entre os escriptores que fallam do Brazil colonial é esta de que constituo por agora interprete Niemeyer Bellegarde: « N'esse tempo além das esquadras destinadas á Asia que tocavam no Brazil, muitas expedições se organisavam expressamente para este bello paiz: porém não formavam estabelecimentos duraveis: de maneira que a guarnição de um navio naufragado perto de Porto-Seguro, teve que buscar asylo entre os selvagens, porque a este tempo ja se achava anniquilada a povoação portugueza. As primeiras construcções eram, como as dos indigenas, pouco resistentes. » (Niemeyer Bellegarde, *Resumo da historia do Brazil*, pags. 46 — 47.)

proclamava em Portugal de volta do Brazil. Dir-se-hia que ella fallava assim á sabedoria de dom João III: « Si quereis a todo o transe conservar a vossa vasta e rica colonia ultramarina, deveis quanto antes praticar aquillo que vosso pae não fez: guarnecei-lhe toda a costa de estabelecimentos duradouros e abastecidos, onde as vossas esquadras possam encontrar abrigo e provisão de tudo quanto é necessario á execução do vosso grande plano.

Corria o anno de 1531 quando el-rei convenceu-se da justeza d'estes conselhos.

Salve! O Brazil ia ser povoado...

Cumpriam-se assim os designios da Providencia a despeito dos desvios humanos, e dom João III não via que, heróe de tanta gloria, não era mais do que um instrumento do Omnipotente, e que em vez de fortificar uma colonia, elle assentava os alicerces de um immenso imperio!

VII

Antes de passar adiante, é aqui logar de fazer algumas reflexões sobre a apreciação, a meu ver indevida, que alguns historiadores formam dos motivos que levaram dom João III a praticar o grande acto de que acabo de fallar.

Dizem elles que « Não tardando o Brazil em manifestar por sua admiravel fertilidade, quanto podia ser util á metropole, esta emprehendeu dar-lhe uma fórma de governo que tendesse á sua felicidade (27). »

Este trecho, que resume o espirito de todas as suas opiniões, teria perfeito cabimento em outra época: talvez dezoito annos depois; mas tambem n'este logar é perfeitamente anachronico da data que seu auctor lhe assignou.

Em 1530 ja se tinha alguma idéa da fertilidade do Brazil, mas não era ella tal que por si so fosse sufficiente para induzir o rei a povoar regularmente um paiz extensissimo. As novas a este respeito

(27) Niemeyer Bellegarde, *Resumo da historia do Brazil*, pag. 47.

tinham apparecido, logo após do descobrimento com todos os atavios de fabula, e so quando a necessidade de defender a terra descoberta contra os ataques dos Francezes levou ao Brazil esquadras de guerra, é que começaram a grassar com alguma fidelidade. A fórma ou systema de governo adoptado por el-rei dom João III, em minha humilde opinião, é uma prova irrecusavel do que digo. A urgente necessidade de povoar e guarnecer uma colonia ameaçada poderia levar a corôa a prodigalisar terras e poder a quem quizesse concorrer para a realisação d'esse fim, mas a certeza da existencia de infindas riquezas e preciosidades sem dono particular, nunca seria um motivo para que o governo deixasse de exploral-as á sua conta.

Além d'isto, a crêrmos estes autores, as expedições que fizeram acreditar esta fertilidade colonial em Lisboa, não foram além de 1511; e n'este caso como explicar, 1.° a negligencia ou criminosa apathia do governo portuguez até 1531, época da povoação regular? 2.° o estabelecimento das donatarias e das capitanias justamente no periodo d'esta apathia, isto é, no intervallo das épocas citadas? 3.° as instrucções que trouxe o primeiro capitão mór, nas quaes lhe recommendava el-rei que expulsasse das costas e dos mares do Brazil os Francezes e os Castelhanos, navegando para esse fim até o Rio da Prata, onde se tinham estabelecido os ultimos, e devendo fundar um governo que protegesse o paiz de qualquer invasão estrangeira (28)? Como explicar finalmente a nova organisação do governo colonial em 1549 (29)?

Acho pois que não merecem peso algum estas opiniões; e, para que estas breves considerações não sejam privadas do grande prestigio das auctoridades, citarei com prazer dous nomes que se prestam á decidida confirmação do que tenho asseverado.

(28) Salvador de Albuquerque, *Resumo da historia do Brazil*, pag. 16; Quintella, *Annaes da marinha portugueza*, tom. 1.° pag 399; — carta d'el-rei dom João III ao conde de Castanheira, de 21 de Janeiro de 1533.

(29) Foi no anno de 1549 que estabeleceu-se, como é corrente em todos os historiadores, o governo geral na Bahia de Todos os Sanctos. Não foi propriamente n'esta época que dom João III, induzido pelas explorações feitas pelos donatarios assentou em dar outro caracter ao systema colonial exercido no Brazil?

O primeiro é o do veneravel chronista da companhia de Jesus:

« Á vista das informações, diz elle, que davam Christovam Jacques, Gonçalo Coelho, Pero Lopes de Souza e Martim Affonso de Souza das cousas do Brazil e do grande futuro que promettiam, resolveu-se el-rei a mandar povoar regularmente estas terras (30). »

Não careço de accrescentar que á vista dos nomes dos expedicionarios é facil comprehender que Simão de Vasconcellos refere-se ás causas que trouxeram um governador geral a Bahia de Todos os Santos.

Citarei com a mesma advertencia, em segundo logar, o nome conhecido de monsenhor Pizzarro e um periodo das suas Memorias historicas. Não se pode ser mais explicito do que elle quando fallando de dom João III, exprime-se assim... «sem desprezar comtudo o primeiro projecto, permittiu amplas datas aos que se offereceram para viver tanto no territorio descoberto, como em toda a costa; mas *sabendo posteriormente el-rei da fertilidade do paiz, depois que a industria dos povoadores novos mostrou a grandeza dos seus fructos deu ás concessões antecedentes melhor fórma* (31).»

A quasi unanimidade dos escriptores em exprimirem-se do modo por que o fazem os dous, que acabo de mencionar, reduzem a verdade a estes termos: não foi o conhecimento das riquezas e das esperanças que dava a terra de Sancta Cruz, mas sim as causas que assignei no capitulo passado, que deram origem á instituição de capitanias *de juro e herdade na provincia do Brazil*.

VIII

Achavam-se assim realisadas duas das tres condições, de que dependia n'aquelle tempo a povoação e civilisação do Brazil: a França acordára Portugal, e dom João III convencera-se profundamente da

(30) Simão de Vasconcellos, *Chronica da companhia de Jesus*, liv. 1.º pag. 35.

(31) Monsenhor Pizzarro, *Memorias historicas do Rio de Janeiro*, tom. 1.º pag. 8.

necessidade indeclinavel de estabelecer na sua nova possessão um systema geral de guarnição e de cultura.

Qualquer, porém, que fosse o plano abraçado pelo governo de Portugal, elle devia amoldar-se segundo as circumstancias, e as circumstancias então eram as seguintes:

O Brazil estava so em parte reconhecido e em nem uma povoado no anno de 1531, em que se passavam estas cousas. A fama de seus grandes thesouros era questionavel, ou pelo menos neutralisada pelo temor dos assaltos e ferocidade dos indigenas, e pelo desamparo da terra. Quem commerciava tinha mais fé no exemplo, no costume ou na certeza, isto é: nas carreiras da India. O erario de Portugal, finalmente, um *pouco* desfalcado pelos dispendios que de continuo exigiam a conquista e a manutenção das possessões da Asia e da Africa, não podia fazer face a um plano que devia executar-se sobre uma base gigantesca, e que, por sua difficuldade e vastidão, requeria avultadas despezas. Assim qualquer que fosse o espirito do systema concebido pela corôa portugueza, elle devia satisfazer necessariamente dous requisitos: 1.° magnetisar os capitaes, ou por outros termos: proporcionar e garantir aos colonisadores um interesse tam persuasivo que os empenhasse decididamente na grande empreza: 2.° não exigir do erario uma intervenção que estava acima de suas forças. Não se tratava de traçar um plano *á priori*; tratava-se de interpretar as exigencias do momento. Devia-se alcançar o grande fim, não apezar, mas de combinação com as circumstancias que imperavam despoticamente.

Dom João III comprehendeu muito bem a situação: no dilemma inevitavel e importantissimo que o destino de sua monarchia lhe punha em frente, elle so viu a necessidade de escolher. Se todos os historiadores encarassem a instituição das capitanias debaixo d'este ponto de vista, alguns não teriam sido tam severos e a meu ver injustos na sua apreciação.

Boa ou má, a instituição era filha de uma resolução forçada; e a prova de que o rei não hesitou um instante em preferir um plano, embora não muito conforme com o que a intelligencia lhe dictava, á

perda de uma immensa possessão, dam estas fieis palavras que revivem aquelle passado e que eu pedi a um historiador consciencioso para adequado remate deste capitulo:

« El-rei dom João III pensou sabiamente que um paiz como o Brazil merecia toda a sua consideração e o emprêgo das providencias mais convenientes para estabelecer n'elle colonias. Mas como era impossivel, que o erario podesse fazer face a um projecto gigantesco que exigia enormes despezas, formou-se pelos annos de 1531, pouco mais ou menos, um plano geral de colonisação, que abrangia desde Pernambuco até ao Rio da Prata, demarcando, e dividindo toda aquella immensa costa em capitanias de cincoenta leguas de frente cada uma (houve n'isto algumas alterações), com um fundo illimitado, por não ser ainda conhecido o continente. Estas capitanias deu el-rei em differentes épocas, desde 1532 em diante, debaixo de certas condições, e de juro e herdade, ás pessoas que tinham meios para estabelecerem alli colonias á sua propria custa.

« Para dar principio a este systema mandou el-rei n'este anno de 1530 a Martim Affonso de Souza, do seu conselho, de cuja capacidade fazia grande estimação, por commandante de uma esquadra, com a qual parece que elle encorporou alguns navios afretados á sua custa, em que se embarcaram algumas pessoas offerecidas para povoarem o primeiro estabelecimento colonial, que se ia crear no Brazil; attendendo a que Martim Affonso de Souza levava instrucções para examinar a costa, que corre do Cabo-Frio ao Rio da Prata, e erigir uma colonia onde melhor lhe parecesse, com auctoridade de conceder terras de sesmaria aos que as quizessem cultivar. » (32)

IX

Eu disse ha pouco que si todos os historiadores encarassem a instituição das capitanias, como eu a encarei no capitulo passado, fundando-me no testemunho da historia e em nomes muitos respeitaveis,

(32) Frei Gaspar da Madre de Deus, *Memorias para a historia da capitania de S. Vicente*; Quintella, *Annaes da marinha portugueza*, tom. 1.º pags. 398 e 399.

alguns não condemnariam com tanta inflexibilidade esse grande plano de colonisação.

Parece-me que disse uma verdade, e senão vejamol-o em poucas palavras.

Sabidas as circumstancias em que se achava o Brazil, o que ninguem contesta, não havendo núcleo algum de população e de cultura, o que devêra fazer o governo de uma terra, que pouco sabia aquilatar, mas que o estrangeiro tentava com vantagem roubar-lhe? Supponho que povoal-a e cultival-a logo. Mas como povoal-a e cultival-a si o thesouro recusava, por impossibilitado, fornecer-lhe os meios indispensaveis? Como obrigar os capitaes a terem fé n'uma exploração, perante a qual o proprio governo recuava? Como achar colonos em que o patriotismo de conservar uma possessão á sua patria, sobrepujasse de tal modo os interesses de seu bem-estar, que viessem submetter-se a todas as eventualidades de uma empreza arriscada e consumidora? O bom senso responde que so de um modo: offerecendo aos emprehendedores tantas vantagens, que a avidez commercial geralmente excitada garantisse ao mesmo governo na tenacidade de suas operações, e na manutenção de suas propriedades a conservação e engrandecimento de sua colonia.

Pois foi o que se fez. Por mais abastado, nobre e poderoso que se fosse, mui poucos por certo recusariam a dadiva hereditaria de cincoenta leguas de costa fertil e sadia, com um fundo illimitado a explorar e um titulo suberbo, rodeado de immunidades e extensissimos poderes. O donatario lia na grande esphera de sua auctoridade e na duração perpetua de sua posse, o destino de sua familia inteira; de maneira que si o serviço do seu rei e o amor ao augmento de sua patria não eram assaz poderosos para leval-o a sacrificar-se pela conservação de uma colonia, sem duvida o interesse do presente, e a segurança do futuro teriam bastante seducção para fazel-o trocar as margens do Douro e os gozos de Lisboa pelas esperanças de fabuloso lucro, que lhe dava a sua terra do Brazil. Estudava-se n'esta determinação não so o caracter do tempo como a natureza do homem!

A immensa auctoridade dos capitães-móres não era uma conces-

são isolada : era antes o complemento do donativo. Convinha sobretudo ligar em corpo e alma o donatario ao seu senhorio. Era preciso que a vaidade, o orgulho e o egoismo humano, satisfeitos pela concessão de um vasto dominio e de um poder quasi absoluto, fizessem, rigorosamente fallando, dos capitães-móres interessados instrumentos da execução e desinvolvimento do plano concebido por el-rei. Este era o *magnum desideratum* : estes os meios indispensaveis.

Assim as invasões estrangeiras encontrariam uma repulsão tanto mais forte e decidida, quanto mais de perto tocasse aos invadidos. O interesse da defeza propria tomaria o logar do ardor do patriotismo; a possessão conservar-se-hia naturalmente, e o erario, longe de extenuar-se, alentar-se-hia com os resultados da exploração d'ella.

Por isso, em permutação dos grandes serviços que com a povoação e fortificação de suas capitanias deviam prestar ao throno portuguez, concederam-se aos capitães-móres alçadas civel e crime, extensivas até morte em muitos delictos, como de traição, sodomia, furto, etc. dos quaes podiam negar appellação. (Ordenação liv. 2.° tit. 47.) Concederam-se-lhes tambem com a posse de *juro e herdade* todas as regalias, excepto a de cunhar moeda e a de impôr e receber dizima territoria ; e para que pudessem associar ao seu o interesse de grande numero de cooperadores outorgou-se-lhes mais o direito de conquistar toda a terra do interior e conceder sesmarias (33).

Um escripto mais comprehensivo do que esta memoria, analysando de per si a intima relação que existia entre cada uma das prerogativas conferidas aos capitães-móres donatarios, e o fim da instituição das capitanias, demonstraria com facilidade que n'aquella crise era esse o melhor plano de colonisação.

Não me cabe fazel-o aqui; mas sempre direi de passagem que não devemos nunca sentenciar o passado por causa do presente. Esmerilhemos antes o caracter e as circumstancias da época que queremos estudar : porque é debaixo d'estes titulos, e não nas soluções impre-

(33) Salvador e Bellegarde, *Resumo da historia do Brazil ;* Andrada, Quintella, Pizzarro, Silva Lisboa, Sanctos, etc., etc.

vistas do futuro, que havemos de encontrar a chave dos acontecimentos que tratamos de explicar.

Si os capitães-móres abusaram muitas vezes de sua immensa auctoridade; si a instituição das donatarias era, como querem uns, infensa á cathechése dos indios; si a divisão e rivalidade dos habitantes das diversas capitanias, como querem outros, plantaram a divisão e a rivalidade entre os Brazileiros, lembremo-nos tambem que além de todas as autoridades abusarem e de todas as instituições terem inconvenientes, a de que trato agora, com seus pró e contra, nasceu directamente da suprema razão de todas as cousas humanas: a necessidade!

X

Em 1549, quasi vinte annos depois dos actos que annalysei no capitulo passado, por um dia do mez de Março, desembarcava na Bahia Thomé de Souza, governador geral que vinha para a colonia do Brazil.

O que se tinha passado n'este intervallo? O que dizia a experiencia da exploração da terra e da instituição das capitanias? Como é que, 18 a 19 annos depois, o mesmo dom João III, mudava o systema colonial e sujeitava a um governador geral todos os capitães-móres que fizera tam poderosos e que tornava agora subalternos?

A experiencia n'este periodo tinha proclamado que os designios de Deus se cumprem infallivelmente; que a civilisação semeára n'uma terra fertil, abundante e riquissima, o germen de um grande imperio; que esta semente brotára cheia de viço e de futuro, e que ja não eram um mysterio os thesouros infindos da terra de Sancta Cruz, em outro tempo tam funesta e impoliticamente abandonada!

A experiencia porém proclamára tambem que uma instituição filha do tempo devia acabar com quem lhe dera o nascimento.

O homem, por isso mesmo que é dotado de razão, é talvez dos entes creados o que carece mais de correctivos. A regalia da razão degenera sempre em exorbitancia do que lhe foi prescripto pelo seu

Creador, e isto é o que se chama imperfectibilidade humana. Aquelles a quem se tinha dado tanto poder e dominio, que lhes enchesse a taça da ambição, abusaram de um e outro; entenderam que conquistar era assollar, que enriquecer era extorquir, e que possuir era escravisar. « A paz com os indigenas do paiz, diz o veneravel Simão de Vasconcellos, so durou emquanto durou tambem a paciencia d'elles, porque não houve commercio vil, barbaridade, violencia, extorsão, e immoralidade que os Portuguezes não praticassem em todas as capitanias com aquelles a quem chamavam selvagens, mas a quem n'este ponto excediam em selvajeria. » (34)

A liberdade natural ateando as chammas do amor da patria derreteu os ferros da escravidão americana, e d'esse dia em diante os interesses de Portugal não puderam progredir mais debaixo da fórma de administração até então adoptada.

Cumpria pois modifical-a; essa mesma independencia e ampla autoridade dos capitães móres em outra época tam imperiosamente reclamadas tornavam-se nocivas á boa marcha do regimen colonial, e como as provas d'isso repetiam-se cada dia, em breve o mesmo dom João III comprehendeu a necessidade de cortar as papoulas que as razões do estado lhe tinham feito plantar n'uma estação mais favoravel.

Era tempo de remediar o que so a necessidade exigira. O Brazil ja não era a terra dos contos exagerados, um cofre de riquezas fabulosas: era pelo contrario uma mina estupenda e inexhaurivel que os povos estrangeiros cubiçavam e que os Hespanhóes e Hollandezes, realisando a terceira condição, tratavam ja de comprimir debaixo de suas garras.

Todas estas razões, cada qual mais importante, tumultuavam no vasto espirito de dom João III, e como o erario ja não esmolava, e as cartas, alvarás, leis, provisões, etc., que profligavam os abusos parciaes lutavam em vão contra o mal geral, decidiu-se elle a reorganisar definitivamente o systema de administração colonial.

(34) *Chronica da companhia de Jesus*, liv. 1.º e 2.º

A vinda de Thomé de Souza, ou por outra a creação de um governo central com séde na Bahia de Todos os Sanctos, foi a consequencia d'esta determinação, e como o remedio devia ser tam efficaz quanto era profunda a enfermidade, todas as alçadas e regalias concentraram nas mãos d'aquelle que devia reger soberanamente os destinos coloniaes do Brazil em nome do seu rei e senhor. (35)

Da unidade e força de acção que resultaria de um poder administrativo assim constituido esperava a corôa de Portugal tres resultados importantes: 1.° que a colonia do Brazil assim explorada mais officialmente, pejaria os cofres da metropole; 2.° que a ambição dos usurpadores arrefeceria de todo á vista dos meios de prompta e vantajosa repulsão que o governo colonial podia offerecer-lhes; 3.° que, submettendo á decisão de um governador superior as questões administrativas de interesse local e todas as divergencias em geral, a justiça seria mais effectiva, os crimes diminuiriam, os abusos recuariam diante de uma proxima e inflexivel correcção e além de tudo não so a colonia respeitaria mais sua metropole, como mesmo Portugal contaria mais com suas possessões americanas.

Si dom João III colheu estes tres resultados a historia o diz, mas eu não poderei repetil-o, porque é finda a minha missão.

N'estas breves reflexões sobre as duas primeiras instituições administrativas e politicas que tiveram os Brazileiros eu so procurei aquilatal-as a meu modo.

Não sei si, no que é meu, podia exceder o que fiz; mas o que sei é que, quando pudesse, impedia-m'o a moldura do painel.

O meu trabalho portanto reduziu-se a lançar com cuidado sobre algumas folhas de papel uns simples apontamentos que para adiante terei mil occasiões de desinvolver com proveito. Por agora:

Est quadam prodire tenus, si non datur ultra! (36)

(35) Todos os historiadores do Brazil concordam na época da chegada de Thomé de Souza e na extensão de seus poderes e prerogativas.

(36) Horacio, liv. 1.° epist. 2.ª

BIOGRAPHIA

DOS

BRAZILEIROS ILLUSTRES PELAS SCIENCIAS, LETRAS, ARMAS E VIRTUDES.

JUNQUEIRA FREIRE.

Era joven, e bem joven o bahiano Junqueira Freire! Educado em um claustro, havendo n'elle passado a sua juventude, conseguira na idade de 22 annos trocar a solidão pela sociedade e deixar a cellula do monge para se atirar na existencia contrariada do mundo!

A parca cruel lhe veio logo arrebatar a vida; ceifou-a na flôr, sem piedade para elle, e quando, ao desabrochar, ja tanto aroma espargia ella, e um genio admiravel promettia á sua terra e sua patria!

Desappareceu do claustro; o mundo porém não era destinado para elle; desappareceu logo do mundo; mas deixou para memoria um livro, pouco volumoso, rico de inspirações elevadas, de pequeno numero de paginas e resplandecente de poesia, de verdadeira poesia (1).

São tam raros os poetas! Não faltam versificadores, principalmente nas linguas do meio-dia da Europa, nas quaes a palavra se presta á rima, e a phrase é ja por si harmoniosa e cadente; mas os poetas, aquelles que nascem inspirados, aquelles que a natureza enriquece com imaginação espantosa, os verdadeiros poetas, raros são, porque a Providencia tem escolhidos, e esses não podem ser numerosos.

Junqueira Freire era poeta! O pequeno livro das *Inspirações do Claustro* o demonstra; a chamma divina ardia-lhe no cerebro; ainda quente deve estar seu corpo, si bem que já sepultado na terra, e ja

(1) Inspirações do claustro — 1 vol. 8.º francez — publicado na Bahia em 1855.

fallámos d'elle como de uma cousa que foi, de uma nuvem que passou, de um som que se sumiu no espaço.

Parece que houve n'elle um presentimento de morte precoce: sahido do claustro, publicou esse bello livro, e logo que o entregou ao mundo, como para deixar-lhe a dor e a saudade, fechou os olhos e desceu á sepultura!

Não é novo este acontecimento na historia litteraria (2): Chatterton morreu antes de 18 annos de idade, Gilbert apenas chegou a 29 annos.

Como Chatterton e como Gilbert, o poeta Junqueira Freire sentia necessidade de olhar para o céo e para a eternidade: no meio das suas dores do claustro, como aquelles seus irmãos, no meio das angustias da fome, para Deus appellava o vate, e no seio immenso do Creador do mundo é que encontrava abrigo e consolações.

Porque se me extasia a mente ás vezes,
E vaga, e vaga, aligera e perdida
Pelas solidões do firmamento ethereo,
Bem como o seraphim que esguarda os mundos,
Livre os celestes paramos percorre?
Porque penetra, ás vezes arrojada,
Nos mysterios reconditos do Eterno,
E toda entorna-se a seus pés, — bem como
O alabastro de nardo aos pés do Christo?
Porque se abraça em incorporeo amplexo
Co' os angelicos seres de além-astros,
E, como a chaves das eternas portas,
Abre os thesousos do poder do Altissimo,
E n'elles bebe inexhauriveis gozos?

Eis-aqui como se extasiava Junqueira Freire, o poeta que a Bahia e o Brazil acabam de perder, quando á mente lhe fulgurava a imagem solemne da immensidade; sonhava, delirava, adivinhava, como sonham, deliram e adivinham os grandes genios que nascem feitos e não se formam no mundo.

(2) Luiz José Junqueira Freire nasceu na cidade da Bahia em 31 de Dezembro de 1832, filho legitimo de Jose Vicente de Sa Freire e Felicidade Augusta Junqueira: entrou para a ordem de S. Bento em 9 de Fevereiro de 1851. Tomou o nome de frei Luiz de Sancta Escolastica. Secularisou-se em 1854, e falesceu n'aquella mesma cidade, em casa de sua mãi, na rua do Paço do Saldanha, em 24 de Junho de 1855. Sepultou-se no mosteiro de S. Bento.

Poeta, que vida fôra a tua? Tu o dizes quando pintas as dores do claustro. Tua juventude ali se quebrou como o aço ao roçar da pedra; teus gemidos se perderam pelos longos corredores e pelas sombrias cellulas; ao pe do altar sim, ajoelhado em cima de sepulturas, é que te vinha o allivio, a esperança, a voz do anjo que te chamava para outro mundo, que devia ser o teu, que é o mundo que te merecia.

Gósto de meditar, de noite, ás vezes,
Como um infante,
Espasmado no olhar, fitando o corpo
Que tem diante.
Gósto de meditar, de dia, ás vezes,
Como o ancião,
A quem idéas se erguem do passado,
Em borbulhão.
. . . .
. . . .
Porque, e para que rompeu meu corpo
Do embryão?
Que melhor que não fôra me abafasse
A compressão?
Fôra melhor. E a seiva de amargores
Não me coára,
E a precoce estação das dores inda
Não me chegára.
Fôra melhor. E o estigma da tristeza
Não me sellára.

Melancolica ronha, os rins sensiveis
Não m'os gastára.
. . . .
. . . .
. . . .
Ai! praza a Deus que breve,
Tam breve como a flôr,
Ardendo o incenso, ardendo,
Qual virginal rubor,
Transponha aos céos a alma
Do triste trovador.

E' noite; e noite de pavor é ella,
. . . .
Sacra aos mysterios de esquecidos tumulos.
Sozinho o bardo aqui — co'a noite e as trevas!
So elle aqui; que o mundo é morto agora
Nos braços do lethargo — irmão do nada.
So elle aqui com as campas dos finados
Na latidão dos claustros solitarios,

Que apontando co'o indice da morte
Aos carcomidos, disticos das lapidas,
Sorrindo-se, lhe volvem o problema,
Arduo problema — do que monta o mundo,
. . . .
E a vida e os homens, e a vaidade d'elles.
Não, sozinho é melhor. Sozinho o cysne
No vazio dos céos mais livre adeja.

Entre tantos canticos, pela maxima parte canticos de dor que lhe arranca a solidão, quasi que não ha escolha; todos contém bellezas, que denunciam um genio poetico da primeira plana: imaginação, sentimento, idéas, paixões, inspiração sublime, tudo se allia perfeitamente com a selecção da palavra, com o apropriado da phrase, com a maviosidade do verso e com a justeza da rima. Junqueira Freire, si pela imaginação pertencia á escola de Souza Caldas, de Francisco Manuel, de Almeida Garret e de Diniz, pela fórma, pelas vestes exteriores, pela metrificação, recebeu de certo lições de Gonzaga, de Camões, de Garção, de Bocage e de José Bazilio.

Como é lindo e melancolico o cantico intitulado — *Um pedido.*

Bello joven, tu vagueas
Por campinas de esmeralda,
Adormentas sobre as flores
O doce amor que te escalda.

Ainda o céo te apparece
Vasta abobada de anil,
A teus olhos não ha nuvem,
Nem furacão, nem fuzil.

Inda levantas os olhos
A' tua estrella feliz,
Les cada noite em seus raios
Mil esperanças gentis.

Depois das visões ditosas
De teu dourado dormir,
Acordas fallando amores
Com prazenteiro sorrir.

Ao ardor meridiano
Ouvem-te ainda a cantar,
Não ves a mágua estampada
Na face crepuscular.

Pela escada da ventura
Sobes cad' hora um degrau,
Tua existencia mimosa
E' um continuo sarau.

Bello joven, no teu peito
Não tocou a mão da dor,
Teu espirito innocente
Póde bem pensar de amor.

Bello joven, so tu pódes
Co' os sentimentos na mão,
Fallar palavras ardentes,
Labaredas de paixão.

Eu, que tenho luctado contra a vida,
Bebido n'outro calice de dores,
Joven! — Não posso meditar doçuras,
Cantar ternos amores.

Eu que nunca senti nos olhos d'alma
O traspassar dos olhos da donzella,
Joven! — Não posso te pintar as dores,
Que não senti por ella.

E si eu quizera, disfarçando angustias,
Cantar suave a tua bella Armia,
Joven! — De todos eu teria em paga
Um riso de ironia.

Rivalisam com este cantico em doçura e tristeza o da profissão de frei *João das Mercês Ramos*, a canção intitulada — *Ella,* — os versos aos *Jesuitas*, cheios de uma cor local brazileira, que muito agradam, e as elegias — *Flor murcha do altar*, 'a *Freira*, a *Devota;* a poesia derrama-se por todas as estrophes, por todos os versos, por todas as phrases, por todas as palavras; sente-se com a sua leitura, e sente-se profundamente, a perda de um genio que começava seus voos, que ja se podem chamar — voos de aguia!

Ah! Si a dura morte se não apressasse a riscal-o do numero dos viventes; si esse joven de 22 annos tivesse tempo de amadurar o seu engenho, de moderar e regularisar a sua inspiração, de colhêr no estudo mais profundeza de pensamentos, que grande poeta que não fôra, e que gloria não derramaria sobre o seu paiz?

O cantico á profissão de frei João das Mercês denota o sentimento,

a mágua e a dor que ja haviam começado a apoderar-se do seu espirito, e a desbotar-lhe as côres as mais suaves; o isolamento do claustro não pudéra vencer as paixões do joven e quebrar-lhes os brios naturaes; o claustro se lhe figurava um medonho inferno, aonde lhe haviam atirado a existencia para lh'a amargurar e emmurchecer; no meio de suas angustias exhalava suspiros desesperados como os *Claustros*, o *Apostata*, o *Converso*, o *Misanthropo;* felizmente que ás vezes o sopro divino o salvava, arrebatando-lhe o espirito e os voos para idéas melancolicas sim, mas religiosas e moraes, como são aquellas com que ornou a *Meditação*, o *Incenso do altar*, as *Irmãs de Caridade*, e *Pobre suberbo.*

Quereis ouvir como se perdia aquelle politico espirito, quando balançando entre a desesperação do isolamento e as crenças religiosas, entre as saudades da vida humana e a prisão da cellula, fazia soar a lyra com arrebatamentos dolorosos? Lede o cantico á profissão de frei João das Mercês.

Eu tambem antevi dourados dias
N'esse dia fatal;
Eu tambem, como tu, sonhei contente
Uma ventura igual.

Eu tambem ideei a linda imagem
Da placidez da vida;
Eu tambem desejei o claustro esteril,
Como feliz guarida.

Eu tambem me prostrei ao pe das aras
Com jubilo indizivel;
Eu tambem declarei com forte accento
O juramento horrivel.

Eu ta mbem affirmei que era bem facil
Esse voto immortal;
Eu t ambem prometti cumprir as juras
D'esse dia fatal.

Mas eu não tive os dias de ventura
Dos sonhos que sonhei;
Mas eu não tive o placido socego
Que tanto procurei.

Tive mais tarde a reacção rebelde
Do sentimento interno;

Tive o tormento dos crueis remorsos,
Que me parece eterno.

Tive as paixões, que a solidão formava
Crescendo-me no peito;
Tive em lugar das rosas, que esperava,
Espinhos no meu leito.

Tive a calumnia tetrica vestida
Por mãos a Deus sagradas;
Tive a calumnia, que mais livre abrange,
O' Deus! vossas moradas!

Illudimo-nos todos! — Concebemos
Um paraiso eterno;
E quando n'elle sofregos tocamos,
Achamos um inferno!

Virgem formosa entre visão phantastica
Que tão real parece;
Mas quando a mão chega a tocal-a quasi,
Lá vae, la se esvaece!

Sonho da infancia, que nos traz aos labios
Um riso mais que doce;
Mas uma voz, um som..... — some-se o sonho,
Como se nunca fosse.

Tu, filho da esperança! — tu juraste
O que tambem juramos;
Tu acreditas, innocente! — ainda
O quanto acreditamos.

Oh! que não soffra as dores que nos ferem
Teu joven coração!
Que o futuro que esperas se não torne
Terrivel illusão!

Que sobre nós os — filhos da desgraça —
Levantes um trophéo;
E que não aches — como nós achámos —
Inferno em vez de céo!

Ahi tendes ainda a meditação com seus versos expressivos que ferem e rasgam o peito, e chamam as lagrimas aos olhos.

Oh! morra o coração, germen fecundo
De mil tormentos;
Desfalleçam-lhe as fibras — espedacem-se
Os filamentos.

Isenta de paixões — de amor, ou odio,
Surja a razão;
Não obedeça escrava aos sentimentos
Do coração.

Torne-se o coração lampada extincta,
Cinza no lar;
E deixe que a razão veleje livre
Em largo mar.

Crêa n'um Deus — e dos dulçores goze
De almo ascetismo;
Não mais lhe rôa as visceras o cancro
Do scepticismo.

A divida infernal, batendo as azas,
Perdendo as côres,
Precipite-se subito nas chamas
Exteriores.

E Deus, que vivifica o alvar pinheiro,
E a tenra planta;
Que os soberbos calcina, e que os humildes
Do po levanta;

De minha vil baixeza — como os homens —
Ah! — não se peja;
Que elle mão cheia de mil dons em todos
Largo despeja.

Mas si té qui parece deslembrado,
Triste! — de mim,
Si não manda a guardar minha alma dubia
Um cherubim.

Si nunca se lembrar que um ente existe
N'essa amargura,
Melhor não fôra me gelasse o sangue
A morte dura?

Basta para se conhecer que genio poetico se escondia sob as vestes de monge; basta para se deplorar o pensamento prematuro de uma existencia tam cheia de futuro, de um engenho tam ricamente mimoseado pela Providencia Divina; tam joven, não podia escapar á sorte humana e aos defeitos da mocidade; ha nos seus canticos alguma exageração de sentimentos, alguma extravagancia de idéas: é defeito da idade. O talento e o genio poetico nascem espontaneamente, mas recebem da educação, do tempo, do estudo, do mundo,

o aperfeiçoamento necessario que lhe faça trocar as vestes brilhantes e seductoras de fogo ardente pelos voos acertados e sublimes do enthusiasmo reflectido.

Não findaremos sem dar amostras de uma canção que revela qualidades de Juvenal: é a cantata a *Frei Bastos*, que parece que ajunctava os dotes da poesia e da oratoria a vicios immundos que lhe estragavam o corpo e desseccavam-lhe o espirito.

Porque te afogas Bossuet Brazilio,
No immundo pégo da lascivia impura?
Porque teus louros triumphaes nodôas
Co'as roxas fezes do azedado vinho?
Porque continuo tua gloria assopras
Nos leves bafos do charuto ardendo?
Porque te afogas, Bossuet Brazilio,
No immundo pégo da lascivia impura?

Desces do altar á crapula homicida,
Sobes da crapula aos fulmineos pulpitos.
Ali teu brado lisongêa os vicios,
Aqui atrôa, apavorando os crimes
E os labios rubros dos femineos beijos
Disparam raios que as paixões aterram.
Porque te afogas, Bossuet Brazilio,
No immundo pégo da lascivia impura?

Para as canções que celebraram Milton,
Deu-te o Senhor poetica ardentia;
Para esses dons, que Bossuet vestiram,
Deu-te o Senhor o fulmen da eloquencia.
Duas corôas te entrançava a gloria;
Duas corôas desmanchou teu genio.
Porque te afogas, Bossuet Brazilio,
No immundo pégo da lascivia impura?

João Manuel Pereira da Silva.

A EMIGRAÇÃO DOS CAYUAZ[1]

NARRAÇÃO COORDENADA SOB APONTAMENTOS DADOS PELO SR.

JOÃO HENRIQUE ELLIOT

PELO SOCIO EFFECTIVO

O SR. BRIGADEIRO J. J. MACHADO DE OLIVEIRA.

Os indios Cayuaz descendem das tribus do Guairá, depois da destruição pelos Mamelucos d'esta grande missão jesuitica que tanto avultou no começo do seculo XV; viveram por muito tempo dispersos e errantes, e por fim tomaram por paradeiro as matas que se estendem desde o rio Iguatemy até o Ivinheyma ou Iguary, e desde os campos de Xerez até o grande Paraná. Naturalmente pacificos, vivem por isso rodeados de inimigos, e circumscriptos a essas matas, seu unico asylo. Ao sul tem os Paraguayos, ao oeste os Guaycurús, Terenos e Laihanas, que de tempo em tempo invadem seus escondrijos, arrebatam-lhes as mulheres e levam os filhos para o captiveiro; ao norte vagueiam os indios Coroados, e a leste tem o grande Paraná, e as hordas ferozes dos sertões dos rios Ivahy e Iguassú.

Dos diversos alojamentos dos Cayuaz tem por vezes se desmembrado grupos em procura de outras localidades que melhor provessem sua subsistencia, e mais bem os defendessem dos acommettimentos dos seus numerosos inimigos.

Ao correr do anno de 1830 (si a lembrança me não falha) appareceu nas vizinhanças da villa de Itapetininga uma porção de indios selvagens desconhecidos; eram Cayuaz vindos d'além do Paraná.

Pelo dizer d'estes indios atravessaram elles o Paraná abaixo da

(1) *Cayuá*, genio do mato, e composto dos vocabulos *caá*, mato e *iará* senhor ou dono—*M. O.*

barra do Ivahy, remontaram este rio até as ruinas de Villa-Rica, e d'ahi, transpondo-se para a sua margem direita, dirigiram-se para o Tibagy, que passaram pouco abaixo dos Montes-Agudos, entrando em territorio da comarca de Coritiba; e ao subirem essa grande cordilheira avistaram uma parte dos Campos Geraes, que d'ali se estendem para o nascente. Por sua qualidade de selvagens não deviam apparecer subitamente n'esses campos, pois que se assim o praticassem expunham-se a recontros com os brancos, e por isso inclinaram-se mais para o norte, abeirando o campo, mais ou menos perto, e depois de annos de um viver errante, repassados de privações e vicissitudes, mostraram-se finalmente no municipio de Itapetininga, onde permaneceram algum tempo entretidos em communicação com a população d'ali, sem que todavia se decidissem a um estabelecimento fixo. Passados mezes retrahiram-se ás matas, entrando pelos sertões da margem esquerda do Paranapanema, entrepostos aos rios Taquary e Itararé.

Em 1844 appareceu na fazenda de Peritusa, do exmo barão de Antonina, um magote d'estes indios, com o fito talvez de conhecerem como seriam ali recebidos. O proprietario os acolheu com aquella bonhomia que foi sempre o seu caracteristico, e especialmente em respeito aos indios, distribuindo-lhes roupa, ferramenta e aquillo que mais prendia sua cobiça, e informado d'elles do sitio em que se achava alojado o restante da tribu, mandou abrir uma vereda de onze legoas que lhe pudesse dar transito para ali, e conseguido isso, só a expensas suas, passou a solicitar o auxilio do govêrno, ministrando-lhes um capuchinho para sua catechese, e por fim aldêou-os no logar em que hoje existe a capella de Sam João Baptista.

Em 1845, na excursão que fiz em companhia dos srs. Vergueiro e Lopes, cujo relatorio foi publicado na *Revista trimensal* do instituto historico e geographico brazileiro de 1846, subindo o Ivahy, deparamos com dezeseis familias d'esta raça indiana que seguia a mesma direcção que levavamos, e porque depois d'isso nem uma noticia houvesse d'esse gentio, suppõe-se que fôra accommettido e derrotado pelas hordas ferozes que habitam o sertão a oeste de Guarapuava.

Em 1847, no regresso da expedição incumbida das explorações dos campos de Xerez ou da Vaccaria, na provincia de Matto-Grosso, a que eram annexos, descendo o Ivinheyma, encontrámos com grande numero d'estes indios na margem direita do rio: chegámos á falla, e travámos com elles relações de amizade (veja-se a *Revista do instituto* de 1849) (*). E como esta gente se esforçasse em demonstrações de deixar aquelles logares expostos ás invasões das tribus suas inimigas, informado d'isto o sr. barão de Antonina, cujas tendencias foram sempre chamar á civilisação a casta indiana, dispôz-se a manter esses precedentes de conciliação, mandando brindes aos Cayuaz sempre que havia opportunidade, e excitando-os a que se subtrahissem á vida errante: isto que lhe grangeou o mesmo titulo de Pahy Guassú que lhe houvera dado a tribu que se aldêou em S. João Baptista.

Em 1841 o cacique Libanio, que entre elles era conhecido com o nome de Iiguajurú, enviou a seu filho Iguajú na comitiva do negociante Baptista Prestes a visitar o bom Pahy Guassú e a conhecer si era exacto quanto se divulgava do estabelecimento projectado no Tibagy. O hospede de s. exª foi bem tratado, como era de esperar, e ao retirar-se para os seus, o sr. barão aproveitou o ensejo para dirigir-lhes o convite de virem-se aldêar no porto de Jatahy n'aquelle rio, onde se começava a erigir a colonia militar que servia de ponto de partida do transito fluvial para a provincia de Matto-Grosso e a republica de Paraguay, e assim principiar-se um novo aldêamento de indios d'essa raça, á imitação do de S. João Baptista.

Não contente com estas recommendações a Iguajú, chamou s. exª a Simão Sanches, natural do Paraguay e versado no idioma guarany,

(*) V. *Revista do instituto, tomo IX, pag.* 17. Resumo do itinerario de uma viagem exploradora pelos rios Verde, Itarare, Paranapanema e seus affluentes pelo Paraná, Ivahy e sertões adjacentes, emprehendida por ordem do ex.mo sr. barão de Antonina, e *tomo X, pag.* 153 Itinerario das viagens exploradoras emprehendidas pelo sr. barão de Antonina para descobrir uma via de communicaçao entre o porto da villa de Antonina e o Baixo Paraguay na provincia de Matto-Grosso feitas no anno de 1844 a 1847 pelo sertanista o sr. Joaquim Francisco Lopes e descriptas pelo sr. João Henrique Elliott.

(Nota da Redacçaq.).

assim como sam todos os d'aquelle paiz, e incumbiu-lhe de ir em companhia do filho do cacique munido de presentes para essa tribu, e de canôas para transportal-a si por ventura assim o quizesse espontaneamente. Entretanto Sanches no alojamento do Iiguajurú (2) distribuiu os brindes que levava; e como logo conhecesse nos indios d'ali vontade de emigrarem para a nova colonia, emprazou-os para que estivessem promptos para isso ao seu regresso dos campos de Xerez, d'onde voltaria dentro de dous mezes, pedindo tambem ao cacique que fizesse igual convite aos chefes de outras tribus que lhe fossem mais proximas; pois que a todos daria transporte e manutenção.

Iiguajurú não se demorou em mandar emissarios aos caciques que habitam as matas de Iquatemy, Inhanduracáy, Tajahy, Curupaná e outros lugares, os quaes foram promptos em annuir ao convite para a emigração; e ao voltar Sanches das suas explorações achou no alojamento de Iiguajurú sete chefes e mais de quinhentos indios de ambos os sexos e de toda a idade dispostos para acompanhal-o. O transporte dos emigrantes para áquem do Paraná, que não tinham canôas proprias, foi feito nas da expedição, e postos quasi todos na margem esquerda d'este rio; foi então que Sanches pôde calcular que os viveres que tinha não eram bastantes para a manutenção d'aquelle gentio, e fazendo aviso para a colonia a bem de lhe vir d'ali algum fornecimento, visto que pela natural imprevidencia dos indios nem um dos que ali se achára trouxera meios de alimentar-se, prosegui entretanto, a transportar do Ivinheyma para o lado esquerdo do Paraná o restante da emigração; recommendando aos que ja ali estavam que fossem caminhando Paranapanema acima e que se mantivessem da caça e pesca emquanto não chegavam os provimentos pedidos á colonia, que os esperava no tempo de uma lua (3). Mas tam numeroso pessoal, com mulheres e crianças, caminhava vagarosamente, e mais retardava sua viagem a necessidade de provêr-se de alimento extrahido das matas com algum custo: todavia, foram vencidas sete ou

(2) *Iguajurú*, rio de grande bocca, composto de *igua* e *jurú*.—*M. O.*

(3) Os indios regulam por luas a medida do tempo: e assim uma lua com todas as suas phazes equivale a um mez.—*M. O.*

oito legoas, que tantas ha do ponto da sua partida aos grandes barreiros que ficam abaixo da foz do Pirapó no Paranapanema; e como fossem ahi chegados os indios, fizeram parada por necessidade de repouso, e para reparar a fome que tanto os perseguira e que os fazia insoffridos, entretanto que aguardavam ali a Sanches com o resto dos emigrantes.

Os homens que do Paraná foram mandados á colonia a conduzir viveres para o gentio caminhante puderam chegar ao seu destino com a demora quasi de dous mezes, por causa do máu tempo e imprevistas contrariedades; acontecendo que por motivo de mau tratamento que deram aos indios que os acompanhavam, retiraram-se estes fugitivos e foram-se incorporar á sua gente, contando-lhe os soffrimentos por que passaram e o comportamento havido com elles, bem diverso do que se lhes promettêra e se lhes fizera antes da sua partida.

A noticia dada pelos fugitivos do mau tratamento que com elles se praticára, incutida em animos como o dos indios, sempre dispostos á desconfiança para com os brancos, sempre cheios de apprehensões, que muitas vezes contrariam um bom intuito, que se fita unicamente em lhes fazer deparar com o seu bem-estar; a mais d'isso, e por cumulo de infortunio, a morte de Sanches, afogado no Paraná quando promovia o trajecto dos indios, lavrou n'estes o maior desânimo, e por ventura a contumaz resolução de não proseguirem em sua emigração para a colonia, que lhes suscitára tam validas esperanças. Em seguida, e como lhes faltassem canôas para os transferir para além do Paraná, disseminaram-se por aquellas matas voltando á sua vida errante. Os que, porém, ainda permaneciam nas margens do Paraná, postos ali antes que Sanches fallecesse, retiraram-se nas proprias canôas que os transportaram, para os alojamentos d'onde tinham sahido.

Este desastroso acontecimento não desalentou ao sr. barão na louvavel tentativa de annexar á colonia militar do Jataby, cujo estabelecimento lhe fôra commettido, um aldêamento de indios á imitação do que se formára sob os auspicios de s. exª em S. João Baptista da Faxina; antes inspirou-lhe maior ânimo para firmal-o n'esse

empenho, como amestrado a não se deixar succumbir a revezes, e como sobranceiro a quantos obstaculos se apresentem na realisação de suas emprezas, e dotado de um genio energico e destemido que mais se realça em lances de contrariedade.

Insistindo pois n'esse proposito, dispôz o sr. barão que novas tentativas se emprehendessem no sentido que desde muito cogitára, e para cuja verificação fizera não pequenos sacrificios: e s. exª honrou-me com o me haver designado chefe da nova expedição para o chamamento dos Cayuaz.

Encarregado pois d'essa commissão, parti da fazenda de Pirituva em 24 de Julho de 1852, e em oito dias achei-me em S. Jeronymo, outra fazenda do sr. barão, onde me demorei até 19 de Setembro por causa do mau tempo, e á espera de quatro indios linguarás (4) que, engajados em S. João Baptista por s. exª, deviam fazer parte da expedição. A 20 d'esse mez prosegui em minha viagem, e a 22 cheguei á colonia no porto do Jataby, juncto ao rio Tibagy.

Concluido o aprestamento da viagem, para a qual destinaram-se quatro canôas tripuladas com dezeseis homens armados e carregados de munições de guerra e viveres, além de ferramentas, fazendas e outros objectos para presentear os indios que fossem encontrados, partiu-se da colonia na tarde do dia 25 de Setembro, navegando pelo Tibagy abaixo.

A 27, pelas 9 horas da manhã, desembocámos no Paranapanema, e na noite de 30 chegámos á foz do Pirapó, onde se pernoitou. Proseguindo no dia 2 de Outubro, pouco abaixo da serra do Diabo ouviram-se gritos da margem esquerda do Paranapanema, e fitando para ali nossas vistas vimos a grande distancia alguns indios que, trepados á arvore mais alta d'aquelle logar, chamavam-nos a fortes brados.

Para ali nos dirigimos, e ao aportar reconhecêmos que eram Cayuaz, em numero de trinta, d'aquelles que pertencendo á mallograda em-

(4) Este vocabulo que tem a mesma significação de—interprete—, é composto da palavra portugueza *lingua* e da guarany *iurá*, que quer dizer senhor ou dono.—*M. O.*

preza de Sanches, e porque lhes faltassem canôas para transportal-os além do Paraná, ficaram áquem d'este rio, e transmontando depois o Paranapanema vagavam por ali errantes e sem destino.

Do cacique Imbirapâpâ (5), que se puzera á frente d'esta pequena tribu, soube por meio dos linguarás que perto da foz d'aquelle rio existiam mais quatro chefes com sua gente nas mesmas condições da que ali se achava; em consequencia expedi immediatamente o capitão Ignacio, do aldêamento de S. João Baptista, com outro linguará. acompanhados de tres indios dos que ali se encontraram, não so para servirem de guia ao emissario, como de fiadores ao convite que se lhes fazia para virem a nós; e entretanto puzemo-nos do lado opposto ao em que estavam os indios, para ahi aguardar o resultado d'aquelle chamamento.

Cheio de cuidado por se haverem passado quatro dias sem que nada soubessem dos meus enviados aos indios da barra, expedi outros para se informarem dos primeiros, e darem-me noticia do que occorrêra a respeito; e n'este interim occupámo-nos em caçar e pescar para alimentar os indios, augmentando assim os viveres que trouxeramos da fazenda de S. Jeronymo, e inspirando confiança n'aquella gente, a que nada fartava.

Ao quinto dia da partida do primeiro emissario chegou este conjunctamente com o que enviára em sua procura, trazendo o cacique Imbiarâ e sua gente, que foram encontrados n'um alojamento perto do Paraná; e d'ahi a dous dias reuniram-se a este os dous caciques Imbaracahy e Oquê com suas tribus, que por se haverem alojado a maior distancia do Paraná não puderam acompanhar a Imbiarâ. E porque se me informasse que na ilha dos Tigres existia o cacique Egipapajú com alguma gente, mandei-os conduzir para ali, o que verificou-se no seguinte dia, vindo o cacique com quatorze indios.

Havendo dest'arte conseguido a juncção do gentio que fôra por Sanches transferido da margem direita para a esquerda do Paraná, e que depois da morte d'este, não podendo regressar para seus antigos

(5) *Imbiarapâpâ*, o que domina a gente; composto de *imié*, reunião, *iará* senhor e *pâpâ* maior.—*M. O.*

alojamentos, vivia errante e incerto n'aquellas matas, achei-me por fim cercado de cento e setenta individuos, sujeitos todos á minha disposição e confiados nas promessas que lhes fizera em nome do sr. barão. Então fiz-lhes entender mediante os interpretes: que o Pahy Guassú, que os havia mandado convidar por Sanches para se estabelecerem nas margens do Tabagy, e a quem constou o malogro d'essa primeira tentativa pela morte de seu commissionado, me enviára para reparar os males que lhes sobrevieram em consequencia d'aquelle acontecimento e para renovar-lhes o convite que lhes fizera e de que jamais se esquecêra. Que nos seus antigos alojamentos viviam continuamente na miseria pela mingua ja ha muito sentida de recursos para sua manutenção, além de estarem sempre sobresaltados pelo temor dos inimigos de que se achavam rodeados; tendo ao sul os Paraguayos, ao poente os ferozes Guaycurús e os traiçoeiros Terenos, e ao nascente os barbaros Coroados, que todos lhes faziam guerra, matando os homens e levando as mulheres e crianças para o captiveiro.

Depois d'isto contei-lhes miudamente a abundancia que encontrariam nas margens e florestas do Tibagy, cheias de palmitos, ricas em fructa, caça e mel, e o rio sobejando em peixe, e por fim que iriam ali deparar com a mão protectora e generosa do Pahy Guassú, que os defenderia de seus inimigos, e lhes soccorreria em suas necessidades.

Esta breve allocução firmou mais os indios na confiança em que se achavam de que outra seria a sua condição e melhor o seu viver no destino a que se lançavam; e no meio de um silencio approvador e resignado so o velho cacique Imbaracahy (6) observou que, tendo mandado alguma de sua gente para Curupaná, que promettêra fazer o seu regresso pela lua chêa, havia de mister o esperar-se por ella para que se não extraviasse, não os encontrando ali; ao que respondi que mandaria uma canôa das minhas com dous linguarás e mantimento, afim de guial-a para nós, convindo que egualmente fossem

(6) *Imbaracahy*, senhor da gente queimada, composto de *Imbé*, *iara* e *cahy* queimado.—*M. O.*

alguns indios dos seus para que se não suscitassem desconfianças da parte d'essa gente. Assim se praticou.

Dispostas as cousas para a nossa retirada, comecei-a em 12 de Outubro, fazendo transportar nas tres canôas que tinha as mulheres e crianças dos indios, e subir por terra, margeando sempre o rio, os homens e rapazes acompanhados de meus sertanistas e de dous linguarás. Além de caminharem elles mui vagarosamente, qualquer arvore com fructos ou abelheira que encontravam e de que logo faziam prêsa, mais retardava seu movimento geral, inferindo d'ahi que o tempo de viagem iria muito além do que havia calculado. Embora; devia resignar-me a tudo pelo melindre de minha situação, lidando com gente de extrema susceptibilidade, e que talvez não tivesse a consciencia de minha palavra. Eu e os homens de minha comitiva pernoitavamos sempre no lado opposto ao em que ficavam os indios, para evitar alguma desavença, visto que são estes muito zelosos de suas mulheres.

Por mais diligencia que praticasse para que a nossa partida do pouso se fizesse cedo, nunca o pude conseguir, porque ao cahir da noite começavam os Indios os seus folguedos de cantos e dansas que levavam até meia noite, e á madrugada repetiam a mesma cousa até alto dia. O cacique Imbaracahy era sempre o que presidia a estes actos, e lhes dava regularidade com certas formalidades e ceremonias que pareciam religiosas, e perguntando-lhe eu a significação de tantos festins, respondeu-me que tudo era em louvor do Pahy Tupan (Deus); todavia não dei muito peso a esta asserção pelo quanto havia ahi de desenvolto.

Não obstante o pesado encargo a que me havia imposto de conduzir indios selvagens, que sendo no geral cheios de susceptibilidades e de apprehensões fantasticas, os de que se trata tinham a mais d'isso o sestro de se enfadarem pela mais tenue cousa, ou porque não eram logo satisfeitos seus caprichosos desejos, e de ameaçar-nos com sua retirada para os logares d'onde sahiram; esse pesado encargo, como digo, obrigava-me á condição de nimiamente tolerante e soffredor, para que pudesse dar um resultado satisfactorio da minha commissão.

Tinha levado comigo alguns pannos, ferramentas e outros objectos proprios para presentear os indios, mas a sua distribuição era feita com bastante parcimonia e por intervallos, porque sendo elles em quantidade de não poder satisfazer as suas repetidas exigencias, visto que não contava com tanta gente, a proceder do modo que os indios queriam, ficava logo exhaurido d'esses objectos, e deixava de ter o gentio na expectativa que os fazia conter.

Antes de chegar ao rio Pirapó, expedi uma canôa para trazer-me viveres, e de então em diante a marcha foi ainda mais vagarosa, e tanto assim, que contando-se sete leguas, pouco mais ou menos, d'esse ponto á barra do rio, so pudemos vencer essa distancia em onze dias. Ahi fui obrigado a parar, porque diminuindo cada vez mais o mantimento, houve-se de mister caçar e pescar para que não viesse a faltar subsistencia aos indios.

Este proposito deu-nos a descoberta das ruinas da reducção jesuitica da Senhora do Loreto, que por vezes fôra tentada pelo sr. barão de Antonina, e cuja povoação fazia parte da grande missão do Guairá. Uns indios andando á cata de mel e fructas, em sua retirada trouxeram duas telhas que acharam no mato, e pesquisando-se o logar onde as encontraram, ahi estavam ainda bem visiveis vestigios d'essa povoação indiana que era procurada abaixo da foz do rio Pirapó. Sobre a margem esquerda do rio Paranapanema, em um recinto de perto de quatrocentas braças em quadro, jazem essas ruinas, que consistem em montões de telhas, a maior parte quebradas, occupando diversos logares; n'uma calçada de pedra que pelo ponto mais alto corre ao longo do rio, e que denota que por ali houve uma rua, que talvez partisse da igreja; nos restos da excavação de uma valla ou fosso que de um rio outro fora lançado de través ao terreno, onde se viam depósito de fragmentos de telhas; e finalmente em um forno de queimar telhas, de fórma semicircular, construido de tijolos, e que pelo seu ambito poderia talvez accommodar tres milheiros, o qual achava-se bem conservado, e se poderia dizer intacto si não fôra estar sua parte superior com falta de alguns tijolos por causa de enormes raizes de guararemas e figueiras

que as sobrepunham e tinham sobre o edificio indisputavel dominio de mais de dous seculos.

A situação onde foi levantada a reducção é a mais aprazivel d'aquellas localidades; é ella uma pequena collina contorneada pelo rio, que ali faz uma inclinação em sua direcção, e logo que os capoeirões (7) que a cercam forem derribados, d'ali se poderá avistar a extensão de quasi uma legua tanto acima como abaixo do rio.

Falhei tres dias n'aquelle logar, que foram bem aproveitados para a caça e pesca, que as tivemos com abundancia; ali distribui aos indios alguns pannos e varios objectos que lhes eram destinados.

Em 24 prosegui em minha viagem, bem pezaroso, porque minguavam os comestiveis que tinha a minha disposição, e os indios cada vez mais exigentes e acintosos ameaçavam-nos com sua retirada tanto assim que vi-me obrigado a conduzir dous caciques dos mais recalcitrantes nas canôas e a tel-os sempre á vista emquanto durou a viagem. D'ali em diante dava-se a cada um, como ração diaria, uma espiga de milho; é verdade que caçava-se e pescava-se muito. todavia não era isso bastante para alimentar os indios conjunctamente com os homens da minha comitiva.

As chuvas eram continuas e copiosas; o mau tempo não dava logar a procurar-se abelheiras; os festins nocturnos foram deixados; e os indios mostrando-se com um aspecto sombrio e sinistro, conservavam-se silenciosos e apprehensiveis ou desanimados.

Em taes paragens e com mais de cem sagitarios selvagens, promptos a desfecharem golpes ao primeiro signal dos seus chefes, era isso mais que bastante para receiar alguma deploravel emergencia; todavia, sem que deixasse de acautelar-me contra qualquer animosidade, fazendo com que eu e os meus homens pernoitassemos separados dos indios, e empregando vigilancia sempre que me achava em presença d'elles, todas as vezes que lhes apparecia era de ânimo sereno e resoluto, e mostrando superioridade a toda essa ostentação de indisposições e acintes.

(7) *Capoeirão* é augmentativo de capoeira, que exprime a vegetação que sobrevem ao mato virgem depois de derribado.— *M. O.*

A 31 chegaram os indios que tinham sido mandados em uma canôa a procurar a gente do cacique Imbaracahy. Nada fizeram porque o logar indicado achava-se abandonado, e suppõe-se que essa gente havia-se retirado para o lado do Iguatemy, visto que os vestigios que deixaram indicavam essa direcção. Esta noticia trouxe a consternação aos indios e augmentou o seu descontentamento.

As chuvas eram incessantes; o Paranapanema encheu a ponto de transbordar em muitos logares; mas, como não ha risco em navegal-o por mais volumoso que fique, não deixei por isso de continuar em minha viagem.

Em 5 de Novembro acharam-se dous cadaveres humanos na margem direita do rio, deixados ali talvez ha mais de um anno, e por indicios colligidos de alguns fragmentos de tecido de algodão ahi mostrados veio-se a inferir que os mortos eram Cayuaz, porque as outras nações indianas fazem os seus pannos da fibra da ortiga e caraguatá.

Este incidente muito sensibilisou e aterrou os indios. Referiu-me o cacique Imbaracahy que havia cousa de tres annos que um magote de Cayuaz tinha rompido de seu alojamento em busca de melhores localidades, e que atravessando o Paraná acima da barra do Paranapanema nunca mais soube-se do destino de tal gente; suppondo-se que cahiria em poder de algumas das hordas dos Xavantes, indios ferozes que vagueam entre os rios Tieté e Paranapanema, ou fôra por elles desbaratada, e que os dous cadaveres encontrados eram d'aquelles que, escapando-se do conflicto, foram perseguidos, alcançados e mortos por esses selvagens.

No dia 10 chegaram felizmente a nós tres canôas carregadas de viveres a cargo do sr. Theodoro Staub, a quem o sr. barão incumbira d'essa commissão e da de me substituir no caso que meus incommodos de saude (de que fôra atacado anteriormente á expedição, e n'ella entrei ainda em estado de convalescente) se tivessem aggravado a ponto de não poder dirigir pessoalmente a emigração dos indios.

Este soccôrro tam opportuno por chegar ao tempo em que me

achava quasi exhaurido de comestiveis para os indios, quando as chuvas continuavam de modo a impedir a caça e o gentio mais insoffrido se reproduzia em descontentamento e acintes, veio restituir a alegria e os folguedos aos indios, que, á vista d'isso e sabendo, que não se passariam muitos dias que não chegassem ao logar a que se dirigiam, arrojaram ao rio suas frechas, como em significação que não dependiam mais da caça para sua manutenção. Com o refôrço das canôas vindas então fiz embarcar n'ellas todo o gentio afim de abreviar a viagem, havendo destinado uma para mexiriqueira.

O tempo melhorou e a 21 de Novembro (o 41° do meu regresso e o 58.° da minha partida do Jatahy) chegámos á colonia, sem que tivesse emergencia alguma notavel... Tal é a indole pacifica dos Cayuaz e sua tendencia para a civilisação.

O desembarque dos indios em Jatahy foi uma completa ovação; ao pôrem elles pe em terra ouviu-se de todos os lados uma contìnua denotação de fuzis, como em applauso aos recem-chegados, e recebiam-se vivas felicitações de que muito se lisongeou o gentio. Esta festiva recepção foi retribuida com toque de cornetas, clarins e pifanos que trazia comigo, e com outros tangeres indianos que produzia uma estrondosa fanfarra, o que muito deleitava aos indios.

Em seguida chegou ali algum gado para o côrte, e bestas conduzindo viveres, e como os indios nunca tivessem visto d'estes animaes ao enxergarem-os foi estupendo o seu temor e admiração, fugindo espavoridos e trepando ás arvores, o que causou grande confusão e desordem entre racionaes e irracionaes. Passado o primeiro terror, e como conhecessem os indios que os animaes eram inoffensivos foram pouco a pouco se approximando d'elles e por fim os cavalgaram e os faziam correr com irrisão e algazarra dos cavalleiros.

A esse tempo chegava ali o administrador da expedição com o resto da caravana conduzindo pannos, ferramentas, missangas e varios outros objectos para serem distribuidos pelos indios, e que estes bastante apreciam, o que tudo foi feito em conformidade com as ordens anticipadas do sr. barão. Grande foi o contentamento dos indios com este donativo que se lhes fez, e nas explosões do seu

regozijo e batimento de palmas, tudo era dizerem que desejavam ver o Pahy Guassú, persuadidos que elle residia ali.

Tendo assim ultimado a importante commissão de que havia-se dignado incumbir-me o sr. barão de Antonina, mais por effeito de sua usual benignidade, do que por merito que em mim houvesse e para cujo bom exito e bem desempenhar a honrosa confiança que s. ex. em mim depositou não me poupei a trabalhos, riscos e fadiga e sobrepujando mesmo os meus incommodos pessoaes, faço votos para que v. ex., perseverando em seus philantropicos e generosos sentimentos, de subtrahir á vida errante e selvagem esses desvalidos habitantes das nossas florestas, e de que é um testemunho, de agora, o facto que acabo de narrar, e de outr'ora o aldeamento de S. João Baptista da Faxina, promova outras eguaes emprezas, na convicção de que deparará nos Cayuaz, n'essa numerosissima nação refugiada nas vastas matas da margem direita do grande Paraná, indole benigna, costumes pacificos e tendencias bem pronunciadas para a civilisação e fazerem parte da nossa sociedade: certo que nem um outro que não seja o Pahy Guassú dos Cayuaz da Faxina e de Jatahy terá para essas emprezas mais genio, energia e dedicação, como os factos o demonstram.

VOCABULARIO

DOS INDIOS CAYUÁS

Manuscripto offerecido pelo socio o ex.^mo sr. barão de Antonina.

A. (prepos.) , *pupé.*
A falsa fé , *çupé rupi.*
A formiga, *megoé , megoé rupi.*
A uma , *iepé oçu.*
As , *ceiê.*
As avessas , *amò rupî.*
As vezes , *amó ramé.*
Aba , *comey ba.*
Abafado (estar) , *ojaçuî oicó.*
Abafado (coberto) , *oje jacuî vaé.*
Abafar (cobrir) , *jacuî.*
Abafar , (embrulhar) *pokék.*
Abaixar , *mogyb.*
Abaixar-se , *ojemogyb.*
Abanar , *mokaták.*
Abanar (assoprar) , *pejù.*
Abelha , *yra mâya.*
Abençoar (benção) , *momboré.*
Abençoar (benzer) , *mongarayb.*
Abertura (raxa) , *jicaçaba.*
Abespa , *cába.*
A boas horas, *ará catù pupé.*
A boca da noite , *pytuna ipy.*
Abonado , *opabinhé aba.*
Aborrecer , *roiron.*
Abraçar , *jomana.*
Abrandar , *momenbec.*
Abrazar (destruir) *mboiboi opáo.*
Abreviar , *moatiéca.*
Abrigo , *picyrónçába.*
Abrir , *pirar.*
Abrir (a flôr) , *póroc.*
Abrir (rachar) *pindoba mepyc.*
Absentar , *ocó.*
Absolver (peccados) , *movéo.*
Abstinencia , *jecuacûb.*
Abundancia , *c'etá mbaé.*
Abundantemente , *noatar mbaé.*
Acabado (estar) , *ojeaujé vanc.*
Acabar , *mombáo.*
Acalmar (o vento) , *ybytû ocanhémo.*
Acautelado , *ojemoçá cui vaé.*
Aceitar , *jár ou pecyca.*
Accender fogo , *tatá mondyca.*
Acertar , *nitio ojaby.*
Achar , *odcémo.*
Accudir , *pycyrón.*

Acima, *ibaté.*
Acompanhar, *iirunamo oçó.*
Aconselhar, *emongetá ecatú rupî.*
Acordar, *opác.*
Accrescentar, *moapyre.*
Acreditar, *aróbiar.*
Accusar, *mombeú ayba.*
Aço, *itá eté.*
Açoutar, *nupan.*
Açoute, *nupançaba.*
Assucar, *yby pyaca.*
Adão, *jandé paya ipy.*
Adiande, *tenondé.*
Admirar, *jurujai.*
Adoçar, *moceém.*
Adoçado (estar), *ceém vaé.*
Adoecer, *mbaé açy.*
Adonde, *máme.*
Adorar, *emoieté.*
Adornar, *moporang.*
Adulterio, *mbaé puxi.*
Adultera, *cunhá ôména momóxi cara.*
Affavel, *jurucé vaé.*
Affastar-se, *oteryc.*
Afear, *momoxî.*
Afeador, *momoxi cára.*
Affectar, *moporang moangoçú.*
Affeminado, *cunhá rapixara.*
Afiar, *moçaimbé.*
Afilhado, a, *membyraánga.*
Affligir, *mocaneón.*
Afogar (n'agua), *ojèpypyca.*
A força, *ecarimbaba rupî.*
Affrouxar (a corda), *momembeca ceráne.*
Afugentar, *mojabáo.*
A granel, *jabê nhóté.*
Agarrar, *pycyca cantán.*
Agua, *yg.*
— quente, *yg acúb.*
— fria, *yg roiçang.*
— ardente, *cauim tatá.*
— benta, *tupana yg.*
— salobre, *yg cymbeca.*
Agonizar, *ejékyî potar vane.*
Agora, *coyr.*
Agora ha pouco, *curutem ramó.*
Agora sim, *coyr tenem.*
Agora não, *coyr nitio.*
Agradar, *moapecyc.*
Agradecer, *mocubecatú.*
Agulha, *abî.*
Ai de ti, *teité indé.*
Ai de mim, *teité ixé.*
Ainda (conj. copul.), *vê.*
Ainda hoje, *eji vê.*
Ainda mais, *amô vê.*
Ainda não, *nitio ranhé.*
Aio, *rerecoara.*
Ajuelhar, *jenepya.*
Ajudar, *pety bon.*
Ajuntar, *canhana.*
Ajustar (igualar), *mojobabé.*
Alagadiço, *yg apó.*
Alugar, *mogepypyca.*
Alagôa, *jacarua oçú.*
Alambique, *motekyroçaba.*

Alargar, *motepypyr.*
Alcançar, *pycyca cecé.*
Alçapão, *mondé.*
Alcasus, *cipó ém.*
Aldêa, *tába.*
— velha, *taperéra.*
Alegrar, *mororyb.*
Alegria (festa), *toryba.*
Aleijado, *japar.*
Aleijar, *moapar.*
Além, *amongaty.*
Além disso, *iarpe.*
Álerta, *açâ eté.*
Aleviar (o peso da canôa), *bebui.*
Aleviar (descansar), *mopotuú.*
Alfaiate, *oba monhangara.*
Alforria, *jemo tay goara.*
Algemas, *itâ pó mondé.*
Algodão, *amany rî.*
Algoz, *póro jubîçara.*
Alguem, *abâ amó.*
Alguidar, *nháem.*
Alguns, *moby nhöte.*
Alheia, *amó abá mbaé.*
Alho, *ybarema.*
Alicerce, *epy.*
Alimento, *tembiú.*
Alimpar (lavando), *cotue.*
— panno, *peteca.*
— varrendo, *pyĉre.*
— desenferrujando, *ketingoca.*
— o arroz, *paraboca abaty î.*
— o mato *caâ pyîr.*
Alli, *oîmé.*
Allivio, *putuúçaba.*
Alma, *anga.*
— peccadora, *anga tecó.*
— justa, *anga angaturama.*
Almofariz, *indoâ merim.*
Alto, *eté catú.*
Alvaiade, *tabatinga çobaigoara.*
Alvura, *morotinga.*
Alugar, *purú.*
Alumiar, *mocendy.*
Ama (senhora), *maytinga.*
Ama (que cria), *cámby cara.*
Amainar (as vélas), *kojibe cotinga.*
Amanhãa, *cirandé.*
Amanhecer, *je coéma.*
Amansar, *mojepocoáub.*
Amar, *çauçub.*
Amarellar, *jemotugoâ.*
Amargar, *yróba.*
Amarrar, *pocoar.*
Amassar, *cameryc.*
Ambição, *potar été opabynhembae.*
Ambos, *mocoî vê.*
A metade, *çobaixára.*
— pelo meio, *apytera rupí.*
Amigo, *camarara.*
— do vinho, *caû goêra.*
A mim *ixebo.*
Amigo de mulheres, *cunhá rupiara.*
Amiudo, *curu curutem.*
Amo ou senhor, *paytinga.*
Amollecer, *momembéca.*

Amontoar, *moatyr.*
Amor, *jeauçupaba.*
— deshonesto, *poropotara.*
Amortalhar, *pokéca.*
Ancião, *cacoáu.*
Andar, *oatá.*
— de galope, *o popôr.*
— perdido, *çopar.*
— precatado, *jemoçacuí cecé.*
Andorinha, *majoí.*
Angustia, *pyayba.*
Anil, *caá yby.*
Animal, *çoó.*
Animar, *mopyrantan.*
Animo, *pyaoçû.*
Anjo, *caraibébê.*
Anno, *açajú.*
Anoitecer, *jemopytune.*
A nós todos, *jandebo.*
Anta, *ĭeuté.*
Ante, *jândearo baké.*
Antes do tempo, *âra ouje ey me vê.*
Antigos, *janderamúya.*
Ante-hontem, *coicê coicê.*
Anzol, *pindá.*
— pequeno, *pindá merim tinga.*
Ao, aos, a, as, *çupê.*
Ao comprido, *pecuçába rupî.*
Ao contrario, *amô rupî.*
Ao longe, *apecatû cuí.*
Ao longo, *apy rupî catú.*
Ao menos, *ajubété.*
Aonde, *máme.*
A' outra parte do rio, *amóçobaindába.*
Apadrinhar, *pycyrón.*
Apagar, *movéo.*
Apparecer, *jecomeeng,*
Aparas, *coréra.*
Apartar (dividir), *mojaoca.*
Apaziguar, *mopotuú.*
Apartar-se, *moteryc.*
A pé (ir), *epy rupî.*
Aperfeiçoar, *mombáo catú.*
Apertar, *moantan.*
Appetecer (comer, beber), *jucéī.*
Applacar, *potuú.*
Aplainar, *mocy-me.*
Aplicar (aprender), *jimboê ranhé.*
Apodrecer, *tyjúçu.*
Aprender, *jimboé.*
Apressa, *canhê.*
Approvar, *jabê icatú.*
Aquelle, *aê.*
A que horas, *má ára pupé.*
Aquentar, *moacú.*
A quem (ado), *abá çupé tâ.*
Aqui, *iké.*
Aqui perto, *iké nhóte.*
Aquietar, *mooicó nhóte.*
Aquillo, *uim vaé.*
Ar, *ybytú.*
Arco da frecha, *uirapara.*
Arder, *cendy.*
— a ferida, *coóm.*
Arêa, *yby cuî.*
Areal, *yby cuî tyba.*

Arear (louça), *kytingoc.*
Argola, *namby.*
Armar, *moame.*
Armar (compôr), *mongatirón.*
Arrancar, *moçae ou poóe.*
Arrasar, *mojojabé.*
Arrastar, *moteryc.*
Arrebentar, *póe.*
A redea solta, *cemimoturarupî.*
Arredondar, *rapoam.*
Arriba, *ibaté.*
Arribar, *ojé byr.*
Arrombar, *mopoe.*
Arroz, *abatiapé.*
Arruinar, *moayb.*
Artigos da Fé da S. M. igreja, *recó rerobiaçára.*
Arvore, *ymirá ou yba.*
Asma, *averana.*
Assaltar, *pycyrón.*
Assar, *mixire.*
Assegurar, *pecyca catú.*
— a verdade, *moçupi.*
Assentar-se, *rapy ca.*
Assim é, *cupî jabê.*
Assim é bom, *jabé icatú.*
Assim deve ser, *jabé ipó.*
Assistir, *oicónhinhé.*
Assoprar, *pejú.*
Assustar, *mocanhémo.*
As avessas, *epy kety.*
Ás vezes, *amô ramé.*
Atadura, *peco acába.*
Atalhar, *çobaitim.*
A' tarde, *caarûca ramé.*
Atar, *pocoar.*
Até quando, *àti mbaéremé catú tá.*
Atear (fogo), *capy tatá.*
A tempo opportuno, *éra catú pupê.*
Attenção (no ouvir), *jeapyçacar.*
Attentar, *maém.*
Atolar, *oçoypy pe tyjucá pupé.*
Atoleiro, *tyjucopaba.*
Atormentar, *moporará.*
Atraz, *çakaquera.*
Atraz (tornar), *çakaquéra rupi ojebyr.*
Atravessar, *çaçáo.*
Avançar, *pócoe.*
Avante, *nondé kety.*
Avarento, *cecateyma.*
Ave, *guyrá.*
— de rapina, *guyrá oçû.*
Avisar, *morandúb.*
Aviso, *moranduba.*
Avô, *tamuya.*
Ausentar, *jabáo.*
Aza, *guyra pepó.*
Azedo, *çái.*
Azeite, *iandy.*
— do reino, *iandy cobagoéra.*
Bacio, *caápaba.*
Badalo do sino, *tamaraca raconha.*
Bagaço, *çatykéra.*
Bahia, *paraná oçú.*

Bailar, *poracéya.*
Balança, *caángaba.*
Bancos de arêa, *yby cui oçû.*
Banha, *caba.*
Banhar, *moame*
Banquete, *tembiú oçú.*
Baptismo, *yg carayba pupé nhémoacûca.*
Baptisar, *caróe.*
Barbado, *cinoaba oaê.*
Barbeiro, *tinoaba monhangara.*
Barrer, *pyr.*
Barriga, *marica.*
Barro, *tejuca.*
Basta, *aujé.*
Batata, *jetyca.*
Bater, *motáca.*
Bebado, *çabaipôr.*
Beber, *vû.*
Beber vinho, *caú.*
— agua, *yg vó.*
Beijar, *piter.*
Beira mar, *paraná remeybá.*
Bella (cousa), *poranga eté.*
Belleza, *porangaba.*
Beldroega, *cáarerú.*
Bem, *ecatú.*
Bens, *mbaé etá.*
Benzer, *monger ayb.*
Bexiga, *carucaba.*
Bexigas (doenças), *mereba ayba.*
Bicho, *taperú.*
Bichos dos pés, *tumbyra.*
Bispo, *pay abaré guaçû.*
Boa (cousa), *mbaé catú.*
Boas noites, *enepytúna catú.*
Boas tardes, *ené coá rúca.*
Boca, *jurú.*
Bodas, ou dansas, *jybáboe*, ou *babai.*
Bode, *çuaçúme apyába.*
Boi, *tapyra.*
Bom, *catú.*
Bondade, *catuçába.*
Bons dias, *enecoéma.*
Borra, *kyáquera.*
Bosta, *typoty.*
Botar (lançar), *mombore.*
Botica, *poçanga eté rendaba.*
Boubas, *pynhá.*
Braço, *jybá.*
Branca, *morotinga.*
Branco, *caryba.*
Branquear, *momorotinga.*
Brasa, *tatá pynha.*
Brazeiro, *tatá pynharerú.*
Briga, *maramonhangaba.*
Borgar, *maramonhang.*
Brincar, *jemoçaráî.*
Brotar, *porói.*
Bugio, *nacáca.*
Bulir (de agua), *ygbybyra.*
Buraco, *coara.*
Buscar, *cecar.*
Cá, *iké.*
Cabana, *tejupaba.*
Cabeça, *acanga.*
— de alhos, *ybarema acanga.*

Cabeçada, *ojapy acanga pupé.*
Cabello, *ába.*
Cabra, *çuaçume.*
Caça, *çoó.*
Caçador, *caá mondoçára.*
Caçar, *caá mondó.*
Cadeia, *itâ xama.*
Cadeira, *oapycába oçu.*
Cagar, *cado.*
Cahir, *oar.*
Caixa, *patuâ.*
Cal, *irirycui.*
Calções, *torîna.*
Caldo, *jekycy.*
Calos, *puruá.*
Camarada, *cuapara.*
Camarões, *poty.*
Cambada de peixe, *pyraapitama.*
Caminhar, *guatá.*
Caminho, *pé.*
Campainha, *tamaraca merim.*
Campanario, *tamaraca rendaba.*
Cana, *taboca.*
Canavial, *candyba.*
Canôa, *ygara.*
Cantar, *nheengar.*
Cantiga, *nheengara.*
Cão, *jaguára.*
Capado, *uitio capiá oaé.*
Capar, *capyá oca.*
Capataz, *rerecoara.*
Capinar, *cadpyr.*
Capoeira, *koquera.*
Cara, *çobá.*
Cara (cousa), *mbaé cepy ocú raé.*
Carga, *poçyçaba.*
Caridade, *morauçuba.*
Carne, *çoô.*
Carpinteiro, *carapina.*
Carpir, *çapirón.*
Carrapato, *jatiuca.*
Carregada (canôa), *poracúr ygara.*
Carregar (levando), *cúpír.*
Carro, *panacú.*
Carvão, *tata pynha.*
Castiçal, *iratim rendaba.*
Castigar, *nupán.*
Cathecumeno, *cerayma.*
Catlubrio, *tupana rayra.*
Cativo, a, *meaçuba.*
Cavallo, *cabarú.*
Cavar, *çabicón.*
Casa, *óca.*
Casado, a, *mendaçara.*
Casamento, *mendaçaba.*
Casar, *mendar.*
Casar (fazer), *momendar.*
Cêa, *cearama.*
Cêar, *cearamaué.*
Cebola, *ybarema oçu.*
Cebo, *ecaba quera.*
Cedro, *acayaca.*
Cego, *cecâ eyma.*
Celebrar missa, *missamonhang.*
Cemiterio, *tupan óca rocara.*
Céo, *ybake.*
Cêra, *iraitim.*
Cerca de quintal, *kendara.*

Certão, *tapuytama.*
Certeza, *çupiçaba.*
Cessar, *putuú.*
Cevar, *jepoî.*
Chaga, *mereba.*
Chama, *tatâ beraba.*
Chamar, *cenoî.*
Chave, *xabí.*
Chapéo de sol, *caaracy pyacaba.*
Chegar, *úr.*
Chêa (do rio), *ygapó oçú.*
Cheirar, *cetuna.*
Chorar, *jacéon.*
Chover, *amanaokyr.*
Chrisma, *jandy carayba.*
Christão, *tupanâ rayra.*
Christo, *tupan tayra.*
Chuva, *amana.*
Cidade, *mairy.*
Cintura, *cuá.*
Cinza, *tanimbuca.*
Cisco, *ytykera.*
Claridade, *cendyí.*
Clerigo, *pay abaré.*
Clarim, *memby apara.*
Coador, *moguapaba.*
Coar, *moguabo.*
Cobra, *boya.*
Cobrir, *jaçuí.*
Colhêr, *poóca.*
Comadre, *toaçaba.*
Começar, *jepyruny.*
Comer, *vú.*
Comida, *tembyû.*
Commungar, *tupanrar.*
Communhão, *tupanrara.*
Como, *madabé.*
Compadre, *toaçaba.*
Companheiro, *iranamogóara.*
Comprar, *peripan.*
Comprida, *mbaê pecú.*
Comprimento, *pecûçaba.*
Compungido, *epyâ rogebyr oane oicô.*
Comtudo, *epúpé vê.*
Cumprir, *moçupî enheenga.*
Conceder, *meêng.*
Concertar, *mongatirón.*
Consciencia, *ánga.*
Concorrer, *pytybon.*
Concupiscencia, *jemimotara.*
Condemnado (do inferno), *gúru-pariratâ pora.*
Condemnado (ao castigo), *tecô ay bapora.*
Conduto, *tyru.*
Confessar, *moje mombeú.*
Confessar-se, *je mombeû.*
Confessor, *moje mombeû çára.*
Confissão, *nhemombeúçába.*
Cunhado, *tobajará.*
Conhecer, *coaub.*
Consagrar, *monjer ayb.*
Consentir, *potare.*
Consolar, *moapecyca.*
Consumar, *moaugé.*
Contar, *papar.*
Contas, *papaçaba.*

Contentar, *moryb.*
Conto (historia), *porandub.*
Contrario, *çobayana.*
Contrição, *moacyçába.*
Convencer, *jereragoáya pupé oacémo.*
Convento, *pay etá róca.*
Conversar, *jé monghetá.*
Convidar, *cenoi.*
Convite, *tembiú oçú.*
Côr, *cépiacaba.*
Coração, *pyá.*
Corda, *xama.*
Corno, *áce.*
Corpo, *ceté.*
Correr, *nháne.*
Corromper, *moayb.*
Cortar, *mondoi.*
Cortezia, *jurujub.*
Cortiça, *motuty.*
Cospir, *tumune.*
Costas, *copé.*
Costellas, *orucanga.*
Costumar, *mojepocudnb.*
Cova, *ybycoára.*
Couro, *ceopîrêra.*
Cousa, *mbaé.*
Cozer (na panella), *mimoî.*
— com agulha, *moaby ca.*
Creador, *monhangara.*
Creatura *abá.*
Crescer, *jemoturuçú.*
Credito, *robîaçaba.*
Crer, *arobiar.*
Criação, *mimbâbo.*
Criado, a, *ócapóra.*
Criança, *mitanga* ou *tayna.*
Criar, *moturucú.*
Crime, *tecô ayba.*
Crystal (vidro), *cendy puca eté raé.*
Crivo, *urupema.*
Crucifixo, *tupan tayra rangaba.*
Cruz, *curuçá.*
Culpa, *angaipaba.*
Culto, *emocteçaba.*
Curar, *poçanong.*
Curto, *iatuca.*
Cuspir, *túmcene.*
Custar (ser difficil), *iguaçû.*
Custodia (vigîa), *munhâne.*
Çujar, *mokyá.*
Çumo, *ty.*
Da (parte), *çuî.*
Damnificar, *moayb.*
Dansa, *poracéya.*
Dansar, *poracé.*
Dar, *meeng.*
Dar agua, *meengyq.*
— de mamar, *mokamby.*
— palmadas, *pó petec.*
De (part.), *çuî.*
Debaixo, *ybyra çuî.*
Debilitar, *momenbeca.*
Debulhar, *caynha joca.*
De dia, *ary bo.*
Dedo, *pô.*
— pollegar, *pôam.*

Defender, *pycyrón.*
De fóra, *ocaraçuî.*
De força, *cantan rupî.*
Defraudar, *enganane.*
Defronte, *çobaixara.*
Defunto, *ambyra.*
De galope, *popore.*
Degollar, *jajura mondoca.*
De graça, *jabé nhote.*
Degradar, *mopú catama çuî.*
Deitar fóra, *mombore.*
— de molho, *morerú.*
Deixa (está quito), *oicô nhote.*
Deixar, *cejar.*
De longe, *apecatû çuî.*
De madrugada, *çapucaia.*
Demonio, *juruparî.*
De nem uma parte, *nitio maçui.*
De morte, *pytuna rupî.*
Dentar, *çuû.*
Dente, *çaînha tanha.*
Dentro, *óca pype.*
Deus, *tupana.*
Depennar, *caboca.*
Dependurar, *mojaticó.*
De perto, *çobakê çui.*
Depois d'isto, *coáeriré.*
Depressa, *çapyá.*
Derramar, *jucane.*
Derribar, *îtye.*
Desanimar, *moacanhemo.*
Desapparecer, *canhémo.*
Desarranjar, *mocancon.*
Desastre, *tecô ayba.*
Desbotar, *cepiacaba ocanhemo.*
Descansar, *putuú.*
— fazer, *moputuú.*
Descarregar (a canôa), *poroc.*
— a consciencia, *yucybanga.*
Descascar, *piroca.*
Descer, *goegyb.*
Desconcertar, *moayb.*
Desconfiar, *jemoirón.*
Descoser, *juráo.*
Descuidar-se, *ceçarái.*
Desdobrar, *pirar.*
Desejar, *potar.*
Desembarcar, *cemoy garaçuî.*
Desamparar, *eajur.*
Desencostar, *mopuame.*
Desenganar, *imombeu catú.*
Desfazer, *monguî.*
Desfiar, *juráo.*
Despejar, *jucane.*
Despertar, *mombae.*
Despregar, *moçáe.*
Desprezar, *roirón.*
Deter, *mopytá.*
Devagar, *megoé megoé rupî.*
Devéras, *çupî.*
Dia, *ára.*
— grande de festa, *ára eté oçú.*
— santo, *mutuú.*
— de cinza, *tanimbuca ára.*
— de entrudo, *jamotînga ára.*
— de paschoa, *mutuú oçû.*
— dos finados, *tyjepoi ara.*

Dia de natal, *missa pytuna.*
— de juizo, *papaçaba ara.*
— de sol, *coaracy ara.*
Dieta, *jecuacúba.*
Difficultoso, *yguaçú.*
Diminuir, *mojearoca.*
Dinheiro, *itâ júbá.*
Direito, *catambuca.*
Discipulo, *cememboé.*
Disparar (a espingarda), *japî mocaba.*
Dividir, *mojaoca.*
Dizer, *mombeu.*
Dobrar, *mamáme.*
— o sino, *mopûretê tamaracá.*
Doce, *ceém.*
Doença, *mbaê acy çabo.*
Doer, *cecy.*
— a cabeça, *acangaácy.*
Doente, *mbaê acycába.*
Domar, *mojepecoaub.*
Domingo, *mutuâ ára.*
Dono (Sr.), *lara.*
Donzella, *cunhá mocû.*
Dôr, *poraraçába.*
Dormir, *kér.*
Dois, *mocoi.*
Douctrina, *jîmboeçába.*
Dura (cousa), *çantám.*
Durar, *oicô pecû.*
E (conj.), *abê.*
Eclypse do sol, ou lua, *coaracy.*
Edificar, *monhang.*
Elle, ella, *aê.*
Em (prep.), *pupê.*
Embaraçar, *mojapatuca.*
Embarcar, *roar ygára pupê.*
Embrulhar, *mamana.*
Embrulho. *pokéca.*
Emendar-se, *puyr.*
Empedir, *çobaitim.*
Emprestar, *purû.*
Encher, *poraçár.*
Encolher, *moatúca.*
Encostar, *mojokoc.*
Enfiar, *oçacibô.*
Enforcar, *jybyca.*
Engolir, *mocóne.*
Engenho, *ymyráboca.*
Engommar, *moecyca.*
Enrolar, *mamana.*
Ensinar, *jimboé.*
Entender, *cendû.*
Enterrar, *jotyme.*
Entrar, *eiké.*
Entregar, *enóng.*
Enxada, *pororé.*
Enxergar, *cepiae.*
Enxó, *pororé.*
Enxugar, *moticam.*
Erguer-se, *jemopuame.*
Errar, *jaby.*
Ervilha, *guandú.*
Escada, *mutâ mutâ.*
Escaldar, *capy.*
Escaldar-se (queimar-se), *cái.*
Escama, *pirera.*
Escapar, *jabáo.*

Escolher, *paraboca.*
Esconder, *jomime.*
Escravo, a. *meaúcuba.*
Escrever, *coatiar.*
Escrivão, *coatiára.*
Escriptura, *coatiçába.*
Escuma, *tyjú.*
Escumar, *tyjûôe.*
Escurecer, *jemopytuna.*
Escuro, *pytunaoçú.*
Escutar, *cendú.*
Esfriar, *moroiçang.*
Esmagar, *comeryc.*
Esmola, *tupana potába.*
Espada, *atánga pema.*
Espantar, *mocekujê.*
Especular, *cecar cecar.*
Espelho, *oaruâ.*
Esperar, *çarón.*
Espingarda, *moçaba.*
Espinho, *jú.*
Espremer, *jamím.*
Esquecer, *ceçarai.*
Estar, *oicô.*
— de joelho, *ojeniplâ oicô.*
— doente, *mbaé acy oicô.*
Esteio, *okytá.*
Esteira, *pyrî.*
Estender, *mocem.*
Esterco, *tepoty.*
Estimar, *çauçub.*
Estio, *coaracy ára.*
Estomago, *cygiê oçû.*
Estrada, *pê oçû.*
Estrangeiro, *amôaba retama goara.*
Estrella, *jaçy tatá.*
Estudante, *temimbaé.*
Eu, *xé.*
Evangelho, *tupa enheenga.*
Evangelista, *tupana nheénga cotiaçara.*
Examinar, *ceçar.*
Explicar, *mombeu catû.*
Expôr, *comeeng.*
Extensão, *pucuçába.*
Extrema unção, *jandy carayba.*
Fabrica, *monhangaba.*
Fabricar, *monhang.*
Faca, *kicê.*
Facil, *nitio guaçû.*
Facinoroso, *tecô ayba monhangára.*
Fatiga, *canconçába.*
Faisca, *tatâ merim.*
Falla, *nheénga.*
Fallar, *nheéng.*
Falhar, *jaby.*
Faltar, *vatár.*
Familia, *abâ.*
Farinha, *uî.*
— de mandioca, *typyratî ou uîpuba.*
Favo de mel, *ty apyra.*
Favorecer, *petybon.*
Fazer, *monhang.*
Fé catholica (Jesus Christo), *rerobiaçába.*

Febre, *taçuba.*
Fechar, *çokendâ.*
Feder, *anéme.*
Feijão, *comandâ.*
Feiticeiro, *pajé.*
Feitor, *mbaê monhangára.*
Femea, *cunhám.*
Ferida, *japixaba.*
Ferir, *japixa.*
Ferocidade, *nharonçába.*
Ferrar, *japy.*
Ferro, *itâ.*
Ferreiro, *pererú.*
Ferver, *pupure.*
Festejar, *moetê.*
Fiado, *inimbó.*
— fino, *inimbó ipuî.*
Fiado grosso, *inimbó poaçú.*
Fiar, *poban.*
Ficar, *pytâ.*
Figado, *pyâ.*
Figura, *çangaba.*
Filho, a (do pai) *tajyra, tayra.*
Filha (da mãi), *membyra.*
Fim, *cycába.*
Finalmente, *coité.*
Fingir, *moang.*
Firmar, *moçangab.*
Fita, *pitû.*
Florecer, *jèmopotyr.*
Fogo, *tatâ.*
Fogueira, *tatá oçû.*
Foise, *ocôáne.*
Fome, *jembaácy.*
Fonte, *yggoára.*
Fóra (de casa), *ocárpe.*
Forca, *jybycaba.*
Força, *pyrantancaba.*
Forcejar, *jemo carimbaba.*
Formiga, *tacyba.*
Fornicar, *minô.*
Forno, *iapúna.*
Fouce, *kicé apára.*
Frade da missa, *pay missa monhangara.*
— leigo, *pay apîna.*
Francez, *tapúy tínga.*
Frauta, *memby.*
Frecha, *uyba.*
Frechar, *jemú.*
Fresco, *peçacú.*
Frigideira, *peryryeaba.*
Frigir, *peryryc.*
Frio, *tuy.*
Fructa, *ybâ.*
Fugir, *jabáo.*
Fujão, *jababora.*
Fumaça, *tatá tinga.*
Fundar, *motapy.*
Fundo (ser), *tapy.*
Furtar, *mondâ.*
Fuzil, *tatá moaçaba.*
Fuzilar, *moar tatá.*
Fuso, *y yma.*
Gado, *mimbabo.*
Gallinha, *çapucaya.*
Gallinhêiro, *çapucaya róca.*
Ganho, *morepy.*

Ganhar, *porepy.*
Gastar, *mombáo.*
Gato, *pixana.*
Gavião, *guyrâ oçû.*
Gemeos, *monoxi.*
Gemer, *çacemo.*
General, *mòrobixaba uçú.*
Gente, *myra.*
Gentio, *tapya caá pora.*
Gerar, *moremonhang.*
Globo, *apuám.*
Gloria do céo, *ybakepe turyba.*
Goloso, *tyara oçû.*
Golpe, *japixaba.*
Goma, *yeyca.*
Gorgulho, *çaçoca.*
Gosto, *caáng.*
Gota, *yg tykyr.*
Gozar, *oericó.*
Graça, *ànga recobeçuba.*
Gral, *enduá merim.*
Grande, *turuçú.*
Grão (semente), *çaynha.*
Grato (a Deus), *uatú tupána çupê.*
Gritar, *çocemo.*
Grosso, *pouçú.*
Guardar (vigiar), *manhána.*
— alguma cousa, *nongatú.*
Guerra, *maramanhangaba.*
Guia, *péjara.*
Ha, *aicobé.*
Habitar, *oicô nhinhé.*
He, sum, es, fuit, *aé.*
Herva, *cápiim.*
Historia, *porandub.*
Hoje, *cuyr.*
Homem, *apyaba.*
Homicida, *póro jucaçara.*
Honesta, *mbaé catu.*
Honra, *moeteçába.*
Honrar, *moetê.*
Hontem, *coicé.*
Hora, *ára.*
Horta, *caá koene rendaba.*
Hospede, *oicó çocópe.*
Hostia, *iriry.*
— consagrada, *tupana.*
Humedecer, *iaky me.*
Ida, *japaboca* ou *ço.*
Idade, *acujú etá.*
Igreja, *tupán óca.*
Ilha, *caapoám.*
Imagem, *çangába tupana.*
Imitar, *caáng.*
Impedir, *çobailîm.*
Impôr, *mondó.*
Impôr, *çacy.*
Importunar, *mopyayba.*
Incendio, *tatá oçû.*
Incensar, *motimbôr.*
Incitar, *tecô meéng.*
Incluir, *ipupê oicô.*
Incredulo, *nitio arobiar vaé.*
Indicio, *comeéngaba.*
Inferno, *jurupari ratâ.*
Inimigo, *çobayána.*
Injuriar, *momoxî.*

Inquietar, *auky.*
Inteirar, *moaujé.*
Intelligencia, *tecô coaub.*
Interceder, *jururé cecê.*
Interesse, *cepy recê.*
Interprete, *ngeenga eara.*
Intimar, *nheeng catú.*
Inverno, *amana ára.*
Invocar, *cenoî.*
Ir, *çó.*
— a pé, *ypy rupy oçô.*
Ira, *nharonçaba.*
Irmãa, *amû.*
Irmão, *tendyra.*
Isca, *pindâ potaba.*
Isso mesmo, *imoaê tenhé.*
Isto, *coaê.*
Já, *vane.*
Jámais, *anaigai vane.*
Jardim, *potyra rendaba.*
Jejuar, *jécuacub.*
Jejum, *jecuacuba.*
Joelho, *jencpyam.*
Jogador, *jemoçaraitára.*
Jogar, *jemoçarai.*
Jogo, *jemoçaraitaba.*
Jornada, *guataçaba.*
Jornal, *pôrepy.*
Junco, *pery.*
Juntar, *çaînháng.*
Junto, *çobaké.*
Jurar, *tupana rera ocenói.*
— falso. *jerrragoaya rupi tupã rera ocenói.*
Justificado, *tecô ayba pora.*
Justificar, *moçûpi.*
Justo, *angaturama.*
Là, *aeçe.*
Laço, *juçána.*
Ladrão, *mondaçára.*
Lagarto, *tejû.*
Lagrima, *ceçáry.*
Lama, *tyjúca.*
Largar, *poyr.*
Lavandeira, *pána peteca.*
Lavar, *mokoçoe.*
— mãos ou pés, *jucyb.*
Lavar-se todo, *jemoaçúca.*
Lei, *tecô.*
Leitão, *taiaçû aya merim.*
Leite, *camby.*
Leito, *camarendaba.*
Lembrança, *maendúçába.*
Lembrar, *maenduar.*
Lençol, *cama jucuiçába.*
Leme, *jacuma.*
Lenha, *jepyaba.*
— de são João, *cacai.*
Lepra, *mereba ayba.*
Ler, *jimboé pupera recê.*
Letra, *coatiaçába.*
Levantar, *çupir.*
— falso, *mondar.*
Levantar-se, *jemo poame.*
Levar, *eraçô.*
Leve, *nitio epocy.*
Liberal, *nitio cecoteyme vaé.*
Liberdade, *cemimotara.*

Lição, *jimboeçába.*
Lidar, *oicô etê morauky.*
Limpar, *cùtiéo.*
Lingua, *iapycôn.*
Linha, *inimboi.*
Licôr, *ty.*
Livrar, *pycyron.*
Livre, *taigoara.*
Logo, *coromô ceri.*
Logo já, *coyrvé.*
Lograr, *oericó.*
Lombrigas, *cebui.*
Longe, *apecatú.*
Louvar, *mombeu catú.*
Louvor (Divino), *tupana jimboeçába.*
Lua, *jacy.*
— nova, *jacy peçaçú.*
— crescente, *jacy jemotoroçú.*
— cheia, *jacy çobá oçû.*
— mingoante, *jacy jearoca.*
Luar, *jacy rendy.*
Lugar, *tendaba.*
Lume, *tatá.*
Luminaria, *tatá rendy.*
Luxuria, *morepotara.*
Luz, *cendy.*
Luzir, *cendy puca.*
Machado, *gy.*
Macho, *apyaba.*
Madeira, *ymyrá.*
Madrinha, *may angaba.*
Madrugada, *coema pyranga.*
Madrugar, *coéma eymevê poama.*
Madura, *tearón.*
Māi, *maya.*
Maior, *tutu cupyr.*
Mal, *meoám.*
Maltratar, *oycô ayba.*
Mama, *cama.*
Mamar, *camby xû.*
Mandamentos da lei, *tecô mongaba.*
Manhã, *coema.*
Mansidão, *pyâ membeca.*
Manteiga, *çába.*
Mantimento, *tembiú.*
Máo, *ayba.*
Mão, *pô.*
— direita, *pô catú.*
— esquerda, *pô açû.*
Mar, *paraná.*
— largo, *paraná uçú.*
Marcar, *moçangab.*
Marido, *imena.*
Marreca, *potery.*
Mastigar, *çûu.*
Matar, *jucá.*
Mastro da vela, *çotinga ybá.*
Mato, *caá.*
Matrimonio, *mendára.*
Mecher, *mobopure.*
Medicina, *poçanga.*
Medico, *poça mongara.*
Medida, *çangaba.*
Medir, *moçangab.*
Meio dia, *àra cuipe.*
Meia noite, *pyçajé.*

Meirinho, *ymyrâ rerecoára.*
Mel, *yra.*
Menino, a, *tay na.*
Menos, *merîporyb.*
Mentir, *jereragoaia.*
Mesmo, a, *aê eté.*
Mestre, *jimboeçára.*
Meu, *xembaé.*
Mez, *jacy.*
Mijar, *carúe.*
Milho, *ubaty antâm.*
Mimo, *potaba.*
Misturar, *monáne.*
— na agua, *tycoar.*
Misericordia, *morauçuba.*
Mo, *ita baboca.*
Moça, *cunhá mucú.*
Moço, *corumimoçú.*
Moderar, *puyr merim.*
Moderno, a, *pyçaçú.*
Modo, *tecô.*
Moeda, *itá jubâ.*
Moer, *mocui.*
— canna, *mobaboc.*
Moinho, *moçuiçaba.*
Molde, *çangaba.*
Molhar, *moakyme.*
Molho, *ay.*
Monarcha, *moroxába oçú.*
Morro, *uby tyra.*
Morador, *ó capóra.*
Morder, *çuâ.*
Morrendo (estar), *maraâr.*
Morrer, *manó.*
Morto, *ambyra.*
Mosca, *merú.*
Mosquito, *meruí.*
Mostrar, *comeéng.*
Mudar, *cegy.*
Mugir, *cambijóca.*
Muito, *ceté.*
— pequeno, *merím ayra.*
Mulher, *cunhá.*
— solteira, *cunhá mendaçára eyma.*
— casada, *cunhá mendaçára.*
Multiplicar, *poro monhang.*
Mundo, *àra.*
Munição, *mocába raynha.*
Murchar, *tenrug cèrame.*
Murmurar, *angaú.*
Muro, *yby oca.*
Na (prepos.), *pupé.*
Nação, *abá.*
Nada, *nitio mbaé.*
Nadar, *vitábo.*
Não, *nitio.*
Nariz, *tim.*
Nascer, *àr*, ou *cémo.*
Navalha, *quecé.*
Navegar, *goatá.*
Na verdade, *çúpi.*
Navio, *maracatim oçú.*
Naufragio, *jepypy ea.*
Necessidade, *teco tembem.*
Negar, *jumine.*
Negligente, *abá panemo.*
Negra (cousa), *pixuna.*

Nervo, *çajuca.*
N'esse logar, *äepe tenhé.*
N'este tempo, *coaé ara pupé.*
Neto, a, *teminino.*
» » da mulher, *temiarirón.*
Nevoa, *ybytú ñane.*
Nevoeiro, *ybytú rana.*
Ninguem. *nitio abâ.*
Ninho, *çobátim.*
Nó (prep.), *pupé.*
No chão, *yby pé.*
Nodoa, *kyaçaba.*
Nojo (ter), *jeguarú.*
Noite, *pytuna.*
Noiva, *iména potaçaba.*
Noivo, *camericó potaçaba.*
Nome, *cera.*
Nomear, *cenoi cera rupî.*
No mesmo logar, *cendape catú.*
No mesmo tempo, *aé rame vé catú.*
Nora, *membyraty.*
Nós todos, *jandé.*
Nota, *meoén.*
Noticia, *moranduba.*
Noticiar, *momoranduba.*
Nova cousa, *mbaé pyçaçu.*
Novelo, *inimbó apuám.*
Novilho, *tapyira corumim.*
Novilha, *tapyra cunhã mucú.*
N'outra parte, *amó mume.*
Nú, *ecatnpé.*
Nuca, *atyba.*
Numerar, *paparr.*
Numero, *papaçaba.*
Nunca, *äne.*
— mais, *augè oane*
Nutrir, *jemoro-ô.*
Nuvem, *ybytû tinga.*
Obedecer, *arobiar.*
Obra, *temimonhanga.*
Obreiro, *moraukyçara.*
Obrigação, *tecó.*
Observar, *poroçár.*
Oca (cousa), *mbaé nitio ipor oaé.*
Occasião, *àra.*
Occulto (estar), *ojejumime oicô.*
Occupação, *morauky.*
Occupar, *jocoai.*
Odio, *jamotareyma.*
Offender, *moayb.*
Offerecer, *coameing.*
Offerta, *potaba.*
Official, *mbaé monhangara.*
O' lá (incitativo), *crê catú.*
Olaria, *camotim monhangara.*
Olhar, *maém.*
Olhos, *teçá.*
O mesmo, *aé tenhé.*
Onça (animal), *jagoara eté.*
Onda, *japinon.*
Onde, *mame.*
Operar, *monhang.*
Oppôr, *çobaixara.*
Opprimir, *recó ayba.*
Oração, *jimboeçaba.*
Orar, *jimboé.*
Oratorio, *tupanóca merim.*

Ordenar, *mondó.*
Ordenhar, *camby joca.*
Ordinariamente, *ara jabé jabé.*
Ordir, *jepirón.*
Orelha, *namby.*
Orphão, *nitio paia vaé.*
Ornar, *mongatiron.*
Ornamento de igreja, *oba tupan oca resé goara.*
Ortiga, *pinâ pinâ.*
Orvalho, *yg apy.*
Osso, *cangoera.*
Ou, *coîpe.*
Ovo, *çopiâ.*
Ourina, *tycaruca.*
Ourinar, *carúe.*
Ourinol, *carúe.*
Ourives, *itá juba monhangara.*
Ouro, *itá júba.*
Ouropel, *itá juba rana.*
Ouvido, *apyçâ coára.*
Ouvir, *cendú.*
Paciencia, *çoçanga.*
Pacificar, *mopyá caeú.*
Pacifico, *pyá catú.*
Padecer, *porará.*
Padre, *pay.*
— da companhia, *pay abuna.*
Padrinho, *pay a angaba.*
— de afilhado, a, *táy ra angaba.*
Pagão, *cerayma.*
Pago, *morepy.*
Pagar, *copy meeng.*

Pai, *páya.*
Paixão, *ánga cóaiba.*
Palavra, *uheenga.*
Palmo, *pó çangába.*
Panella, *nhaempepò.*
Panno fino, *paña poi.*
— de linho, *paaa çaboigoara.*
— de algodão, *amanejû çui goára.*
— grosso, *poaçú.*
Páo, *ymyra.*
— de cedro, *acayacá.*
— de louro, *ajuba.*
Pão, *meapé.*
Papagaio, *paragoá.*
Papo, *curucaba.*
Parabens, *cubê catú.*
Paragem, *tendaba.*
Paraiso, *ybâkepé turyba.*
— terreal, *jandé paia Adão rendaba quera.*
Para dentro, *ocapy kety.*
Para fóra, *ocaoa kety.*
Parar, *oîcô nhote.*
Parecer, *nongar.*
Parede, *taipaba.*
— de terra, *yby oca.*
— de pedra, *itâ oca.*
Parelha, *jojabé.*
Parente, *anama.*
Parir, *membyrar.*
Parochia, *taygoara etá tupanoca.*
Parocho, *pay moro rereevara.*
Parte, *potaba.*

Partîr, *mojaoca.*
Partír (cortar), *mondóc.*
Passar, *çaçáo.*
Passaro, *guyrâ.*
Passear, *guatá.*
Passo, *guatacaba.*
Pasto, *mbaé uçába.*
Pastor, *rerecoara.*
Pateo, *ócarocara.*
Patrão, *ocà jara.*
Patria, *cetáma.*
Paz, *tecô catú.*
Pé, *py.*
Peça de panno, *pana pacoara.*
— d'artilharia, *mocabaoçú.*
Peccado, *tecô angaipaba.*
— mortal, *tecó angaípaba oçu.*
— venial, » » *merim.*
Pedaço, *pycengoéra.*
Pedir, *jururé.*
Pedra, *itâ.*
— de afiar, *itaky.*
Pegado (junto), *apyrupy.*
Pegar (em alguem), *pecyca.*
— o peixe na isca, *pindá û.*
Pejada, *poroá.*
Peior, *ayba potyb.*
Peito, *potiá.*
— de mulher, *cama.*
Peixe, *pyra.*
— sêcco, *pyra êm.*
Pelle, *pirera.*
Pena (ter), *cacy.*
Penar, *porara.*
Penas (de aves), *pypó.*
Pendurar, *mojaticó.*
Penedo, *ítá guaçú.*
Peneira, *gurupema.*
Peneirar, *moguab.*
Penetrar, *çaçáo.*
Penitencia, *apyá rojabyr.*
— de confissão, *jemombeuçaba.*
Penitente, *moacycára.*
Pensamento, *menduuçaba.*
Pentear, *capyc.*
Pente, *kybaba.*
Perceber, *cendub.*
Perda, *canhémo.*
Perdão, *nhyronçaba.*
Perder, *canhéme.*
— o caminho, *cepár.*
Perdiz, *inamby.*
Perdoar, *nyyrón.*
Perfumar, *motimboi.*
Pergunta, *poranduba.*
Perguntar, *porandub.*
Perna, *cetymâ.*
Perseguir, *oerîcô ayba.*
Persuadir, *moacanga ayb.*
Pertender, *oieô cecê.*
Perto, *çobaké.*
Perturbar, *moacanhémo.*
Pesar (de peso), *moçangab.*
Pescador, de linha, *pindâ itycara.*
— de rede, *pyçá itycara.*
Pescar, *pyrâ ityc.*
Pescoço, *ajura.*

Pessoa, *abá.*
Peste, *mbaé acy ayba oçú.*
Peso (de balança), *pucytaba.*
Pia de agua benta, *tupá yg rerú.*
Picar, *cutuca.*
Picar (o peixe), *pĩnduá uû.*
— a abelha, *pím.*
Piedade, *moreauçuba.*
Pilhar, *mondá.*
Pilão, *indôa.*
Pilar, *çaçóca.*
Piloto, *jacumayba.*
Pimenta, *kyynha.*
— reino, *kyynha çobaigoara.*
Pintar, *coatiar.*
Pintor, *coatiçaara.*
Pintura, *coatiaçaba.*
Pistola, *bocaba merim.*
Pihar, *pyrón.*
Planta, *mytyma.*
Plantar, *joryme.*
Pó, *tibuyra.*
Pobre, *moreauçubora.*
Poça d'agua, *jacaróa.*
Poder, *tecó.*
Podre, *tyjuca.*
Polmão, *pengò.*
Polvora, *mocâçuí.*
Pomba, *juruty.*
Pompa, *guaçuçába.*
Ponta, *çacapyra.*
— aguda, *çacapyra cantim.*
Ponte, *ygaçapaba.*
Pontifice, *pay abaré oçû eté.*
Popa de canôa, *ygara ropytá.*
Por (prep.), *rupî.*
— amor, *recé.*
— que, *mbaé recé.*
Pôr (verbo), *enoi.*
Porco (manso), *tayaçú aya.*
— do mato, *tayaçú eté.*
Porta, *okêna.*
Porto, *ygaropaba.*
Possuir, *oericó.*
Posto, *tendaba.*
Pote, *camolim.*
Pouco, *merim.*
Povoar, *poracar.*
Poupar, *cecateyma rupi merim.*
Pragas, *nheenga ayba.*
Praia, *yby cuí.*
Prata, *itâ juba.*
Pratica, *monghetaçaba.*
Praticar, *jemonghetá.*
Praza a Deos, *teimomâ.*
Prazer, *tutyba.*
Precatar-se, *jemoçacui.*
Preceito, *nheenga ou tecó.*
Preço, *cepy.*
Pregador, *tupana nheénga.*
Pregar, *jatyca.*
Prego, *etapuâ.*
Preguiçoso, *ateymu oçu.*
Prendar, *cepy meeng.*
Prender, *pocaar.*
Prenhe, *puruâ.*
Preparar, *mangatirón.*

Presença, *cobaké.*
Presente, *potaba.*
Presentear, *jopoi.*
Preservar, *pycyron mbaé ayba çui.*
Presidio, *mocaoca merim.*
Preso, *mondê pora.*
Pressa, *çanhé.*
Prestimo, *catuçaba.*
Presumir, *moaub.*
Primeira cousa, *ranhé.*
Primeiro que tudo, *ojoibanhé renondé.*
Prima (do homem), *tendyra.*
— da mulher, *amû.*
Primo do homem, *mû.*
— da mulher, *kebyra.*
Primogenito, *cenondé goara.*
Principiar, *jepyron.*
Principio, *ypy.*
Prisão, *tecô ayba ou mondé.*
Privar, *moceme.*
Proa da canôa, *ygaty yba.*
Proceder bem, *oicô catú.*
Procissão, *tupana oatâ.*
Procurar, *cecar.*
Produzir, *ojemonhang.*
Profanador, *momoxi cara.*
Profanar, *momoxi.*
Profundidade, *typyçaba.*
Prolongar, *mopécû.*
Promptidão, *oicô tenhé cecé oarama.*
Promulgar, *ocoabucar.*
Prognosticar, *cenondê omembeû.*
Pronunciar, *mocémo.*
Propagar, *poro monhang.*
Proposito, *tecô çoaub.*
Proseguir, *tenondé oçô.*
Protecção, *pycyroncaba.*
Provar, *caáng.*
Provavelmente, *çupy catú ipó.*
Prover, *poracár.*
Proximo, *çapixára.*
Prudente, *tecô coaub catú.*
Publicamente, *myra reçape.*
Publicar, *roçapucai.*
Pulga, *tendy.*
Pulso, *jabyrajyca.*
Purga, *poçanga.*
Purgar, *jueyb.*
Purgatorio, *tupána ratá.*
Purificar, *kytingoe.*
Puta, *potakéra ojemonhang.*
Puxar, *ceky.*
Qual, *abâ.*
— será, *abá taê?*
Qualquer, *ajubete jepê amô.*
Quando, *mbaé ramé.*
Quantos, *mobyr.*
Quaresma, *jecuacû uçû.*
Quarta feira, *morauky moçapyr.*
Qual, *mirim nhónte.*
Quebrado (cousa), *jicá.*
Queda, *ár.*
Queijo, *camby antam.*
Queimada, *caî.*
Queimar, *çapy.*

Queixa, *moranduba ayba.*
Querer, *potar.*
Querido, *çauçupara.*
Quinta feira, *çoó papau.*
Quintal, *kendara.*
Ram (animal), *yuî ou tataca.*
Rabo, *çobaya.*
Ração, *potába.*
Rachar, *moboe.*
Raio do sol, *coaracy beraba.*
Raivar, *pyá ayba.*
Raiz, *cepô.*
Ralar, *motycû.*
Ralhar, *angacé.*
Ralo, *ybucéî.*
Ramo das arvores, *caá roba.*
Rancho, *óca.*
Ranho, *amby.*
Rapar, *jopine.*
Rapariga, *cunhá tem.*
Rapaz, *curumim.*
Raposa, *avará.*
Raramente, *amó ramé nhote.*
Rasgar, *mondoçoca.*
Raspar (liso), *mocyme.*
Rasto, *pypora.*
Ratificar, *moçupî.*
Rato, *guabyrú.*
Ratoeira, *mondé.*
Razar, *mojojabé.*
Razão (ter), *çupî anheeng.*
Rebanho, *ceîya.*
Rebater, *motaca.*
Rebentar, *póe.*
Rebentar a corda, *côc.*
Rebolo, *itã baboca.*
Recadar, *nongatú.*
Recado, *moranduba.*
Receber, *jar.*
Receber-se (casar-se), *jemomendar.*
Recolher, *mondé.*
Recommendar, *mombeû catú.*
Reconciliar, *rogerôn jerón.*
Reconhecer, *coáub.*
Recordar, *menduár jebyr.*
Recuar, *çakiquera jebyr.*
Recusar, *roirón.*
Rede de dormir, *kyçába.*
Redondo, *apuám.*
Reduzir, *rogebyr.*
Referir, *monbeú.*
Reforçar, *mopyrantón.*
Reformar, *mopyçaçu jabyr.*
Refrear-se, *puyr.*
Refrescar, *moro y çang.*
Regular-se, *açaçáu catú ara.*
Regador, *rerecoára.*
Reino, *çobay.*
Relampago, *tupan beraba.*
Relampejar, *tupan berab.*
Religião, *tupána recó.*
Relogio, *ara rangaba.*
— do sol, *coaracy rangába.*
Remar, *japecuî.*
Remeçar (vomitar), *goéme.*
Remedio, *poçanga.*
Remendar, *mongatiron.*

Remexer, *mopobû pobúre.*
Remo, *apecuitaba.*
Remunerar, *moçocobiar.*
Renovar, *mopeçacú.*
Reparar (notando), *moaúb.*
Repartir, *mojaóca.*
Repassar, *çáçaça çáo.*
Repentinamente, *çanhé.*
Repetir, *jebyr.*
Reposta, *cecobíara.*
Repousar, *potuú merim.*
Reprehensão, *jacau.*
Representar, *comeéng.*
Repudiar, *mombóre.*
Requerer, *jururé.*
Reservar, *nongatú.*
Resfriar, *moroiçang.*
Resgatar, *pyripana.*
Residir, *oicô.*
Resistir, *jepytaçóca.*
Resolver-se, *jepyâ monghetá.*
Respeitar, *moetê.*
Respeito, *moeteçába.*
Respirar, *pytucéma.*
Respingar, *jemoacy.*
Resplandecer, *cendy puca.*
Responder, *nheéng.*
Restante, *cembyra.*
Restituir, *mojebyr.*
Resumir (abreviar), *moatúca.*
Resuscitar, *cecobebê jebyre.*
Resurreição, *cecobebê çaba.*
Retalho de panno, *pana piçangoéra.*
Retardar, *mooicó pecû.*
Retirar, *poir.*
Rezar, *jimboê.*
Ribeiro, *ygarapê merím.*
Rica, cousa, *catú eté.*
Rigor, *tecô açy.*
Rio, *yg arapé.*
Rir, rir-se, *pucá.*
Roer, *çuú çuú.*
Rogar, *jururé catú.*
Roim, *mbaé meoám.*
Roliça (cousa), *mbaê puâm.*
Rolha, *cokénda pába.*
Romper, *çoroca.*
Roncar, *amby.*
Roncar (dormindo), *cararang.*
Rosario, *moyra curuçâ.*
Rosto, *çobâ.*
Roubar, *pycyrón.*
Roupa, *oba.*
Rua, *ocára.*
Rugir, *mobyrû byrû.*
Rumor, *tiapy.*
Sabedor, *cuapára.*
Saber, *coaúb.*
— governar, *oericó coaub tecô.*
Saborosa, *mbaé-cé catû.*
Sacudir, *motemung.*
Sahir fóra, *icémo ocárpe.*
Saia (de mulher), *cunhá obá.*
Sal, *jukira.*
Sacramentar, *aung poçanong.*
Santa madre igreja, *sacramento etá pupé.*

Sacrilegio, *tecô angaipába oçu eté têca tunhe.*
Sagrar, *monjeraub.*
Salgado, *ceémbuca.*
Salgar, *mocem.*
Saltar, *popor.*
Salto, *póre.*
Salvador, *pycyronçara.*
Sangue, *tuguî.*
Sanguesuga, *cebuí péba.*
Sangrar, *tuguî jôca.*
São, *catú.*
Sapo, *cururû.*
Sarna, *curûba.*
Satisfazer, *moapecyca.*
Saudar, *momorang.*
Saudades, *xepiáca aub.*
Saude, *catùçaba.*
Se (conj.), *çaé.*
Sebo, *çába.*
Seccar, *molîning.*
Secretamente, *jemimarupí.*
Sede, *yg juceí.*
Segredo, *jumimecaba.*
Segunda feira, *morauky py.*
Sem, *eyma.*
— duvida, *titubé.*
Semear, *jotyma.*
Semente, *çaynha.*
Sempre, *ninhé.*
Senão, *nitio ramé— caê nitio.*
Senhor, *jata — pay tinga.*
— de si, *tay goára.*
Sentar (fazer), *maopúca.*
Sentar-se, *oa púca.*
Separar, *mojaóca.*
Sepultar, *jotyme.*
Sepultura, *yby coara.*
Ser, estar, *oicô.*
Serafim, *carybebê.*
Sereno (estar sem bulir, ou fallar), *kerurim.*
Seringa, *xeainga.*
Serra, *ybytyra.*
— de serrar, *kytyçaba.*
Serviço, *morauky.*
Servir, *meaucub.*
Servo, *meaucuba.*
Seta, *viba.*
Seu, *embaé.*
Severidade, *cobâ oçû.*
Sexta feira, *jecuacaba.*
Sezão (febre), *taçuba.*
Silencio, *kiririm.*
Sim, *eém.*
Simples, *pyâ catú.*
Sinal, *çangaba.*
Sino, *tamaracá.*
Sitio (cerco), *cycemo.*
— lugar, *tendaba.*
Situar, *ojemota pejar.*
Sô, *anhó.*
Soar, *tiapû.*
Sobejar, *pitâ.*
Sobejos, *cembyra.*
Sobrancelha, *ceçâ pecanga.*
Sobre, *árpe.*
Sobrepôr, *carpe enong.*

Sobresalto, *acanhémo.*
Sobrinho, a, *cunhã membyra.*
Socegado, *aicô nhóte.*
Socegar, *moricô nhote.*
Soccorrer, *petybon.*
Soffrer, *çocáng.*
Soffrido, *çocang oaê.*
Sogro (do homem), *tatuba aixó.*
— da mulher, *menduba coaracy.*
Solda, *yg cyca.*
Soldado, *moeeyca.*
Soldo, *porepy morypy.*
Solemnisar, *moetê.*
Sol posto, *coaracy ocanhémo.*
Soluçar, *jojocô.*
Solitario, *anhô ayra oaé.*
Soltar, *jorau.*
Solteira, *mendaçarayma.*
Som, *tiapû.*
Sombra, *ánga.*
Sómente, *anhé.*
Sondar, *çoang, typû.*
Sonhar, *poçauçú.*
Somno, *pucêi.*
Sou ou estou, *ixe aê.*
Suar, *ciáya.*
Sujeito, *póúrpe oicô oaê.*
Subida, *jeupyrçába.*
Subir, *jeupyr.*
Subitamente, *aujermanhé.*
Substituir, *moçocobiar.*
Substituto, *ceçobiara.*
Subterraneo, *ybyurpe goara.*
Subverter, *mocanhémo.*
Succeder, *ojemonhang.*
Sujeitar, *epô árpe enong.*
Sumir, *canhémo.*
Sumo, *ty.*
Suor, *ty aya.*
Supplicar, *jururê.*
Supportar, *porará.*
Surdo, *nitio iapycá oaê.*
Suspeitar, *moaub.*
Suspirar, *pytueéme.*
Sustento, *timbiû.*
Sustentar, *jopôi.*
Tá (não mates), *tenhê.*
Ta (não bulas), *caca.*
Tabaco, *pytyma.*
Taboa, *ymyrâpéba.*
Tacha (defeito), *meoám.*
Tacto, *pokoca.*
Tainha (peixe), *paraty.*
Tal qual, *nungára.*
Tapar, *çokendâ.*
Tardar, *oicô pecû.*
Tarde, *caarûca.*
Tartaruga, *jurará.*
Té agora, *até cuyr.*
Tear, *pana monhangaba.*
Tacelão, *pana monhangára.*
Tecer, *jopém.*
Tecto, *ibateçaba.*
Teimoso, *nitio arobiar oaê.*
Telhar, *jacuî óca.*
Temente a Deus, *tupana moeteçára.*
Temor, *cakyé.*

Temperado (com tudo), *çangaba rupi oaê.*
Temperar (o comer), *mongatyrón tembrú.*
Tempestade, *ára ayba eté.*
Templo, *tupana róca.*
Tempo, *ára.*
— de chuva, *amana ára.*
— de sol, *coaracy ára.*
Tenção, *puá.*
Tenda (que vende) *óca embaé meengaba.*
— onde se trabalha, *morauky-çába róca.*
Tenra, *membeca.*
Tentação, *jurupari enganáne çába.*
Tentar, *enganáne.*
Tentear, *caáng.*
Ter, *oericô.*
Ter fome, *jemoacy.*
Terça feira, *morauky mocoi.*
Terra, *yby.*
Terra plana, *iby paba.*
— firme, *yby reté.*
Terreiro, *ocára.*
Terror, *acanhémo.*
Testemunha, *çupiçaba ocomeéng oaê.*
Testiculos, *çapyá.*
Teu, tua, *ndê mbaê.*
Texto (de cobrir), *jacuçába.*
Thesouro, *itá juba rerú.*
Tio, tia, *aixé—tutyra.*
Tição, *tatá pynho uçú.*
Tingir, *mundé tinta pupê.*
— de preto, *mopixune.*
— de vermelho, *urucú.*
Tirar, *jòca.*
Tirania, *moreoaçubayma.*
Tiro, *mocába reapû.*
Tisica, *aberana.*
Tesoura, *pyranha.*
Tocar, *moapû.*
Todo, a, *oetépe.*
Todos, *opabinhé.*
— os dias, *âra jabê jabê.*
Tolda da canôa, *tamacarica.*
Tomar, *jár.*
— por força, *pycyron.*
— estado, *jár cecô rama.*
Torcer, *pó mumbyca.*
Tormento, *tecô ayba.*
Tornar, *jebyr.*
— a fazer, *mojebyr.*
Tornozelo, *pigoá.*
Torrar ao fogo, *motening catú.*
Torto, *iapára.*
Tosquiar, *jupyne.*
Tosse, *uçá.*
Tostar, *çapéke.*
Totalmente, *reté.*
Trabalhador, *moraukyçára.*
— de balde, *panémo.*
Trabalho, *morauky.*
Trapo, *panayba.*
Trasbordar, *jucéne.*
Tratar, *oericò.*

Tratar com rigor, *oericô ayba.*
— bem, *ojemocoar catû cecé.*
— mal, *moreauçub.*
Trazer, *erúre.*
Tremer, *ryry.*
— de frio, *ryry tuiçui.*
Trepar, *jeupyr.*
Tres, *moçapyr.*
Trinceiras, *cayçára.*
Tripas, *cigiê merim.*
Triste (estar), *kyryrim.*
Triumphar, *moça rái.*
Trocer, *pó membeca.*
Trombeta, *memby.*
Tronco (prisão), *mondé.*
Tropa de gente, *myra reíya.*
Tropicar, *âr.*
Trovão, *tupá.*
Tú, *indé.*
Tua cousa, *indé mbaé.*
Tudo, *opabinhé.*
Tumba, *teongoéra rejitaba.*
Turbar, *moacanhémo.*
Turvar a agua, *motypytyng.*
Tutano, *cangoéra póra.*
Tyranno, *abaangai puba oçû eté.*
Um, *iipê.*
Vadear (o rio), *çaçau.*
Uma vez, *jepé yi.*
Vaguear, *oatâ atá nhóte.*
Vai, *ecoem.*
Valente (são), *oicô catû.*
Valentão, *abâ carimbab uçû.*
Valle, *ybytygoaya.*
Valor (preço), *cepy.*
— forças, *carimbaba.*
Vaporar, *pytuceme.*
Vara, *ymyrâ i.*
— de medir, *panà rangaba.*
Varanda, *apyaba.*
Varear, *amô rupi.*
Varejar, *nupán.*
Vasar-se, *jepocuaúb.*
Vazia (cousa), *nitio iporbaé.*
Vasilha, *rerú.*
Veado, *çuaçu.*
— de cornos, *çuaçua pára.*
Vedar, *oericô ayba.*
Veia, *tuguí rapé—cagyca.*
Vela de canôa, *ygoara retinga.*
— cera, *yraitim.*
Velha, *guaimim.*
Velhaco, *abâ puxi.*
Velhice, *tijuaeçaba.*
Velho, *tijuaê.*
Vencer, *mocerâne.*
Venda (taverna), *cauim mengaba.*
Veneno, *mbaé ayba.*
Veneração, *moeteçába.*
Venerar, *moetâ.*
Ventagem, *puryb.*
Vento, *ybytû.*
Ventas (os narizes), *apynha.*
Ver, *cepiaca maém.*
Verão, *coaracy ara.*
Verdade, *çupiçába.*
Verde, *xepiacába akyra.*

Vergar, *iapare.*
Vergonha, *tím.*
Vergonhoso, *timgoere.*
Verificar, *moçupí.*
Verilha, *çaçamby.*
Verruga, *kytam.*
Vespera de santo, *ára ára.*
Vestia, *guarina.*
Vestido, *óba.*
Vestir, *jemoamondé.*
Vez, *eí.*
Via (caminho), *dê.*
Viagem, *guata çábâ.*
Viciar, *momoxi.*
Vicio, *tecô puxi.*
Vida, *tecô be.*
Vigia, *manhane goere.*
Vigor, *pyrantançába.*
Vil, *mbaé rána.*
Vinagre, *cauím çai.*
Vinculo, *japoiyçába.*
Vingar, *jepyca.*
Vinho, *cauím.*
— do reino, *cauím piranga.*
Viola, *guarura peba.*
Violar, *momoxi.*
Violentar (mulher), *oacype vetycô.*
Via, *ur.*
Viração, *yrayçang.*
Virar, *mogeré.*
Virgem, *cunhá nitio ranhé yaiba oaê.*
Virtude, *tupanâ recô poracaçára.*
Visão, *mbaé repiaca.*
Vista, *ceçâ pyçô.*
Visinha (cousa), *çobáke poára.*
Visitar, *pyr.*
Uncção, *jandy carayba.*
Ungir, *pyxyb jandy carayba pupé.*
Unha, *pô apém.*
Unica (cousa), *jepênhô oaê.*
Unir, *mojepé oçû.*
Untar, *pyxyb.*
Unto, *çába.*
Usurpar, *pyeyrón.*
Voar, *bebê.*
Volta, *apáre.*
Voltar (tornar), *jebyr.*
— fazer, *mojebyr.*
Voluntariamente, *cemimotara rupí.*
Vomitar, *goéne.*
Vontade, *jemotára.*
— de alguma cousa, *jemimotár mbaê recê.*
Vós, *nheenga.*
Vulgarmente, *myra recô rupí.*
Vulgo, *myra.*
Zelar, *royrón.*
Zombar, *monçárái.*
Zunir, *tyapû.*

EXTRACTOS

DO

ENSAIO POLITICO E HISTORICO CHRONOLOGICO

DE

FREI MANOEL JOAQUIM DA MÃE DOS HOMENS

PRECEDIDOS DE UMA NOTICIA SOBRE O AUCTOR E SUA OBRA

PELO SOCIO EFFECTIVO

O SR. JOAQUIM NORBERTO DE SOUZA SILVA

I

NOTICIA SOBRE O AUCTOR E SUA OBRA.

Honrado ainda uma vez pela escolha de S. M. Imperial, que houve por bem de incumbir-me dos extractos da obra do padre fr. Manoel Joaquim da Mãe dos Homens, que fossem de immediato interesse á historia de nosso paiz (1), não julguei dever circumscrever-me a um trabalho meramente material; certo que as faltas que indubitavelmente commetti, serão corrigidas pelas notabilidades que ornam tam illustrada associação.

Escassas são as noticias que pude obter ácerca do padre frei Manoel Joaquim da Mãe dos Homens. Religioso dos menores observantes da provincia dos Algarves, talvez n'este reino portuguez visse a luz do dia; a guerra da Peninsula o obrigou a emigrar para a Inglaterra em 1808, onde os trabalhos e infinitos incommodos por que passára, jamais poderam fazel-o esquecer-se da hospitalidade que recebeu d'aquelles insulares. N'estes tempos, porém, a quem dos mares nascia, avultava e prosperava na paz um reino com a transferencia da séde da monarchia lusitana em quanto as nações da velha Europa se confederavam contra a omnipotencia de um so homem. Não hesitou frei Manoel Joaquim da Mãe dos Homens; e veio cedo admirar as

(1) Na sessão de 26 de Setembro de 1851.

maravilhas d'esta terra, que é bella como um dos maiores primores da creação, e esquecer no silencio da solidão o estupido ruido das batalhas e gostar da paz. « Entrando no continente do Brazil, diz elle, respiramos com mais allivio do susto e das afflicções que repetidas vezes atacaram o nosso coração e o nosso espirito de dia e de noite. » A protecção que muitos de seus compatriotas desvalidos encontravam na munificencia do senhor dom João VI animou-o a ir valer-se da proverbial bondade do coração do principe regente, pois eram tristissimas as suas circumstancias. « Sua alteza real, confessa elle por estas palavras, nos mandou contemplar, mas os senhores o dão, e os servos o choram, e por isso nada recebemos. » Mas n'um paiz novo, onde são tantos, não devia frei Manoel Joaquim da Mãe dos Homens deplorar por muito tempo a falta de meios necessarios para a manutenção da vida de um pobre frade.

Fez-se-lhe ver o serviço que podia prestar ao estado e a religião na capitania do Ceará, pela carencia de bons ecclesiasticos, e para logo munido das devidas licenças, confiado na importancia de sua missão, escudado no auxilio da providencia divina, que jamais desampara o homem na sua resignação, partiu para o seu destino.

Dotado de summa penetração, tudo examinou, tudo estudou como fiel observador, como viajante instruido e d'ahi lhe veio talvez a idéa de escrever as suas reflexões, que, coordenadas a seu modo, produziram a obra que tenho sob os olhos e a que elle deu o titulo de *Ensaio politico, historico e chronologico* (2).

(2) Os Portuguezes, a maneira que foram accumulando a seus nomes muitos e muitos sobrenomes, appellidos e alcunhas, foram tambem adoptando extensissimos titulos para suas obras, seguindo em tudo o costume hespanhol. O titulo completo da obra é *Ensaio politico, historico e chronologico, para servir de introducção ao melhoramento dos estados do Reino unido de Portugal, do Brazil e Algarves, offerecido ao muito alto, ao muito poderoso e soberano rey o senhor D. João* VI *pelo padre fr. Manoel Joaquim da May dos Homens, religioso dos menores observantes da provincia dos Algarves. Anno de* 1816. E' um vol. in fol. de mais de 200 paginas.

Comparando o que via com o que lêra, concebeu as melhores esperanças pelo futuro da terra que ia percorrendo. « No tempo que viajamos pelo Brazil, escreve o nosso historiador, admiramos a sua grandeza e a sua extensão de terreno, repartido pela natureza em planas campinas, e altas serras, cortadas de vales, e de impinados montes; combinando o que viamos pelo que tinhamos lido, fizemos uma idéa geral que todo o Brazil era, ou podia ser um poderoso imperio, si a boa ordem, si a policia da população e si o exercicio das artes e das sciencias concorressem a aperfeiçoar a sua natureza. »

Chegado ao Ceará foi frei Manoel Joaquim encarregado da missão de uma aldêa de indios, tam pobre e tam desprezivel, segundo a sua asserção, que ninguem a queria, e cujo nome infelizmente se esqueceu de nos transmittir. Os indios estavam dispersos, haviam abandonado a sua aldêa, e tinham se entranhado pelas florestas; e a igreja achava-se derrocada, de maneira que a aldêa apresentava o triste aspecto de destroços meios erguidos meios cahidos. Apezar de seus tenues recursos, pois a sua congrua era apenas de oitenta mil réis annuaes, tratou frei Manoel Joaquim de reedificar a igreja, de alfaial-a e paramental-a de todo o necessario para a celebração dos divinos officios, e penetrando pelas florestas foi buscar os fugitivos indios e reconduzil-os ás suas toscas e ligeiras habitações, que se alluiam cahindo em ruinas.

Como Portuguez, que era de nascimento e de coração, comprazia-se frei Manoel Joaquim com a instrucção religiosa e moral dos pobres indios, ensinando-lhes a ser gratos a todos os beneficios que lhes prodigalisava, e a dizer a seus filhos para estes transmittirem a seus netos. « Nós devemos aos Portuguezes tudo o que somos; os Portuguezes nos baptisaram, nos tiraram das trevas do paganismo e da superstição da idolatria, nos instruiram e nos civilisaram; os Portuguezes nos tem exaltado e enchido de honras, de riqueza, e de grandeza e de todos os beneficios que um principe póde fazer a seus vassalos, tanto em

commum como em particular. Sejamos pois fieis, sejamos agradecidos, sejamos bons vassalos, sejamos perfeitos christãos; amemos e temamos a Deos no céo, e amemos e sirvamos com zelo e fidelidade o principe na terra. »

Tres annos depois apresentava a aldêa o mais lisongeiro aspecto; a nova face porém, que tomou, foi, segundo frei Manoel Joaquim, bastante para despertar a cubiça de quem procurou substituil-o com o fito de aproveitar-se dos trabalhos dos indios; desistiu e recolheu-se immediatamente á côrte.

N'estas viagens estudou frei Manoel Joaquim da Mãe dos Homens o atraso do paiz e achou a sua origem no pessimo govêrno dos magistrados mandados do reino, cujo patriotismo nem sempre atravessou a linha, esquecendo com elle o espirito das leis e da rectidão da justiça, de que tanto ainda se resentiam os costumes. Viu a irreligiosidade dos habitantes do interior, viu a depravação dos costumes e achou a sua consequencia na falta da instrucção do clero, na falta da observancia de seus deveres, que longe de annunciar a paz evangelisando o reino de Deus, recommendando a modestia dos costumes, intimando a sua sancta lei, como novos prophetas mandados a reparar as ruinas de sua igreja, se entregava ao gôzo da vida legando aos povos os defeitos e vicios que pullulam no seio da nossa sociedade. Observou a agricultura, um dos mais poderosos elementos de grandeza e prosperidade do nosso imperio, e viu o seu nem um adiantamento na repartição das terras em extensissimas sesmarias, arrendadas sob pesadas condições, que mais aproveitava o trabalho ao senhorio que ao misero colono, e impediam a formação de novas povoações e com ellas o augmento da população.

De volta ao Rio de Janeiro communicou a uns e a outros todas as suas notas, e observações recolhidas durante tantos annos, e muitos lhe aconselharam que as escrevesse a bem de seus concidadãos. Porém para satisfazer esse desejo, oscillou frei Manoel Joaquim por longo tempo sobre o modo de realisal-o.

« Fizemos, diz elle, repetidas escolhas de materias e de objectos, mas formado o plano achavamos immensas difficuldades na sua execução; umas vezes nos lembravamos que esta obra devia ser resumida, o mais que fosse possivel para não ser pesada a sua leitura, mas que era impossivel em pouco dizer tudo quanto era necessario tocar para conhecimento da materia; ontras que a multidão de capitulos, a extensão dos argumentos e o grande numero de provas e de citações dos auctores enfastia a memoria; outras que estando aberto vasto campo para milhares de discursos patrioticos e havendo tantos sabios que na epocha presente se acham no Brazil, poucas obras tinham apparecido d'esta natureza; outras que os maiores sabios conhecem o merecimento das obras dando-lhe o valor devido e desculpam os defeitos dos auctores; os prudentes leem as obras, louvam o autor e aproveitam-se da sua douctrina; os satyricos que de ordinario são os que menos entendem, julgam e sentenceam so de ouvir e seguem a voz popular, bem ou mal. »

Apezar d'estas hesitações em que oscillava o seu espirito ja antes de 1816 estava a sua obra concluida e foi remettida á censura afim de obter a necessaria licença para a impressão, depois do que devia ser presente a sua alteza real o principe regente, conforme o desejo do autor; porém o desembargo do paço não lhe deu a licença e o auctor attribue este aresto a guerra que lhe moveu por emulação um dos seus censores, o douctor José da Silva Lisboa, posteriormente barão de Cayrú. Aquelle que em mais de um ramo dos conhecimentos humanos patenteou o seu vasto talento, a mais solida instrucção, e que com os seus innumeraveis escriptos não teve outro fito senão a illustração de seus compatriotas, e o engrandecimento de sua patria, pois a idéa de lucro de qualquer genero que seja não serve de inspiração aos Brazileiros, por certo que não se deixaria arrebatar da inveja para que a licença lhe fosse denegada; outras foram as razões, e o auctor, que confessa que algumas vezes fallára em termos menos comedidos quando tratava de

pintar os vicios e de reprovar os abusos, melhor as conheceria que não eu. Apresentando o seu manuscripto ao senhor dom João VI ainda frei Manoel Joaquim concebeu alguma esperança de vel-o impresso, mas todos nós sabemos que nem um resultado teve a seu favor.

Examinando attentamente as reprovações, acho que muitas foram injustas e so filhas da prepotencia de uma politica inquisitorial, que estremecia em suas bases ao mais leve sôpro da liberdade do pensamento, a mais pequena idéa de publicidade, e segundo uma nota que encontro, muitas d'entre ellas pertencem a Raymundo José da Cunha Mattos. Depois de demonstrar os prejuizos que resultavam á nação portugueza da influencia e preponderancia do commercio inglez, o auctor ajuncta energicamente: « Haveis de entregar aos Inglezes a vossa carregação, sem mais serdes senhores d'ella, e no fim haveis contentar-vos com o importe que vos entregarem, e haveis de estar pela receita e despeza que vos apresentarem. » Estas verdades tam duras e amargas não podiam chegar alto e bom som aos tympanos delicadissimos dos ouvidos dos ministros da côrte e os censores trataram de illiminal-as riscando-as. Ha ainda outros trechos injusta e cobardemente reprovados, que mostrão que o amor da verdade é juncto aos degraus dos tronos e ainda nos tribunaes mais respeitaveis sacrificado servilmente á lisonja, essa mentira que não póde agradar aos monarchas, como de certo não agrada a Deus o apparente fervor dos hypocritas.

A obra de frei Manoel Joaquim encerra succintamente a historia de Portugal; começa o autor, remontando-se a mais alta antiguidade, com a creação do genero humano, « afim de que, diz elle, pudesse o homem formar uma idéa da nobreza de sua natureza e conhecer-se a si mesmo. » Entra na divisão do globo e dispersão dos povos pela face da terra; hesita, e pára e recúa ante a origem das raças; depois mostra o erro em que estiveram os antigos que não conhecendo o Brazil localmente o suppozeram todavia inhabitavel apezar de estar collocado

em parte sob a linha equinocial e em parte comprehender a zona torrida, e querendo explicar com os debeis conhecimentos que possuia de geographia astronomica, conclue que nós mesmos somos testemunhas do contrario. O auctor divaga amplamente sobre as vantagens que offerece esta parte do mundo e os resultados felizes que os Portuguezes colheriam si n'ella tivessem concentrado toda a sua attenção. Então patentêa a admiração que lhe desperta tam interessante quam rica possessão, e manifesta as melhores intenções a respeito do futuro grandioso e risonho do nosso paiz. Elle quizera ver toda a população livre d'este imperio, que na opinião do Homero lusitano:

> « O sol logo em nascendo vê primeiro,
> Vê-o tambem no meio do hemisphério,
> E quando desce o deixa derradeiro (3) »

concentrada n'esse immenso torrão massiço, como o denominava o illustrado visconde de San Leopoldo (4), convocando-a tambem dos reinos estrangeiros, por onde se derramaram tantas familias perseguidas, e, sem que indicasse o nome, apontou a necessidade que hoje todos reconhecemos, mormente nas fronteiras do imperio, da fundação de colonias militares, exprimindo-se assim: « Lembramos que a tropa militar, que vem chegando da Europa, é de muito interesse para esse fim, e seria ainda maior policia si todos os soldados fossem casados e cada um trouxesse a sua mulher, considerando-se como um exercito em campanha e portanto fornecido de todo o armamento e munições de guerra, e de todas as peças de ferramentas rusticas para cortar mattos, abrir caminhos, construir pontes, fazer casas e cultivar a terra, devendo trazer comsigo todos os utencilios de hospital militar, e ser diariamente municiado, pago e fardado como effectivamente em serviço. Este exercito

(3) *Lusiadas, canto I, est.* VIII.

(4) *Resposta ás breves annotações.* V. *Memorias do instituto historico, tomo* I. *pag.* 235.

prompto de todo o necessario deve ser repartido pelo interior e fronteiras da terra firme das capitanias do Pará, Maranhão, Matto-Grosso e todos os mais confins do Brazil, onde deve construir cidades, villas ou povoações, etc. »

Para corroborar as suas idéas, penetra o autor na historia portugueza, esboça a sabedoria de seus reis, pinta o valor e virtudes religiosas de seus vassallos, e aponta as conquistas dos intrepidos navegadores que mudaram a face do globo e roubaram aos Venezianos o emporio do commercio do Oriente, de que todavia se não souberam aproveitar com o tino das especulações mercantis, que não entrou por certo na partilha dos bens concedidos pelo céo a patria dos Camões, dos Vascos da Gama e dos Albuquerques. Passando em revista o modo por que commerciam os Portuguezes, lastima o commercio com a China a peso de ouro, mostra a prudencia dos Inglezes que estudam os costumes e usos dos povos, a policia e leis dos paizes, afim de calcularem melhor os seus interesses, deplora a falta de introducção de machinas e novos inventos descobertos em outras nações e a traducção dos bons livros de sciencias e artes que se publicam em linguas estranhas; lamenta o atraso da agricultura em Portugal e os poucos resultados que se ha colhido da fertilidade de seu solo, da benignidade de seu clima pela indolencia dos grandes e dos nobres, que afeminados pelo luxo, e enfraquecidos pelos vicios transmittem seus desregramentos ás classes mais baixas da sociedade; e finalmente compadece-se da decadencia da nação prestes a desapparecer com o arrefecimento do amor da patria, cercada de todo esse cortejo de causas que contribuiram para a quéda de tantos, tam soberbos e tam possantes imperios, que minados em seus fundamentos se despenharam d'essa grandeza de que so resta a lembrança nas paginas da historia ou os seus vestigios nas ruinas collossaes que o tempo não cessa de derrocar, consumindo-as.

Lastimando os erros das passadas gerações, sente o auctor que

esse systema commercial seguido pela mãi patria fosse continuado no Brazil quando seus portos foram franqueados ás nações do universo, que em vez de devastar a Africa não civilisasse antes os negros; que em vez de transpol-os para o Brazil não os doutrinasse antes nos conhecimentos agricolas; mostra as vantagens que poderia tirar d'essa civilisação quando os reis africanos juravam preito e homenagem á corôa portugueza, e das quaes se aproveitaram depois os Inglezes. Arde no desejo de ver de novo rebentar sob novos auspicios o espirito da nação portugueza e exclama: « Quanto é para desejar que esse espirito nacional, animado do patriotismo renasça com vigorosas forças unido firmemente em perfeita concordia ao poder real e ao poder sacerdotal, e floresça com o mesmo augmento da honra e da gloria de Deus, tanto dentro de Portugal como nos multiplicados dominios das ilhas, da costa d'Africa, da India e do Brazil, onde se tem levantado tam grande numero de templos dedicados ao culto do verdadeiro Deus, entre infinito povo convertido da superstição do gentilismo para a luz da verdade evangelica e para a verdadeira fe de Jesus Christo, que povoando estes vastos dominios entrou para a igreja catholica como glorioso tropheo da religião, plantada pelos Portuguezes em tam differentes climas das regiões mais remotas. Obrando n'estes ultimos seculos a palavra de Deus, proferida pela bocca de seus ministros as mesmas maravilhas e portentos que no principio de seu nascimento fizeram os apostolos que o tinham recebido immediatamente da bocca do Redemptor do genero humano, e da voz do Espirito Sancto. »

A obra de frei Manoel Joaquim faria honra a seu autor — si houvesse por ventura methodo na divisão das materias; — si suas idéas fossem apresentadas com mais elucidação, em melhor linguagem e estylo do que aquelles que realmente seguiu; — si não se perdesse tanto em divagações philosophicas, moraes e politicas, e em considerações historicas; entretanto elle não desconheceu a necessidade de um plano bem combinado;

traçou-o, explicou-o na seu prefacio, mas esqueceu-o completamente quando o levou á execução.

Não escreveu, como confessa por mais de uma vez, n'uma epocha de decadencia litteraria para desculpar-se com os defeitos de seu seculo. N'esse tempo em que a poesia se ostentava nas proclamações de Napoleão e nas prosas de Chateaubriand, commemorava Lima Leitão a elevação do Brazil á cathegoria de reino com a traducção das obras de Virgilio; traduzia Francisco Manoel o immortal poema dos martyres; subiam San Carlos e Caldas ao pulpito e desprendiam no sagrado delirio de suas almas, no arroubo de suas divinas inspirações, esses vôos passmosos da mais brilhante e pomposa eloquencia; traçava Januario da Cunha Barbosa um dos episodios do cataclisma por que passara o novo mundo na transformação de Nictheroy com aquelle estylo conciso e fluente, e n'aquella linguagem pulchra, que como disse o Sr. Gonçalves Dias invejaria o proprio Claudiano (5), e a lingua portugueza tinha se enriquecido com o excellente diccionario confeccionado por um filho do Rio de Janeiro. Entretanto sua obra pecca ainda pela linguagem e pelo estylo que ficam aquem dos desejos do auctor, que dizia: « Desejavamos fallar com uma tal clareza que todos nos entendessem, » e que deixou de fazer o que aconselhou a seus compatriotas quando lhes recommendou: » Que gozando a lingua portugueza da preeminencia de ser conhecida e entendida não so em toda a Europa, mas tambem na Africa, na India, na China e no Brazil, deveriam os Portuguezes ter mais cuidado de a purificar e de a conservar na sua perfeição, pois que a não havel-o viria o Brazil a ser a verdadeira torre de Babel. » (6) É

(5) No *canto* que recitou na sessão inaugural do busto do finado conego, celebrada no instituto historico em 6 de Abril de 1848, e que vem no 2º vol. de suas poesias, pag. 79.

(6) O auctor foi mais explicito dizendo: Que no Brazil se nomeam as cousas solidas por palavras com que significam as cousas liquidas, como: *um bocadinho d'agua, um pinguinho de linha ou de trapo, nhannhan, cazuza, etc.* Trivialidades que achei indignas de figurarem no texto da presente noticia.

comtudo menos para admirar que os indigenas sahidos das brenhas, e que os negros arrancados a seus lares concorram para corromper uma lingua, que mal conhecem e na qual nem foram amestrados, do que aquelle que aspirava na republica das lettras os fóros de litterato. Com quanto gôsto não applaudiriam os escriptores seiscentistas a quem achou que o breviario e os livros sagrados de um padre são a *ferramenta de seu officio?* A quem querendo ser claro, afim de ser entendido de todos, expressava-se a mais das vezes pessima e ambiguamente, como quando dizia: « Que ao menos a terça parte dos pretos que tem vindo para o Brazil deveriam ser brancos? »

Ha alguns trechos pela sua obra que parecem ter feito parte de algum sermão talvez pregado pelo interior do paiz; taes são as hyperbolicas narrações em que sempre se manifesta a colera de Deus, em que sempre tem lugar repetidas apparições de anjos, e nas quaes transuda o tom emphatico do orador. Raras vezes é o seu estylo corrente; tam poetico, tam fluente e tam elegante o quer tornar que o empóla e fal-o improprio da obra a que se propôz escrever. Seja prova d'isto o seguinte extracto em que narra a partida da familia real portugueza para o Brazil, e no qual o ridiculo substitue o sublime, que poderiam inspirar as scenas das desolações e as peripecias de um quadro verdadeiramente pungente.

« No principio do seculo XIX e no fim do anno de 1807, no mez de Novembro, principio do hinverno e das mais fortes tempestades nas costas de Portugal, quando as chuvas innundavam os campos, quando os rios engrossados davam muitas aguas, quando o vento sul bloqueava a barra de Lisboa, quando o mar com fluctuantes baterias de cavadas e empoladas ondas, que quebrando umas sobre as outras nos rochedos da terra firme, mostrava a força do seu poder, tapava a embocadura do Tejo e ficava á porta toda a navegação, ja quando o inimigo marchava pelas estradas de Portugal direito á Lisboa. Foi n'esta complicação de perigos, foi nesta crise de multiplicadas diffi-

culdades que o anjo do Senhor mostrou visivelmente as misericordias do altissimo a favor do principe regente de Pórtugal e da sua real familia. De repente a atmosphera rasga o denso e escuro véo que cobria a terra, o vento levanta o bloqueio da barra, e sopra de poupa a proa, com agua de vasante, nas velas da esquadra, o mar põe ao nivel as baterias de suas ondas, o sol qual outra columna de fogo que guiava no deserto os Israelitas e os fazia invisiveis ao exercito perseguidor do rei Faraó, mostra que não ha que temer, mostra que não ha perigo. Desaferra a esquadra do porto, sae ao mar largo: e o inimigo, como dragão raivoso, bate os queixos, morde os beiços, fuzila fogo pelos olhos, deita a espada por terra, convulso e vertiginoso rasga os seus planos mathematicos e no furor de sua desesperação diz: « Estou perdido: Portugal rasgou a mascara da « minha politica impostora, enganei-me com os Portuguezes, « errei os meus passos, cravei a espada no meu proprio coração, « estou desacreditado, mas nem todos me conhecem ainda per- « feitamente; eu farei por illudir os Portuguezes e com a minha « impostura persuadil-os apregoando mel e dando-lhes fel e vi- « nagre a beber, que o principe fugiu e os desamparou, mas que « elles vão a melhorar de fortuna e a ter um bom governo. » Não póde a arvore mà dar bons fructos nem a arvore boa dar maus fructos, diz o sagrado evangelho. Como podia Napoleão Bonaparte ser bom para os Portuguezes, si elle por sua natureza era máu para todos e tinha negação physica e moral para fazer bem por algum principio de virtude? Ninguem dá o que não tem, nem mais d'aquillo que tem.

« Vacillante no delirio da sua paixão, Napoleão conhece que a esquadra russa que tinha mandado para o porto de Lisboa nada tinha auxiliado as suas intenções, ao tempo que repassa pela memoria esta consideração, os elementos retomam o seu imperio, o ar escurece, os ventos redobram suas forças, os mares enfurecidos parecem que estão encarregados das ordens de Neptuno para apprehender a esquadra portugueza, que os

Francezes não poderam agarrar, corre com ella do norte ao sul, do oeste a este, combate o seu costado; mas si n'essa não vem o filho de Deus, na pessoa de homem Deus, como na barca de San Pedro e de San João os filhos de Zebedeo, vem os verdadeiros successores e os legitimos herdeiros dos Affonsos Henriques, dos Sanchos, dos Joãos, dos Manueis; vem os troncos e as virtudes da real casa de Bragança, vem os principes de Portugal e com elles a fe, a religião, a moral, a justiça e a virtude, que os seus maiores mandaram plantar nos climas do oriente, na Africa, e no Brazil; isto basta para ser respeitada, seguir o seu rumo e chegar salva ao porto de seu destino. Neptuno estende o tridente, sceptro de seu imperio, rende vassallagem aos Portuguezes; o mar Oceano entrega saudoso a esquadra ao mar Pacifico. As ilhas ao longe descobrem a luz da aurora, que corre para os pólos como os magos do oriente guiados pela estrella, sahem do seu continente a render homenagem e offerecer os vistosos presentes das producções de seu paiz. A equinocial admira uma tal novidade, e como imperatriz no centro do globo, que corta os dous hemispherios, abre os thesouros dos fluidos elementos e dá passagem a feliz navegação. Ceará, Pernambuco, Bahia, o que é isto que estaes vendo? Rio de Janeiro, de que te admiras? Brazil, applica a tua attenção, abre as tuas portas, estende os teus braços, prepara o desembarque, recebe com todo o respeito e alegria o verdadeiro successor e o legitimo herdeiro de Portugal. »

Não é a sua obra escoimada de alguns erros historicos; que seus censores fizeram-lhe o favor de notar pelas margens, todavia mais conhecedor da historia de Portugal do que da historia do Brazil, frei Manoel Joaquim não foi tam demorado no relatar das nossas cousas; assim a respeito do que nos interessa pouco, muito pouco ha aqui que aproveitar. Os dous extractos que fiz são relativamente: 1° ao descubrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral—ao estabelecimento dos Portuguezes,—á cathechese dos indios,—á missão apostolica dos jesuitas, e aos prejuizos que resultaram da introducção dos negros; e o 2° ao

direito dos Portuguezes ao territorio brazileiro,—ás causas que deram lugar a que se não cuidasse de seu engrandecimento, ao meio adoptado pelos jesuitas para augmento da população,—a povoação do Brazil, maior do que parece, e á diversidade das côres, — á influencia do clima, aos homens eminentes, — e á necessidade de fixação de limites e de conhecimento de seus recursos, etc. O auctor commetteu algumas faltas, cahiu em alguns pequenos erros que não podendo nem devendo corrigil-os no texto procurei fazel-o algumas vezes em ligeiras notas.

É lisongeiro para nós no meio de alguns trechos de dura verdade ver sobresahir a espaços alguns elogios sinceros á nossa patria, e aos homens eminentes que ella ja tem produzido. « O clima do Brazil, diz o auctor, assim como é admiravel na producção dos fructos da terra e na influencia dos vegetaes, posto que tambem é inconstante e irregular na quadratura das suas estações, assim igualmente causa no temperamento e na constituição physica dos corpos humanos uma agilidade e disposição de muita habilidade, que sendo cultivada e aperfeiçoada pelo estudo e pelo exercicio das sciencias, das artes e dos officios póde crear homens sabios para todos os empregos da republica e bom governo do estado; e do Brazil tem ja sahido alguns homens qne pela sua sabedoria, talentos e virtudes tem honrado a nação, dado gloria á patria, e feito estimar a terra de seu nascimento. » O autor revela tambem em suas palavras os seus temores de ver cedo ou tarde o Brazil fugir ao dominio da mãe patria, e proclamar á face do globo a sua emancipação politica, que ja havia custado a vida e o exilio, os ferros e a escravidão a tantos martyres benemeritos; então o grito das colonias inglezas retumbava de echo em echo por toda a America; as gerações novas se alevantavam livres com as cadêas rotas e a frente erguida em face de Deus dizendo como Alvarenga Peixoto: *Libertas, quæ sera tamen!...* Eram justos esses temores; respeitei a opinião do escriptor portuguez

Nictheroy, 28 de Setembro de 1851.

J. Norberto de Souza Silva.

II.

DESCOBRIMENTO DO BRAZIL, ESTABELECIMENTO DOS PORTUGUEZES — CATHECHESE DOS INDIOS — MISSÃO APOSTOLICA DOS JESUITAS — PREJUIZOS QUE RESULTAM DA INTRODUCÇÃO DOS NEGROS.

No anno de 1500 foi descoberto o Brazil por Pedro Alvares (7) Cabral levando sua derrota para India, depois do valoroso Vasco da Gama que tres annos antes tinha dobrado o cabo da Boa Esperança. A furia dos ventos (8) deitou este segundo almirante nas costas da America do Sul; onde debaixo de incultos arvoredos fez celebrar o tremendo sacrificio da missa, a cujas ceremonias assistiram os nacionaes do paiz, ja como primissas da verdadeira religião, que o mesmo Pedro Alvares fez logo conhecer, arvorando a sancta cruz de Christo, ficando por esta causa o nome de sancta cruz a aquella região terra da Sancta Cruz, cujo nome foi mudado em Brazil pelo pau assim chamado que n'elle se cria como diz Barros na decada 1, liv. v. cap. II.

A America austral e septentrional descuberta no mesmo anno

(7) O auctor escreve Pedro Alves. Ja o erudito sr. dr. Joaquim Caetano da Silva demonstrou na sua brilhante *Refutação ao parecer* do sr. Bivar sobre o compendio do sr. Perdigão Malheiros, que Pedro Alvares ou Pedralvares escreveram sempre os Portuguezes contemporaneos do descobridor do Brazil, e assim se lê no epithaphio da sua sepultura.

(8) Veja-se a esse respeito o que disse no desenvolvimento do *programma* que me foi dado por S. M. o Imperador: *O descubrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral foi devido a um mero acaso, ou teve elle alguns indios para isso? Revista trimental do Instituto Tom.* XV *Serie* 2ª n. 6 pag. 125 (1851) V. tambem Memorias sobre o descobrimento do Brazil, na mesma Revista, tomo XVIII, p. 279 (1857.)

de 1500 (9) não tiveram logo pastores da primeira ordem, mas da segunda, porque os bispos hespanhoes de S. Domingos, da Conceição e de S. João do Porto Rico so foram nomeados no anno de 1511 e os portuguezes pelo meado do seculo XVI, como se sabe, da Bahia em 1555, a rogos de D. João III, que passou depois pelas rogativas de D. Pedro II, á metropolitana, reconhecendo-a como tal os novos bispados do Rio de Janeiro e Pernambuco erigidos no mesmo anno, aos quaes se accrescentaram em 1746 os de S. Paulo e de Marianna, com as duas prelazias de Goyaz e Cuiabá, creadas ja como os dous bispados antecedentes pelo papa Bento XIV, a instancias d'el-rei D. João V, no sobredito anno de 1746. Deve-se saber que os territorios de Goyaz e Cuiabá ainda que se digam immediatos a Sé apostolica, não são em tudo, como se pode ver na bulla da sua creação, no avultado Bullario do Bento XIV, o que basta para se dizerem dependentes do archebispado da Bahia.

Os dous bispados americanos que restam, do Maranhão creado em 1677 e o do Pará em 1719, são suffraganeos do patriarchado de Lisboa; como igualmente o bispado do Funchal e o bispado de Angra nas Ilhas. Os de Cabo Verde, de São Thomé e o de Angola na Africa (10); e os bispados da Guarda, Lamego, Leiria, Porto Alegre e Castello Branco, dentro do reino de Portugal. Achando-se hoje sem o de Silves e o de Evora, por haver este passado, pelas supplicas do rei D. João III, em 1540, a archebispado nomeando-lhe por suffraganeos o sobredito bispo de Silves, mudado para Faro em 1580 como o primitivo de Ossonoba para o nomeado de Silves; ao qual se junctaram em reconhecer a igreja de Evora, como metropolitana, Elvas, Beja e o deado de villa Viçosa.

Os escriptores chamam a America a quarta parte do mundo e

(9) Mais adiante o autor confessa que foi no anno de 1492.

(10) E' engano; o bispado de Angola era por este tempo, em que escrevia o auctor, suffraganeo ao arcebispado da Bahia, e assim conservou-se até a nossa independencia.

dizem que ella fora descuberta em 1492 por Christovam Colombo e tem o nome de America de Americo Vespucci, que viajou por ella em 1497, e que so ella forma um continente maior que cada uma das outras partes do mundo; porém nós seguindo os nossos Portuguezes, dizemos que o nosso Brazil foi descuberto no anno de 1500 por Pedro Alvares Cabral; e que este é a terra chamada pelos antigos geographos inhabitavel por ficar debaixo dos Tropicos e n'ella o calor ser muito forte; mas ignoravam que n'ella chove a miúdo, especialmente no tempo do verão, por causa das repetidas trovoadas no Rio de Janeiro; é verdade que estas chuvas não são geraes em todo o Brazil, porque nas capitanias do Ceará e Pernambuco não chove tanto a miúdo e são sujeitas a grandes seccas, algumas vezes de annos, como ja tem acontecido. Entrando pois os Portuguezes, a mesma sabedoria, bondade e amor que os tinham feito tam estimados dos povos de Africa e da India, os familarisaram com os caboclos (11) ou indios habitantes do Brazil. Não podendo logo penetrar o interior dos sertões por serem muito vastos, nem terem estradas seguidas, nem os habitantes entenderem bem a lingua portugueza, estabeleceram-se nas costas do mar e bordas das praias, que são hoje as povoações de mais população e onde corre mais commercio (12). Fizeram uma mutua e reciproca alliança de perpetua amizade com os caboclos, promettendo-lhes sinão expressa ao menos tacitamente, fundados no direito natural e no direito das gentes, de os ensinar, civilisar politica e religiosamente; fazendo com elles um licito commercio debaixo dos principios da humanidade, da piedade, da caridade e do amor fraternal; conservando-lhes o direito da propriedade do terreno, que a Providencia deu a seus paes e a elles para a sua habitação e patrimonio de sua sustentação (13).

(11) Este epitheto que na sua verdadeira accepção significa *avermelhado, tirando a cobre* etc., foi prohibido por lei como infamante. V. o *directorio dos indios do Pará e Maranhão* mandado observar pelo rei D. José I.

(12) A este respeito ja algumas considerações expendi para que as reproduza de novo. V. *Memoria historica e documentada das aldêas de indios da provincia do Rio de Janeiro, introducção.*

(13) A ser verdade tudo quanto diz o auctor, como seriam felizes os nossos

Os Portuguezes fieis a tam justas promessas e a estes tratados, tam bem fundados cuidaram sempre no seu desempenho: E a proporção que foram ensinando e domesticando os caboclos ou indios foram abrindo caminhos e formando povoações ou aldeas no interior dos sertões; por esta razão o Brazil tem hoje mais gente do que parece e será facil saber o numero dos habitantes pelas freguezias e governos das capitanias; porém pode dizer-se que toda esta gente é pouca para a extensão do terreno. que si é verdadeira a opinião vulgar tem oitocentas leguas de Norte a Sul e interessa muito pouco por falta da boa ordem do domicilio, falta dos conhecimentos necessarios das artes e das sciencias, dos officios mecanicos e a applicação da industria.

No anno de 1538 havendo S. Ignacio apresentado o seu instituto da companhia de Jesus ao papa Paulo III o mesmo pontifice o approvou no anno de 1540, constando a sanctidade d'este instituto de uma vida apostolica, da qual informado el-rei D. João III quiz logo por via de D. Pedro Mascarenhas, então embaixador em Roma, alguns dos companheiros de Sancto Ignacio para os mandar propagar a fé na Asia, na Africa e na America como effectivamente o praticou com S. Francisco Xavier, que so por suas celestiaes virtudes desempenhou com abundancia as intenções do soberano monarcha portuguez. Os jesuitas que mandou para o Brazil tambem fizeram progressos na conversão dos indios; mas tendo existido 239 annos, conhecendo os principes da Europa que os não deviam mais consentir foram extinctos pelo papa Clemente IV no anno de 1773, deixando infinito povo ainda nas trevas do gentilismo, que serve ainda hoje de grande obstaculo a extensão da população e ao augmento da agricultura, e olhando para a decadencia dos tempos, para a relaxação dos costumes, para a pouca fe que domina no espirito dos homens e para o desprezo que se faz da verdadeira religião; precisa applicarem-se todos os meios

indios! A legislação, porém, creada a prol d'esses infelizes demonstra mui positiva e officialmente o contrario para que lhe possamos dar credito. V. a respeito o que disse na *introducção* da ja citada *Memoria historica e documentada das aldêas de indios da provincia do Rio de Janeiro*.

possiveis, de qualquer commercio licito para os domesticar por alguma alliança de amizade ou tratado que os convença pelos principios da razão, communicando com elles para conhecerem que os Portuguezes so querem o seu bem e a sua felicidade, e trata-l-os com a mesma honra da humanidade e da religião que tratam os outros seus parentes indios domesticados e civilisal-os: porque instruidos elles n'estes principios será mais facil cathechisal-os, posto que a graça não necessita de tempo para obrar prodigios admiraveis, nem Deus a nega a todo o homem que a deseja, mas nem sempre a dá a todos, diz Sancto Agostinho, porque não tem dispôsto o coração para a receber. Porque a fe é argumento das cousas que não vemos e pelo conhecimento das que vemos subimos ao conhecimento das que não vemos, diz S. Paulo, e esta a recebemos pelos ouvidos e os ouvidos pela palavra de Jesus Christo. Logo como ouvirão os indios a palavra de Deus e receberão a fé de Jesus Christo si não houver quem lh'a ensine, si não houver quem lhes mande bons e verdadeiros operarios do evangelho que façam dar fructos de honra e de virtude a vinha do Senhor Deos de Sabbath?

E' verdade que Jesus Christo disse aos seus apostolos: « Ide por todo o mundo, pregae o evangelho a toda a creatura, ensinae todas as gentes, baptisae-os em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo; ensinae-lhes a guardar os preceitos da lei que vos tenho dado. » E não lhes disse: « Ide por todo o mundo negociar com os povos para os preparar e depois pregae-lhes o evangelho, ensinae-os e baptisae-os. » Porque n'aquelles tempos so os Judeos eram distinguidos pela circumcisão e todo o resto dos homens do mundo eram gentios e os apostolos não procuravam dominios temporaes: nem se ligavam as condescendencias politicas das côrtes para augmentar os estados dos soberanos temporaes; todo o seu fim era destruir o imperio do demonio do coração dos homens e estabelecer n'elle o reino espiritual de Jesus Christo; por isso tanto amavam os principes como os povos, porque eram mandados a pregar, a ensinar e a baptisar a todos e a offerecer-

lhes as preciosas riquezas da graça do redemptor do genero humano; e toda a recompensa do premio que os animava n'esta empreza era beber o calix da morte do salvador e rubricar com o seu proprio sangue as verdades que ensinavam. Mas os gentios do Brazil são hoje um povo particular, que está na demarcação dos estados dos soberanos reis catholicos, que são os depositarios da fe, os protectores e defensores da religião; e este povo está comprehendido nos tratados de alliança e de amizade que os Portuguezes no principio fizeram com os povos do Brazil, como acima mostrámos: e por esta razão dizemos que se devem applicar todos os meios possiveis para os ensinar, baptisar e salvar da perdição eterna, porque está escripto no sagrado evangelho, que quem fizer e ensinar cousas grandes será grande no reino dos ceos.

A distincção maior, que nem uma corporação religiosa tem tido até hoje, que os soberanos fizeram da companhia de Jesus, fez que os jesuitas esfriassem do fervor apostolico com que Sancto Ignacio e S. Francisco Xavier se propozeram a ensinar a mocidade e a converter os gentios com firme intenção do pontifice soberano Paulo III, na approvação da regra d'este instituto religioso; e de missionarios apostolicos se fizessem cortezãos, estando sempre ao lado do principe e do solio pontificio, influindo em todos os negocios politicos e até do mesmo imperador da China, applicando-se aos negocios seculares e temporaes; pois sabemos pelos nossos escriptores que elles moviam as redeas do governo para onde queriam, pela grande ascendencia que tinham sobre o espirito dos povos e confidencia que os monarchas d'elles faziam. Ainda hoje estamos vendo as muitas e grandes fazendas, sumptuosos edificios de muita perspectiva que tinham no Brazil e em todo o reino de Portugal. E quem melhor quizer saber os progressos dos jesuitas nos estados portuguezes lêa a deducção chronologica analytica.

Não sabemos com certeza qual foi a politica dos jesuitas no tempo dos Filipes da Hespanha, mandarem vir pretos da Africa para o Brazil; sabemos sim que ainda hoje continûa este commercio da escravatura, commercio mais prejudicial do que interessante; e

para nos persuadirmos bem d'esta razão, sem pretendermos offender os direitos de cada um, nem querermos ser juiz n'esta causa, comecemos por principios e façamos uma breve demonstração.

Este prejuizo começa primeiramente por uma grande somma de dinheiro que vae todos os annos para fóra do Brazil, o qual applicado a outros estabelecimentos, podia gyrar dentro do continente com interesses mais avultados capitalistas, utilidade publica, augmento da agricultura, perfeição das artes, ornato e formosura do paiz. Segundo, porque os habitantes do Brazil estabeleceram o fundo de sua riqueza e da sua grandeza na compra precaria dos escravos e entregaram-se á indolencia e á inacção com tanta ociosidade, que a maior parte nem sabe fallar portuguez. Terceiro porque os escravos chegando ao Brazil, sem lhes darem ensino, nem educação, sem discernimento nem seria reflexão logo os occupam no trabalho para ganharem dinheiro, sem quererem entrar no exame si é licita ou illicitamente ganhado, e o escravo que dá mais patacas de ganho ao senhor, é por elle reputado um bom escravo. Quarto porque esta gente occupa o logar e gasta o sustento que outra gente mais util e mais interessante ao bem publico podia occupar gastando os mesmos viveres. Quinto porque os escravos em perpetuo captiveiro ficam inhabilitados para serem senhores do seu direito, para formarem troncos geneologicos de familias distinctas, estabelecerem casas, pagarem tributos annuaes e de cooperarem para o bem commum do estado civil e politico, que precisa creação e augmento de população. Sexto porque os filhos dos brancos criados desde tenra idade com os pretos, que não tem creação e regra de bons costumes, nem os conhecimentos necessarios da religião catholica. Como não tem o coração formado na religiosa moral do temor e do amor de Deus, que refrea o homem e o leva a amar a Deus como seu principio e seu ultimo fim e ao proximo como a si mesmo; quando chegam a idade maior de conhecerem o desenvolvimento das paixões e os objectos que o mundo offerece aos sentidos, deixam-se arrastar da torrente da devassidão, porque o seu espirito não tem aquelles sentimentos de honra que

fazem reprimir-se o homem a si proprio e servir de exemplo virtuoso aos outros: por isso tem um grande apparato de palavras pomposas, e docificadas no tratamento dos negocios, mas são pouco solidas nos seus fundamentos, e com a mesma facilidade com que promettem com ella mesma faltam a cumprir o que prometteram. Setimo porque os escravos tudo quanto fazem é forçado e nada de vontade, por consequencia nada adiantam, nem a perfeição nas artes, nem nos officios, nem nas sciencias, nem em tudo o mais que coopera para o bem commum. e a felicidade pûblica da sociedade.

D'aqui se pode conhecer os interesses e os augmentos que os escravos tem dado ao Brazil e a firmeza que pode haver na população que hoje tem, por ser a maior parte ou duas vezes mais escravatura, é a razão porque repetidas vezes temos dito que o Brazil necessita uma boa creação de grande disciplina civil, politica e christan. Porque tambem o mesmo clero secular é regular, que na sua mocidade foi creado com a disciplina dominante no Brazil, quando depois despem os habitos seculares e entram para a herança do Senhor, ornados dos habitos ecclesiasticos, promettendo servirem melhor a Deus e serem perfeitos nas religiosas funcções de seu ministerio, applicando-se a adquirirem a sciencia precisa, consultando repetidas vezes de dia e de noite a Deus e a graça do Espirito Sancto no sancto exercicio da oração; mostra a experiencia quotodiana que hoje não tem estes predicados, nem a sua vida irreprehensivel, nem os seus bons exemplos fazem impressão sobre o espirito do povo para o chamar e para o conter no sancto temor e amor de Deus e na obediencia do soberano e na observancia da lei divina.

Seja quem quizer juiz n'esta causa, decida como melhor entender, mas conclûa e diga que d'aqui segue-se muitos escolherem antes viverem toda a sua vida em sociedade e amizade illicita e escandalosa do que procurarem para sua consorte uma mulher honesta e viver como ella civil e religiosamente em sociedade mutua de amor reciproco cooperando ambos para o bem da felicidade pûblica do estado e da religião. Por isso no Brazil não se distingue o sancto tempo da quaresma do tempo do carnaval, nem se quer ter obe-

diencia aos preceitos da igreja, e por consequencia não se querem confessar ao menos uma vez no anno. Porque são ricos e tem dinheiro quando aspiram as honras civis servem-se de serviços suppostos e dos merecimentos dos outros, compram as dignidades e os empregos por dinheiro para figurarem no pûblico, e ignorantes das leis do soberano e das obrigações que lhes impõe seu officio, vexam o povo, e fazem peccar auctorisado pelo seu exemplo escandaloso. Finalmente concluo e digo que o commercio da escravatura tem sido prejudicial ao reino do Brazil e as familias dos escravos, que hoje existem, nada adianta o plano que temos traçado e repetidas vezes mostrado.

Os indios ou caboclos domesticados estão ja em outra ordem que não estão os pretos, e podiam hoje ser tam interessantes ao estado, como são os brancos e fazerem um povo infinito, si o cuidado e attenção que se tem applicado para conduzir da Africa escravos para o Brazil se applicasse a melhor civilisal-os e a instruil-os, a cooperarem com suas forças pessoaes para o augmento do estado e da felicidade pûblica; mas assim mesmo tem suas povoações formadas em villas e aldêas; formam troncos de geração e ramos de diversas familias alliadas por casamentos; conhecem e sabem distinguir estes graus de parentesco. Tem seus capitães mores e outros capitães e officiaes subalternos que os tem alistado por companhias. São vereadores nas suas villas, cultivam as suas terras e dos fructos d'ellas pagam dizimo; alguns tambem fabricam o seu algodão para vestuario de seu serviço e vão trabalhar as fazendas dos brancos. Eis aqui um principio de augmento e de interesse pûblico.

Mostremos agora por outro principio, que si ao menos a terça parte dos pretos que tem vindo para o Brazil fossem brancos ou familias criadas no exercicio do trabalho e das manufacturas da Europa estas fazendo o seu domicilio e o seu estabelecimento em cada um dos diversos pontos do interior do Brazil, indo as gerações succedendo umas as outras, alliando-se por casamentos umas com outras, cultivando as terras, que é o primeiro objecto que a necessidade de subsistir e o desejo de augmentar e de ter fartura de todos os generos para sustentar uma numerosa familia e uma

grande casa que a razão offerece ao homem; promovendo os officios mecanicos e aperfeiçoando as artes, vindo a fazer com os indios todos junctos por alliança um so povo e uma so familia do rei, soberano pai da patria, qual seria hoje a população das aldêas, das villas e das cidades? Qual seria o augmento da agricultura, abundancia dos fructos de todos os generos, as producções da natureza e da industria, a quantidade de manufacturas, a riqueza do commercio do interior dos sertões para a beira mar, o desimpedimento e a abertura dos caminhos e das estradas por todos os sertões, a direcção dos rios, á segurança das pontes, a forças militares e a navegação? Julgue cada um como bem lhe parecer, resolva este problema a sua vontade e diga: « Então não havia no Brazil a mistura de dialecto que ha hoje, de caboclo, de preto e de branco, havia de haver uma so linguagem e todos se haviam de entender perfeitamente. Não havia de haver preguiça, nem indolencia, nem certos abusos caprichosos de fanforrice, de ostentar riqueza, grandeza e nobreza, quando não podem pagar a quem devem, quando não sabem fazer uma camisa, nem uma meia, e tendo agua ao pé da porta pagam a quem lh'a dê a beber, e outros abusos similhantes, todos prejudiciaes.

Então trabalhariam e ajudariam todos uns aos outros como se faz nas provincias de Portugal. Quanto mais habituados estiverem no exercicio do trabalho e familiarisados com as influencias do clima, melhor haviam de regular as horas e aproveitar o tempo. Haviam de ter forças mais vigorosas e fazerem mais trabalho com melhor ordem, e mais perfeição do que não fazem hoje os negros. Cada uma das capitanias regularia a producção dos fructos annuaes e das suas manufacturas, guardaria para seu uso e sustentação a quantia dos generos de que necessitasse e as sobras mandaria para as outras capitanias mais necessitadas ou as exportaria para outros paizes e d'estes importaria para si outros effeitos que não tivesse. Eis aqui a primeira fonte do commercio, que faz a liga da mutua dependencia das povoações umas das outras, das provincias, dos reinos e das nações.

III.

DIREITO DOS PORTUGUEZES AO TERRITORIO DO BRAZIL—CAUSAS QUE DERAM LOGAR A QUE SE NÃO CUIDASSE DE SEU ENGRANDECIMENTO — MEIO ADOPTADO PELOS JESUITAS PARA AUGMENTO DA POPULAÇÃO — POVOAÇÃO MAIOR DO QUE PARECE, E DIVERSIDADE DAS CORES — INFLUENCIA DO CLIMA — HOMENS EMINENTES — LIMITES E CONHECIMENTO DE SEUS RECURSOS, etc.

Nós ja mostramos que o Brazil fôra descoberto no anno de 1500 ou no seculo 15° por Pedro Alvares Cabral, navegando para a India e vindo a esta altura trazido pela força dos ventos e a primeira posse que os Portuguezes tomaram do Brazil foi quando o mesmo Pedro Alvares n'esta primeira descoberta abordou a terra, levantou uma cruz e um altar debaixo de um grande e copado arvoredo e n'elle fez celebrar o augusto e tremendo sacrificio da missa, a cuja acção assistiram os habitantes d'este paiz, com muita satisfação de verem o que nunca tinham visto, mostrando o desejo que tinham que os Portuguezes continuassem a visital-os para fazerem tratados de alliança e de amizade com elles. Pedro Alvares agradeceu-lhes muito o bom commodo e sincera bondade com que elles receberam os Portuguezes e diz a nossa historia, que lhes deu em signal de agradecimento e de amor varias galantarias da Europa, como campainhas, assobios e outras cousas do gôsto; despediu-se e continuou sua viagem para a India. Ora eis aqui o primeiro direito e o primeiro auto de posse fundado no direito natural e no direito das gentes, firmados e ratificados todos esses tratados com tantos milhares de beneficios feitos no espaço de trezentos para quatrocentos annos, que os Portuguezes tem para se chamarem senhores e verdadeiros possuidores do Brazil, da Africa e da India sem que estes estados nunca em tempo algum possam, por qualquer principio ou pretexto que seja, separar-se da obediencia e do respeito do legitimo governo de Portugal, nem outra qualquer nação semear

n'elles a semente da sizania, que produz o maldito fructo da divisão, da intriga e da discordia ou invadil-os e fazer-se senhor d'elles, sem commetter o mais horrivel attentado contra os direitos mais sagrados da natureza e das gentes. Porque estas conquistas portuguezas não foram feitas à força das armas, do ferro e do fogo, sinão tanto quanto era necessario, para os mesmos Portuguezes se defenderem a si proprios de alguns insultos, para defenderem a sua propria vida e as propriedades de seu commercio: mas foram feitas por amor reciproco, contracto mutuo, convenção, dada e tomada posse pacificamente, por consentimento voluntario e livre, ratificado tudo pelo desempenho das promessas, tanto da parte dos Portuguezes como da parte dos povos d'estes paizes do Brazil, da Africa e da India; porque o unanime consenso e perfeita concordancia dos sentimentos da vontade e dos desejos do coração, formam um direito inalienavel e impreterivel.

Estabelecido e mostrado o direito que tem os Portuguezes de serem verdadeiros e legitimos senhores do Brazil e dos outros seus estados, convem tambem para mais claro conhecimento do que adiante vamos a dizer, mostrar as causas que nos parecem mais attendiveis e coherentes com a razão, que tem concorrido para estes estados não terem chegado a perfeição que podiam ja ter chegado, e cada um de per si ser mais respeitado e de maiores interesses para si mesmo e para o estado commum de toda a nação portugueza. 1° Cada um d'estes estados sendo muito extenso na sua grandeza e muito distante da Europa, Portugal não pôde logo acudir, no principio de sua descuberta e da sua posse, a todos com todas as providencias quantas convinham, e eram necessarias. 2° Porque os estados da Africa e da Asia sendo os primeiros descobertos e possuidos chamaram para si maior attenção de Portugal. 3° Porque Portugal sendo pequeno não podia mandar para estes estados toda a gente, todas as artes, todas as sciencias e todos os officios quanto elles necessitavam. 4° Porque a péste algumas vezes atacou Portugal e despovoou algumas provincias e deu um grande golpe de atrasamento a população do reino e ao augmento e população de seus estados. 5° Porque a perda de el-rei D. Sebastião, com o seu exercito de quinze mil homens, foi outro golpe de grande atrasamento. 6° A morte do cardeal D. Henrique deixando Portugal em tal desamparo e confusão de pretenções sobre quem havia de ficar rei e senhor dos Portuguezes, amorteceu o genio nacional e entorpeceu as artes e as sciencias. 7° Porque el-rei Felippe da Hespanha decidiu pelo direito da força o titulo que teve para se fazer senhor de Portugal. 8° Porque os Portuguezes sessenta annos debaixo do jugo da dominação da Hespanha ficaram inhabilitados para tudo. 9° Porque a muita gente que os Felippes tiraram de

Portugal para fazer guerra a Catalunha e a Hollanda o deixaram como deserto e despovoado. 10° Porque no tempo da restauração, no anno de 1640, estando deserto e despovoado, sem artes, sem sciencias e sem officios não tinha homens creados com todos os conhecimentos precisos, nem forças disponiveis para acudir a toda a parte com todas as providencias necessarias. 11° Ainda depois da restauração foi preciso passar muitos annos para fazer renascer e reorganisar outra vez o genio e o espirito nacional. 12° A dependencia, a condescendencia e a contemplação da França e da Inglaterra e o grande poder da Hespanha, concorrendo em parte para o restabelecimento e segurança de Portugal, não o deixaram engrossar nem adiantar muito.

Estes grandes golpes que Portugal soffreu em diversos tempos mostram a fraqueza a que elle foi reduzido, e si elle n'estas intercadencias não tinha forças superabundantes para a sua defesa e propria subsistencia, como poderia povoar, fortificar e aperfeiçoar as novas conquistas tam distantes do seu continente e tam vastas na extensão do seu territorio? E até parece um milagre da Providencia reconhecerem sempre os Portuguezes por seus legitimos e verdadeiros senhores e possuidores. Comtudo Portugal, sempre do modo que pôde cuidou em fazer todo o beneficio possivel, e applicou-se mais a mandar promulgar a fe do evangelho, a fazer conhecer o sancto nome de Deus e a promover o culto divino da verdadeira religião de Jesus Christo, do que aos negocios temporaes do estado politico. Os padres jesuitas, que foram encarregados d'este tam importante ministerio da salvação das almas, nos estados do Brazil, parece verosimil que conhecendo pela esperança e observação do terreno e influencia do clima a grande abundancia de suas producções vegetaes, a sua muita extensão, o pequeno numero de habitantes nacionaes, a proporção da população que precisava, a impossibilidade complicada por tantas causas, de virem habitantes da Europa, ou por quererem agradar e fazer serviços aos Filippes da Hespanha, ou porque acharam ser conveniente ás vistas dos seus interesses, como dizem, que tinham navios seus proprios, que navegavam para Portugal e para os estados da Africa, chamaram os pretos da Africa para o Brazil e foram casando os pretos com as caboclas, e os caboclos com as pretas, como vemos ainda hoje pelos escravos de Sancta Cruz, para melhor povoar o Brazil, ensinando-lhes os officios para construcção dos grandes edificios e das bellas fazendas, que ornaram de toda a qualidade de plantação e da creação dos gados.

Todos muito bem conhecem que n'aquelles primeiros tempos tambem vieram vindo para o Brazil muitos homens brancos, mas que estes de ordinario foram homens solteiros que vieram ou por

ver e admirar a extensão e capacidade do paiz e n'elle fazerem algum genero de fortuna ou homens criminosos e de procedimentos de ma nota na Europa, ou foram homens encarregados pelo governo portuguez para examinarem os interesses e beneficios e a proporção do genio, do gosto, do bem da humanidade, do patriotismo, do zelo da honra e da gloria da nação, foram formando cidades villas e aldêas, promovendo e cultivando alguns ramos da agricultura e do commercio mais necessario. segundo o estado dos tempos; e que no fim de certo numero de annos estes se retiravam para o reino, e vinham outros que adiantavam o que achavam principiado ou o deixavam outra vez perder ou ao menos n'um estado de meio morto, meio vivo, quando não fosse em uma inacção total. Seguindo-se d'este exemplo retirarem-se tambem para o reino os que n'elle eram mais aceitos, e no Brazil tinham dentro de alguns annos melhorado dos interesses da fortuna e ficarem outros casados com as pretas ou com as caboclas, por este principio foi crescendo a população e a necessidade de sustentar a vida obrigava a certo trabalho de artificio ou da agricultura, mas sem ordem formal de policia, nem perfeita disciplina de bons costumes e claros conhecimentos da boa moral. Seguindo-se tambem d'aqui cada um estabelecer a sua habitação no meio dos sertões onde so tinha por testemunha das suas acções os astros do ceo e os bosques dos arvoredos seus vizinhos, e d'este modo viver segundo as inclinações de seu genio: aggregando a seu partido outros seus similhantes e ali formarem um certo genero de povoação ou uma cova de ladrões e de faccinorosos como se conta da familia dos Fetosas da capitania do Ceará, que eram roubadores, salteadores e matadores; entre os muitos e horrorosos factos que d'elles temos ouvido apontaremos este: « Dizem que o juiz do Ceará sendo obrigado a tirar devassa dos muitos crimes d'esta familia os achara complices nos delictos dos quaes eram accusados pelas testemunhas e que um d'elles forçara o juiz para rasgar a devassa; este não querendo ser traidor a seu officio, o aggressor o atacára de morte; o juiz fugindo correra para a igreja, abraçando-se com o sacerdote que no altar estava dizendo missa, o aggressor ali mesmo o cutilára de feridas mortaes, que ja com as ancias da morte se despegára do sacerdote, e voltando para a porta da igreja, abraçado com uma cruz que ali estava, expirou. »

Por estes e outros similhantes principios, mostra a razão que foi crescendo a população no Brazil, e ao mesmo tempo foi promovido o christianismo, que no anno de 1555 foi creado o bispado da Bahia, a instancia do sr. D. João III, rei de Portugal, e foi elevado a dignidade de arcebispado a rogo d'el-rei o sr. D. Pedro II, no anno de 1676, e os outros bispados do Brazil, foram creados a rogo do sr. D. João V, no anno de 1746 e d'ahi por diante. Correndo os

tempos e recobrando Portugal mais algumas forças, mostrou a mesma razão que vieram homens para os governos, e para os empregos já creados ou novamente estabelecidos no Brazil; trazendo as suas familias, e como é natural que uns morressem, outros ficassem e ao mesmo tempo fossem casando as familias dos brancos umas com as outras, tambem por este principio se foi augmentando a população dos brancos na linha europea. Esta multiplicação da população chamou da Europa alguns generos manufacturados de mercadorias, esta navegação trouxe para o Brazil mais casaes de familias, e finalmente as companhias do Brazil, estabelecidas em cada uma das capitanias, e o commercio das casas estabelecidas no Brazil permittido por el-rei o senhor D. José I, tudo isto augmentou muito mais a população do Brazil, mas as familias dos brancos, pela maior parte, estão estabelecidas nas terras maiores e muito poucas ou nem uma se encontra no interior dos sertões, porque os habitantes d'estes cantões de ordinario são caboclos, pretos e pardos. D'onde se mostra que o Brazil é povoado, mas sem ordem formal nas povoações, sem policia na civilisação, sem perfeita disciplina nos bons costumes, sem claro conhecimento do direito da sociedade das gentes, e da boa moral; por isso não faz escrupulo a maior parte, de ouvir missa nos dias de preceito, de comer carne nos dias de jejum e de faltar a outras praticas de edificante e religiosa piedade, determinadas pela igreja.

De sorte que o Brazil, esta povoação de caboclos domesticos, de caboclos bravos ou gentios, de pretos, de pardos e de brancos, tem no numero dos brancos a mais pequena parte. Seguiu esta população a marcha da educação, do ensino, da policia e da civilisação, que pelos principios acima temos mostrado, pode muito bem cada um formar juizo do quanto a agricultura, as artes, as sciencias e os officios estão atrazados, os poucos interesses que tam numeroso povo dá ao continente do Brazil e quanto pela falta do conhecimento d'estes principios são voluveis, inconstantes, faceis nas promessas, engenhosos na exposição de grandeza, mas vagarosos e embaraçados na demonstração da verdade das cousas que expõe e das promessas que fazem. D'aqui se mostra que a lingua portugueza, que devia ser pura e a unica dominante nos estados de Portugal, está no Brazil involvida com a lingua cabocla, com a lingua africana, com a franceza, com a ingleza, com a italiana, e outras mais que a tem alterado, quanto é possivel. Estas quatro qualidades de gente, ainda que são distinctas umas das outras pelos accidentes das côres e muita diversidade de costumes, comtudo são um so povo e todos fazem uma só familia do soberano pai da patria, porque todos tem a mesma natureza, que no seu principio foi creada uma so e ainda não tem havido outra. Os accidentes das côres pela mistura das al-

lianças carnaes successivas, na mesma linha mistiça de branco casado com preta, ou cabocla, ou de preto e caboclo casado com mulher europea branca, continuando sempre os casamentos n'esta linha misturada, no fim de tres generações ou de cento e cincoenta annos, pode esta mistura não mostrar ja sinão um accidente de côr e é mais natural que seja uma so côr branca, pois a experiencia quotidiana nos está mostrando que o filho de preta e de branco e os filhos de pardos e pardas ja n'este segundo grau, que se apartam mais do seu primeiro tronco. Portanto continuando as gerações assim n'estas linhas podem vir a ficar de uma so côr, pois a natureza é sempre uma em todos. Alexandre de Gusmão discorrendo sobre estes mesmos principios, mostrou na sua carta bem vulgar, sobre os puritanos, para cima de trinta e dous quartos avós na arvore do costado de cada um de nós ou para baixo de doze mil filhos e filhas. O senhor dom José I, de gloriosa memoria, e a augusta soberana dona Maria I, deram todo o valor a este calculo geneologico e a melhor ordem possivel aos negocios politicos: d'onde havemos de concluir que o fiel e obediente vassallo que faz honra a sua mesma pessoa, e edifica aos outros pelos exemplos dos seus bons costumes, das suas acções generosas, da sua religião chea de piedade, e finalmente o homem que obra em tudo com rectidão de justiça e faz actos virtuosos, é um verdadeiro membro da republica, um zeloso patriota, um amante do principe, um bemfeitor dos necessitados, porque estas suas virtudes sublimes que formam o caracter de sua honra, do seu respeito e da sua estimação, publicam e dam a conhecer o bom credito da sua casa e da sua familia, e não necessitam de enfeites e de côres envernizadas para o fazerem conhecer, nem elle as procura, porque o merecimento do seu patriotismo lhe traz á casa as honras civis, para maior esmalte da sua virtude, e estas sendo a recompensa do merecimento dos bons serviços feitos á patria illustram mais a mesma pessoa que os recebe e fazem a nobreza da sua casa mais distincta, que apparece sempre sem equivoco, porque tira o seu valor dos merecimentos pessoaes sem nodoa, e dos bons serviços feitos a patria, sem nota. E as honras compradas por dinheiro são sempre equivocas, as mais das vezes tinctas do verniz da injustiça, da usurpação de pouca fidelidade, de serviços suppostos, de merecimentos herdados e virtudes nem'uma.

O clima do Brazil assim como é admiravel na producção dos fructos da terra e na influencia dos vegetaes, posto que tambem é inconstante e irregular na quadratura das suas estações, assim igualmente causa no temperamento e na constituição physica dos corpos humanos uma agilidade e disposição de muita habilidade que sendo cultivada e aperfeiçoada pelo estudo e pelo exercicio das sciencias das artes e dos officios pode crear homens sabios para todos os em-

pregos da republica e bom governo do estado; e do Brazil tem ja sahido alguns homens que pela sua sabedoria, talentos e virtudes tem honrado a nação, dado gloria á patria e feito estimar a terra do seu nascimento. Todos estes predicados mereceram que Portugal olhasse com attenção mais viva para o Brazil, que ha muitos annos chamava para o seu continente a real presença de seus augustos e soberanos principes, até que no seculo 19° mereceu entrar na feliz epocha da sua regeneração e subir a grande distincção de tanta nobreza que os seus maiores desejaram e não poderam ver: quasi como deslumbrado do magestoso esplendor de tanta nobreza e tanta grandeza ainda não pôde bem tomar medidas ajustadas do verdadeiro plano da sua perfeição e dos seus interesses communs, e de toda a sua nação: mas é de esperar que seja desterrada a preguiça, removida a indolencia e todos animados de um mesmo espirito patriotico, sejam bons philosophos de obras, não de palavras, cooperando com solidos fundamentos a aperfeiçoar e a acabar de construir, como boa creação, este grande edificio do continente do Brazil, que os nossos antigos começaram e pelas causas e successivos inconvenientes que ja mostramos não poderam concluir nem aperfeiçoar; pois si nós temos a honra de sermos seus descendentes e herdeiros de seu valor, devemos tambem ter a gloria de sermos imitadores dos seus bons exemplos e das suas religiosas virtudes. Não podemos esperar grandes premios, nem muitos interesses sinão depois de muitos trabalhos e de grandes beneficios; sirva-nos de guia na carreira de nossas emprezas o sempre muito louvavel e glorioso exemplo dos nossos serenissimos infantes, filho do senhor dom João I, rei de Portugal, que so depois de terem feito honrosos e gloriosos serviços á patria, so depois de terem militado e combatido na guerra contra os mouros, so depois de terem tomado Ceuta e convertido a mesquita de Mafoma em religioso templo, dedicado ao culto divino do verdadeiro Deus, então é que receberam a grande honra, então n'elle é que foram armados cavalleiros.

Acabada pois a guerra, entrando no tempo da paz é a occasião de sabermos a verdadeira demarcação de limites da grande extensão de nossos estados, é o tempo proprio de termos uma idéa clara e distincta de todo o Brazil, de sabermos os confins de seu comprimento, da sua largura, da embocadura de seus rios e abundancia de sua pescaria e as producções de sua natureza; a direcção e a navegação de que são susceptiveis; as producções vegetaes e mineraes de suas terras; os meios politicos e mais prudentes que podem se applicar para domesticar e catechisar os caboclos bravos ou gentios; o numero dos cidadãos, das villas e das aldêas que tem cada uma das capitanias, o numero de fogos e de almas que tem cada povoação; as freguezias que tem e as leguas de sua extensão; as novas freguezias

que se podem crear em cada bispado e em cada capitania ; as novas povoações que se podem fazer pelo interior e fronteiras dos sertões; os sitios e terrenos de melhores aguas e de bons ares para estas n'elles se estabelecerem ; as estradas e as pontes que se podem fazer para se communicarem as capitanias, e as povoações pelo interior do continente umas com as outras ; as estalagens ou hospedarias que podem e devem haver n'estas estradas para arrecadação do commercio terrestre e accommodação dos passageiros; os portos e bahias que tem melhores, mais fundos e abrigados dos ventos para ancoradoiro das embarcações, as fortificações que se devem fazer pela parte do mar e por dentro da terra. Finalmente esse é o tempo de sabermos e de fazermos todos os beneficios que necessita o Brazil.

E quem nos obriga a isso? Obriga-nos o zelo do bem commum, o amor da patria, o direito natural e o direito da sociedade, que nos une em um so corpo composto de um numeroso povo, que é todo como uma so familia do soberano pai da patria ; obriga-nos a fraternidade, e o amor de uns para com os outros ; obriga-nos os interesses reciprocos de cada um em particular e de todos em commum ; obriga-nos a propria defesa e a nossa mesma conservação; obriga-nos a honra pessoal, e a grandeza nacional ; obriga-nos, finalmente, estarmos persuadidos que os Portuguezes foram sempre uma nação illustrada pelos principios da razão natural, pelos principios do direito das gentes, pelos sólidos principios da verdadeira religião, e como taes respeitados e estimados das outras potencias.